

O SANATÓRIO

Deborah Findeiss

O SANATÓRIO

Deborah Findeiss

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe ***Le Livros*** e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O ***Le Livros*** e seus parceiros disponibilizam conteúdo de dominio publico e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: ***LeLivros.org*** ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."

Sumário

Capítulo I - JULIE
Capítulo II - WAVERLY HILLS
Capítulo III - ALA PSIQUIÁTRICA
Capítulo IV - ANDREW
Capítulo V - PURGATÓRIO

Capítulo I
JULIE

Era manhã de outono de 1931 quando um carro preto subiu a colina de Louisville, em Kentucky. O motorista, vestido de acordo com a ocasião, nada dizia enquanto a jovem passageira, no banco de trás, olhava pela janela do carro com os olhos arregalados, assustada com o que a aguardava no topo da colina.

Julie Hasherfield usava uma camisa de botões cinza combinando com uma saia justa nos quadris que ia até seus tornozelos em corte reto. Um cinto da mesma cor marcava sua cintura fina enquanto seus ombros eram acentuados pelo corte de sua roupa. Usava luvas pretas combinando com seus sapatos baixos e com sua boina usada de lado sobre seus cabelos castanho claros e ondulados artificialmente na altura dos ombros. Em seu lado, no banco do carro, estavam duas malas que a acompanharam desde Ohio até o seu destino final, o Hospital de Waverly Hills.

A forte epidemia de tuberculose que aterrorizou a América na década de 1910 fez com que aquele hospital fosse construído para tratar a doença, no mesmo ano. Com 150 leitos disponíveis, o hospital estava abrigando cerca de três vezes mais pessoas doentes do que sua capacidade, então, um prédio muito maior foi construído ao lado, ficando pronto em 1926. O novo hospital tinha capacidade para abrigar mais de 400 enfermos, o que era extremamente necessário na época.

Naquele ano, em 1931, cinco anos após sua abertura, Waverly Hills estava ainda lotado, o que fez com que Julie fosse contratada como enfermeira para auxiliar no tratamento dos enfermos. Apesar de ser seu primeiro emprego, inclusive longe de casa, era extremamente necessário para ajudar sua família. Seu pai havia ficado desempregado devido à crise de 1929 e estavam passando por dificuldades desde então. Tendo em vista a oportunidade de trabalhar como enfermeira no melhor hospital de tratamento de tuberculose do país, Julie não

mediu esforços. Era seu sonho ajudar pessoas desde que seu irmão mais velho cometeu suicídio, quando ela tinha apenas 12 anos. Ela o havia encontrado enforcado em seu quarto, em uma tarde de primavera. Ele lutava contra uma depressão que ela nunca entendeu. Agora ela estava com 18 anos, pronta para ajudar pessoas da maneira que podia.

Enquanto o carro sacodia devido à estrada de chão, Julie se encontrou pensando na família. Seu pai era extremamente autoritário e conservador, e, quando percebeu que não poderia mais sustentar a família, tornou-se uma pessoa amarga, trazendo sofrimento para sua esposa e filha. Se rendeu ao alcoolismo e ao adultério, traindo sua esposa com prostitutas baratas e tornando-se uma pessoa extremamente violenta. Apesar de tudo, Julie sabia que ele estava passando por uma fase difícil e relevava muitos dos seus atos, mas protegia e acolhia sua mãe sempre que podia. Ter conseguido um emprego em outro estado fez com que ela pudesse ficar longe daquela situação difícil por um tempo, mesmo com a dor de deixar sua mãe sozinha com aquele homem que já não reconhecia mais como pai. Sabia que era o certo a fazer, apesar de tudo, conseguir um bom emprego com bom dinheiro para que eles não passassem fome. Seu pai não aceitou muito bem que sua filha fosse sua fonte de renda, e deixou com que o orgulho o levasse a ser contra a ida de Julie. Mas depois de um tempo, sem que ele e sua esposa conseguissem um emprego, ele teve que aceitar a ida da filha, pois, afinal, que outra escolha ele tinha?

Com lágrimas nos olhos, naquela última tarde antes de sua partida, Julie fez as malas, teve o apoio da mãe e partiu para Louisville, a fim de melhorar sua vida. Havia passado por dias tristes, mas tinha esperança de que tudo iria melhorar.

Mas, por algum motivo, naquele momento, chegando tão perto do seu destino que deveria mudar sua vida, observando as árvores com folhas secas em uma paisagem marrom na subida daquela colina, Julie sentia que seus dias não seriam tão diferentes.

O motorista enfim parou o carro em frente a um grande prédio de cinco

andares, com muitas janelas que Julie era incapaz de contar. Sobre a grande porta de entrada, lia-se o nome “Waverly Hills” em uma placa de metal. Ela soltou um suspiro de surpresa ao olhar para aquele lugar. Não imaginava o tamanho daquele hospital, quando se candidatou à vaga de enfermeira.

Mesmo assim, ela seguiria em frente. Era tudo novo e um pouco assustador para ela, mas Julie sabia que era isso o que queria e precisava fazer.

– É aqui que a senhorita fica, srta. Hasherfield. – Disse o motorista.

Ela agradeceu, voltando a si por um momento. Tentou oferecê-lo algumas moedas, mas ele as recusou. Julie então vestiu sua capa de inverno, pegou suas malas e saltou do carro, ainda admirando aquele enorme prédio que deveria mudar sua vida.

O motorista acelerou o carro e desapareceu na estrada.

À sua espera, nas escadas do hospital, estava uma jovem mulher vestida de enfermeira, com as mãos cruzadas em frente à saia. A mulher foi até ela, percebendo que Julie estava assustada e surpresa.

– Você deve ser Julie, a nova enfermeira, não é mesmo? – Disse a mulher, sorrindo de leve para ela, tentando ser simpática.

Julie virou seu olhar a ela. Era uma mulher alta e magra, bonita, com cabelos negros ondulados, lábios vermelhos como sangue e olhos azuis como o céu na tarde de primavera em que ela encontrou seu irmão pendurado pelo pescoço. Não aparentava ter mais do que 25 anos. Seu uniforme estava impecavelmente limpo e passado. Usava uma saia de algodão que ia até os tornozelos, meia calça quase imperceptível e uma camisa branca de mangas curtas, abotoada até o penúltimo botão. Seus sapatos eram brancos de salto baixo e ela usava um chapéu de enfermeira na cabeça, preso por grampos em seus cabelos. Julie percebeu que também teria que se vestir assim dali em diante.

– Oh sim. – Respondeu Julie enfim, depois de voltar a si, apertando a mão da enfermeira e sorrindo sem graça.

– Meu nome é Mary Hillenburg. – Apresentou-se, ainda sorrindo. – Serei sua colega de quarto e lhe mostrarei o local. – Voltou suas mãos na posição

inicial, em frente à sua saia de algodão. – Prazer em conhecê-la, Julie. Vamos?

Julie assentiu. Mary então começou a andar em direção à lateral do hospital, à direita de Julie, e ela a seguiu, ainda olhando ao redor, enquanto a enfermeira falava sobre o local.

– Os enfermeiros e médicos ficam em quartos construídos atrás do hospital. – Explicou Mary. – Venha, vamos deixar suas malas no seu quarto. Deve estar cansada da viagem. – Ela ia dizendo, enquanto pegava uma das malas das mãos de Julie. – Deixe-me ajudá-la.

– Obrigada. – Agradeceu, enquanto seguia a enfermeira em direção aos prédios menores nos fundos do hospital.

Enquanto olhava ao redor, Julie sentia fascinação e aflição ao mesmo tempo. Aquele lugar não parecia ser o melhor hospital do país. Sabia que hospitais não eram locais felizes, mas aquele, particularmente, era triste demais. Parecia que a tristeza pairava no ar, e podia ser sentida, respirada. Via enfermeiros vestidos de branco e médicos de jaleco andando de um lado para o outro, apressados, levando papéis, fichas de pacientes e materiais de medicina em suas mãos. Ninguém parecia notá-la, enquanto ela observava.

Passaram pelo jardim do hospital, que deveria ser lindo na primavera. Alguns dos vários pacientes andavam e descansavam por ali, visivelmente habilitados. Todos tossiam uma vez ou outra e alguns dependiam de cadeiras de rodas ou leitos devido à fraqueza que a doença proporcionava. Ela sabia que a tuberculose, doença sem cura conhecida naquela época, era tratada com ar fresco, comida nutritiva e muitos banhos de sol ao longo do dia. Aqueles pacientes deveriam estar aproveitando seu banho de sol, mesmo que não fosse um dia muito bonito, aquela tarde de outono. Ventava e Julie sentia um pouco de frio. Cogitou que aqueles pacientes ali, expostos àquele vento, talvez estivessem piorando sua saúde ao invés de melhorar.

Julie sentiu tristeza e pena ao mesmo tempo, ao ver pessoas assim. Mas aquele era o trabalho dela de agora em diante. E não deveria transmitir nada além de esperança para os doentes. Sentimentos ruins e pena só faria com que a

saúde psicológica dos enfermos piorasse.

Podia notar que Waverly Hills havia sido construído no topo de uma colina e no centro de um enorme bosque. Ao redor do hospital e atrás da área em que os pacientes passavam o tempo, haviam muitas árvores. Era para aquele bosque que Julie olhava pela janela do carro mais cedo, enquanto subia a colina passando por uma estrada de chão. Era uma imensidão de árvores altas, e, sem nenhuma espécie de proteção ao seu redor, era fácil que os internos se perdessem ali.

Olhou para cima por um momento, pois sentiu que estava sendo observada, e viu uma mulher idosa com cabelos grisalhos descabelados a observando de uma das janelas do quinto andar enquanto andava. Aquela senhora a seguia com o olhar até que Julie sumisse de sua vista. A jovem sentiu um calafrio naquele momento.

– É aqui que ficamos. – Disse Mary assim que os pequenos prédios atrás do grande hospital foram avistados. Eram dois blocos, um ao lado do outro, de dois andares cada, repleto de quartos. Pareciam hospitais menores, mas serviam para que os funcionários tivessem um local para morar durante os anos de trabalho em Waverly Hills. Já que o hospital ficava no topo de uma colina, era inviável que os funcionários fossem trabalhar e voltassem para casa todos os dias. No inverno, quando nevava, era impossível, pois a estrada fechava de neve. As pessoas que ali trabalhavam viviam ali, e só iam para casa nas férias, passar um período na cidade, o que demorava para acontecer.

Mary entrou em um dos prédios e Julie a seguiu.

– Neste bloco da direita é aonde ficamos. – Ia dizendo a enfermeira. – As mulheres. No bloco da esquerda, ficam os funcionários homens. As enfermeiras ficam no segundo andar. Aqui embaixo, cozinheiras e faxineiras. – Subia as escadas enquanto falava.

Julie passou por algumas pessoas no corredor, mas elas nem a olhavam. Pareciam ocupadas demais para notá-la.

Mary então finalmente parou em frente a uma porta, pegou as chaves

em seu bolso e abriu-a. As duas entraram no quarto, que era pequeno e simples. Haviam ali duas camas, uma ao lado da outra, com um criado-mudo de madeira em meio a elas, com duas gavetas. Mary explicou que Julie podia ficar com a gaveta de baixo. Um abajur ficava sobre ele. Ao lado da porta, um pequeno armário de madeira com duas portas, que elas também dividiriam, e um espelho pendurado na parede ao lado do armário. Era ali que Julie iria ficar por um bom tempo de sua vida.

Mary colocou a mala de Julie que levava sobre uma das camas.

– É aqui que vai dormir. – Disse ela, sorrindo. Julie ainda olhava ao redor, observando o quarto, quando finalmente pôs sua mala sobre a cama. – Eu sei que é difícil no início, mas vai se acostumar, eu prometo.

Julie assentiu. Esperava que sim.

– Aqui somos em 75 médicos e enfermeiros, e mais cerca de 30 funcionários na área da limpeza e cozinha. – Explicou Mary. – Somos em muitos, mas o hospital está superlotado devido à epidemia de tuberculose. Mesmo quando não temos mais vagas, não podemos negar novos internos, pois eles não podem mais viver em civilização depois que descobrem a doença. É muito triste. – Suspirou, mas logo voltou a falar. – Desculpe, não quero te deprimir logo no início do seu primeiro dia. Vou te explicar como funciona o horário dos funcionários. Acordamos sempre às seis, nos arrumamos e vamos cuidar dos doentes às sete horas da manhã, que é o horário de acordá-los e alimentá-los. O banheiro fica no fim do corredor, onde há chuveiros, dez divisórias com sanitários e um espelho maior, se preferir para se arrumar. As meninas aqui do hospital se dão bem, mas não somos melhores amigas, se é que me entende. O café da manhã é na cozinha, comemos antes dos enfermos, cerca das 6:30h da manhã. Você foi contratada para cuidar dos doentes, mas às vezes temos que fazer trabalhos de outras funções também devido à superlotação, pois são poucos enfermeiros para muitos internos. Eu, por exemplo, trabalho na ala psiquiátrica, cuido pessoas com transtornos mentais, mas às vezes tenho que auxiliar na ala dos doentes, também.

– Ala psiquiátrica? – Questionou Julie. – Não sabia que havia ala psiquiátrica aqui em Waverly Hills.

Ela tinha, na verdade, interesse nessa área. Sabia que hospitais psiquiátricos daquela época geralmente abrigava pessoas com doenças mentais, ou o que era considerado doença mental na época, como a esquizofrenia, a hiperatividade, a epilepsia, demência, histeria, ninfomania e até mesmo a depressão, que era o que seu irmão tinha. Cuidar de pacientes assim a ajudaria a entender melhor o estado em que seu irmão se encontrava quando cometeu suicídio. Tudo o que não era bem visto pela sociedade era motivo para mandar alguém à um hospital psiquiátrico. Até mesmo a homossexualidade era considerada doença mental.

– Pois é. – Respondeu Mary. – Há muitas coisas que o mundo exterior além da colina não sabe sobre Waverly Hills. A tuberculose, depois de um tempo, começa a afetar seu cérebro de alguma maneira. E assim, as pessoas com essas condições são mandadas para o quinto andar, o andar da ala psiquiátrica. É lá que eu fico.

Julie fez um sinal de afirmação com a cabeça. Mary continuou.

– Temos também algumas crianças com tuberculose que ficam no quinto andar também. – Suspirou e engoliu em seco antes de continuar a falar. Parecia que estava prestes a dizer algo difícil. – E, infelizmente, temos que lidar com muitas mortes todos os dias. Muitas mesmo. Espero que você esteja preparada para isso.

Julie engoliu em seco. De fato sabia, antes de se candidatar à vaga de enfermeira, que muitas pessoas morriam de tuberculose diariamente devido à cura desconhecida da doença. Sabia que Waverly Hills tentava de tudo para salvar seus pacientes, incluindo cirurgias e métodos de tratamento, mas todos muito pouco eficazes. Porém, lidar com isso pessoalmente deveria ser mais difícil do que ela pensava.

– Quando uma pessoa é diagnosticada com tuberculose, ela tem 24 horas para se instalar em Waverly Hills. Recebemos pessoas novas nessas

condições todos os dias. Muitas delas vêm contra a sua vontade, mas como é uma doença altamente contagiosa, não têm muita escolha. – Continuou Mary. – O mesmo acontece na ala psiquiátrica, aonde a família ou a própria sociedade decide internar a pessoa. Alguns pacientes entram aqui diretamente na ala psiquiátrica, quando já estão delirando com a doença. Não é tão comum, pois essa ala é muito menor do que a ala dos doentes e não são todos que chegam a esse ponto. Apenas aceitamos internar pessoas com a doença, para evitar superlotação, embora muitas pessoas tentam internar outras com problemas psicológicos, mas saudáveis fisicamente. Aqui, como a chance de cura é quase nula, muitas pessoas são esquecidas pela família, abandonadas ou já chegam aqui como indigentes. Waverly é sustentado pelo governo, então não é necessário pagar para ficar aqui, apesar de aceitarmos doações sempre que oferecidas. – Mary respirou fundo. – Mas, infelizmente, nossa taxa de morte é incrivelmente alta, por mais que tentamos evitá-la.

– Que horror. – Exclamou Julie, sem pensar.

Mary percebeu a expressão de Julie e tocou-lhe o ombro, tentando confortá-la.

– Pense nisso como um avanço na medicina. Pense que essas pessoas já estão destinadas a morrer desde que colocam os pés aqui, tudo o que fazemos é tentar acabar com o sofrimento delas. Pense que elas estão colaborando para que a cura seja finalmente encontrada e a epidemia seja finalmente vencida. Acreditar nisso me ajudou muito ao longo dos cinco anos que trabalho aqui. Se você não acreditar nisso, vai ser difícil durar muito tempo.

Julie estremeceu.

– Uma vez que uma pessoa é destinada a Waverly Hills, ela nunca mais sai. Nosso dever é fazer com que isso seja o menos doloroso possível.

* * * * * * * * * * * *

Julie seguia Mary enquanto ela mostrava o hospital. Andavam por longos corredores que pareciam nunca mais ter fim. No centro de cada andar, ficava o grande elevador para transporte de macas, e, no fim do corredor, as escadas.

Mary explicava cada andar enquanto andavam.

– No primeiro andar ficam os banheiros, a cozinha, a sala dos enfermeiros, a sala de repouso para os pacientes e a sala de refeições. Também ficam alguns quartos para pacientes com necessidades, como cadeira de rodas, por exemplo. Mas são poucos. No final do corredor do primeiro andar fica o necrotério de Waverly Hills. Os corpos das pessoas que não resistem são mandados para lá para estudos e autópsias. – Disse Mary, como se fosse algo normal. Julie estremeceu, mas, antes que pudesse fazer qualquer pergunta, Mary continuou. – Nos andares acima, quartos. A sala de cirurgias fica no quarto andar. Você vai auxiliar muito, lá. Espero que tenha estômago forte. – Mary a olhou de cima a baixo, julgando sua aparência ingênua. – Infelizmente, às vezes não conseguimos material de anestesia para todos os pacientes, e alguns são operados às pressas sem anestesia. No inverno é ainda pior. Com a neve bloqueando a estrada, usamos um túnel para receber mantimentos, comida e material cirúrgico. É aí que a situação fica precária. – Mary suspirou.

Julie olhou para fora do corredor em que estavam, que eram abertos e possuíam apenas muros de proteção. Avistou, mais afastado do hospital, pelo lado esquerdo, lado contrário que haviam passado anteriormente para irem ao prédio dos funcionários, que haviam algumas cruzes de madeira fincadas no chão, enfileiradas, como um cemitério. Era quase imperceptível, quase tomado pelas árvores ao seu redor.

Ela engoliu em seco.

– O que é aquilo? – Perguntou.

Mary suspirou de novo, ainda mais fundo.

– Como eu já lhe disse, temos uma alta taxa de mortes aqui no hospital. E aquele é o destino dos indigentes que morrem aqui, ou dos pacientes

abandonados pela família, que não fazem questão de receber os corpos para o funeral.

– Mas isso é terrível. – Exclamou Julie.

– No inverno, quando os túmulos estão cobertos pela neve e fica impossível de cavar uma cova, doamos os corpos dos indigentes para faculdades de medicina e experimentos científicos.

– Mas como o carro funerário chega até aqui em cima, no inverno?

Mary deu uma risadinha sem graça, agarrou o braço de Julie e sussurrou a resposta no seu ouvido.

– Os carros esperam lá embaixo, no fim do túnel. – Apontou ela para um túnel de concreto que ficava mais afastado do hospital, a alguns metros do cemitério improvisado. Era um pouco difícil de vê-lo devido às folhas secas caídas sobre ele, mas Julie pôde perceber que ia até o final da colina e tinha apenas alguns pontos de iluminação no teto, ao longo do seu comprimento. Ele continha grandes portas de metal em suas saídas. – Ele é usado para transportar mantimentos, mas também tem a função de transportar corpos das vítimas. São tantas mortes que transportamos os corpos em carrinhos, empilhados, até a base da colina, aonde a família da vítima espera com um carro funerário. Mas não comentamos sobre o túnel aqui, pelos corredores. Apenas médicos e enfermeiros sabem disso. Os pacientes não devem ter noção do número absurdo de mortes que temos que lidar todos os dias. Isso os faria perder as esperanças. A saúde psicológica deles é uma grande preocupação. Eles sabem que algumas pessoas morrem, isso é inegável, por isso nunca questionaram o cemitério de indigentes. Também precisamos fazê-los pensar que há, de fato, uma família esperando por eles quando eles se forem, se eles morrerem. Mesmo que isso seja mentira. Ninguém quer ser enterrado no quintal dos esquecidos.

Ela soltou o braço de Julie, que a olhava com os olhos arregalados. Aquela jovem era visivelmente ingênua, tímida e quieta demais. Era necessário explicá-la tudo pacientemente. Mas Mary não se incomodava com isso. Sabia que Waverly Hills não era algo fácil de se aceitar desde o início.

– Venha comigo, vou lhe mostrar os outros andares. – Disse Mary, indo em direção às escadas.

Julie deu uma última olhada para o cemitério, aonde pôde ver um velho senhor começando a cavar mais uma cova com uma pá. Em seguida, seguiu a enfermeira.

Estavam subindo as escadas quando passaram por um médico, que estava descendo. Mary parou de imediato.

– Dr. Hoffman! – Exclamou Mary, sorrindo, com uma voz um pouco juvenil. Ela levou suas mãos ao cabelo rapidamente, arrumando-o em um gesto rápido e nervoso. – Esta é Julie, ela vai trabalhar como enfermeira aqui. – Apresentou Julie, pegando-a pelo pulso.

O médico a olhou de cima a baixo e em seguida deu um sorriso sem mostrar os dentes. Malicioso, de um certo modo. Ele parecia ter trinta e poucos anos, com os cabelos já grisalhos nas laterais, mas ainda muito bonito. Seus olhos eram verdes e seus cabelos do topo da cabeça, que ainda não estavam brancos, eram negros. Usava um jaleco e levava papéis em uma das mãos, que lia antes de Mary interrompê-lo.

Ele estendeu a mão para cumprimentá-la.

– Prazer em conhecê-la, Julie. – Disse ele. – Pode me chamar de John.

Ela apertou sua mão, sorrindo também. Em seguida, ele continuou a descer as escadas e chegou ao primeiro andar, continuando a ler os papéis em sua mão.

Julie olhou para Mary e percebeu que ela o seguia com o olhar azul até que ele desaparecesse pelos corredores. Sua expressão de fascínio era óbvia.

– Você gosta dele. – Disse Julie, rindo com o canto da boca. Afinal ela não era tão ingênua assim.

Mary voltou a si, perdida em pensamentos.

– Não seja tola! – Disse ela. – Dr. Hoffman é casado. – Sussurrou.

Em seguida Mary voltou a subir as escadas e Julie continuou a segui-la.

– A mulher dele trabalha aqui? – Perguntou Julie enquanto andavam.

– Não, ela mora na cidade. Ela não trabalha. – Disse Mary. – De qualquer maneira, não a conheço. John quase nunca fala dela.

Julie calou-se, tendo em vista que Mary ficou sem graça com o assunto, mas em seguida tornou a rir, sem conseguir se conter.

– Não seja boba, Julie. – Ela disse, olhando para a garota ao seu lado. Mas era inegável. Ela havia se entregado. Então, Mary começou a rir também. Era a primeira vez em meses que ela ria daquele jeito. Sentiu que ali estava surgindo uma grande amizade. – Tudo bem, está tão evidente assim?

Julie acenou com a cabeça em sinal de afirmação.

– Eu nem conheço você direito e já percebi no primeiro olhar que eu vejo você dando para ele.

Mary corou.

– Eu confesso, acho ele muito charmoso, mas é impossível. Ele é casado, e é meu colega de trabalho. Ele trabalha na ala psiquiátrica também e eu auxilio muito a ele. Além de tudo, ele é muito mais velho do que eu. Eu tenho apenas 24 anos e ele tem 38. Já viveu muito mais do que eu.

– Tudo bem, você pode ir contra seus desejos o quanto quiser. – Exclamou Julie. – Afinal de contas é o certo a se fazer, não é?

Naquele momento, elas chegaram ao segundo andar e Julie esbarrou em um senhor no corredor.

– Olhe por onde anda! – Exclamou o senhor, assim que deixou cair o molho de chaves que levava consigo.

– Desculpe! – Exclamou Julie. – O senhor está bem?

– Estaria melhor se não tivesse cruzado com você, hoje. – Resmungou ele assim que recolheu as chaves do chão, e tornou a seguir seu caminho.

– Não ligue para ele. – Disse Mary. – Aquele é o Ralph. Ele é o zelador que cuida de todas as portas aqui. Ele é o responsável por abrir os portões, as portas da ala psiquiátrica e é ele a quem recorrer quando precisamos de alguma cópia de chave, ou quando precisamos entrar no quarto de algum paciente em horários alternativos. Costumávamos manter as chaves dos quartos na recepção,

mas já tivemos muitos problemas quanto a isso. – Mary suspirou. – Enfim, ele é uma pessoa amarga. Ninguém aqui gosta dele e ele não gosta de ninguém. Ele almoça sozinho e tem um temperamento difícil. Só o vejo falando com John às vezes, acho que é o único que o suporta. Se quer meu sincero conselho, fale com ele apenas o necessário.

Julie assentiu.

Passaram por muitos leitos com pessoas doentes, tossindo sobre eles. Enfermeiros auxiliavam alguns enfermos, davam remédios e os examinavam. Era como se Julie estivesse passando em câmera lenta por cada um deles. Seus olhares profundos a perturbavam, e ela começou a pensar que talvez nenhuma daquelas pessoas sairia dali com vida. Haviam pacientes de diversas idades, etnias e classes sociais, e todos estavam sendo tratados da mesma forma. No fim, todos eram iguais.

Alguns enfermos tricotavam em seus leitos, outros ouviam rádio. Alguns não estavam em suas camas, e Mary explicou que eles tinham a opção de ficar lá embaixo, na sala de repouso ou no jardim se preferissem. Eles tinham algumas atividades para mantê-los ocupados durante todo o tempo que passavam ali. Isso tornava os dias em Waverly Hills menos dolorosos.

Julie então voltou seu olhar a uma mulher que chorava em seu leito no final do corredor enquanto tossia muito. Estava pálida e descabelada, enquanto dois enfermeiros a tentavam ajudar. Ela gritava de dor e tossia sangue sem parar. Um médico se aproximou rapidamente dela. Deu uma ordem aos enfermeiros que Julie não pôde ouvir devido à distância, e em seguida eles a levaram para o elevador, que servia para transportar principalmente macas. O médico os acompanhou.

– Aquele é Joseph Cottons. – Disse Mary. – Ele é médico da ala os doentes. Ele começou a trabalhar aqui há cinco anos, assim como eu, quando o hospital abriu. Desde então ele luta para encontrar a cura da tuberculose. Ele fica noites em claro, com a cabeça enfiada nos livros, e dizem que seu quarto é cheio de anotações, inclusive nas paredes. Mas ninguém nunca vai lá. Médicos não

dividem quartos, sabe. E ele não deixa as camareiras limparem o quarto dele. Nem mesmo Ralph tem a chave do seu quarto.

Julie o observou se distanciar, enquanto ouvia Mary falar.

– Do nosso quarto podemos ver a janela do quarto dele, e a luz fica acesa durante a noite toda, sempre. Ele é um pouco calado e esquisito, mas é um bom homem. Ele vai ser o seu supervisor. É a ele quem você vai auxiliar. – Explicou Mary.

Mas Julie estava curiosa quanto à paciente, acima de tudo.

– Para onde estão levando aquela mulher?

– Provavelmente para a sala de cirurgias. – Respondeu. – Joseph é o responsável por isso. – Suspirou. – Infelizmente ele não está tendo muito sucesso com as operações ultimamente. Quem entra em sua sala, sai morto. Isso o está deixando maluco. Ele é uma pessoa completamente diferente desde que começou a trabalhar aqui. Ele é uma boa pessoa, apesar de tudo, mas ver tantas mortes assim todos os dias está acabando com a saúde mental dele.

Mary tornou a andar em direção às escadas, dando meia volta, e Julie foi com ela.

Passaram pelo terceiro andar, mas não entraram nele. Mary a explicou que era como o segundo, cheio de quartos e leitos no meio do corredor. Passaram pelo quarto andar, mas estava muito tumultuado devido à cirurgia que aquela mulher iria se submeter. Mary achou melhor não irem até lá naquele momento, e Julie concordou.

– Vamos à ala infantil. – Disse Mary. – Com toda essa tristeza na ala dos doentes, as crianças podem nos ajudar a manter a esperança, também. Elas não entendem muito bem a condição delas, são tão puras e ingênuas… podem fazer seu dia mais feliz. Mas também podem acabar com ele. Infelizmente crianças também são pessoas mortais, assim como todos aqui, e elas também estão vulneráveis à morte.

Julie suspirou. Seria mais difícil do que ela pensava. Subiram as escadas até chegarem no quinto andar. Das escadas para a direita, era a ala infantil. Para

a esquerda, a ala psiquiátrica. Mas as duas alas nunca se misturavam, mantendo-se separadas por paredes de concreto.

Mary foi na frente e olhou o corredor da ala infantil. Os leitos estavam no ali, enfileirados, mas nenhuma criança estava deitada neles.

– É hora do banho de sol. – Concluiu Mary. – Venha comigo.

Julie a seguiu enquanto ela ia em direção a uma escada fixa de madeira que dava para o telhado do hospital. Chegaram em frente a uma porta de metal no fim das escadas, e Mary tocou na maçaneta. Recuou. Olhou para os olhos de Julie.

– É muito importante que você saiba, antes de mais nada, que não se deve criar laços emocionais com nenhum paciente. Nem criança, nem adulto, nem idoso. Não faça amizade, não se relacione, não faça nada além da sua obrigação como enfermeira. Nada. Não se apegue, está bem? – Disse Mary, como se nunca estivesse falando tão sério.

Julie assentiu. Ela entendia.

– Vá por mim. – Continuou Mary. – Criar uma amizade com alguém aqui e depois vê-la morrer é a pior coisa que pode acontecer.

Mary então abriu a porta que dava para o terraço. Era o telhado do hospital e ali as crianças doentes brincavam, sendo supervisionadas por enfermeiras. Haviam dois balanços em que duas crianças se balançavam, sorrindo, e um escorrega de madeira atrás dos balanços em que uma menina escorregava. Muitas outras estavam perto das enfermeiras para ouvirem histórias. Outras brincavam entre si. Deveria ter cerca de 20 crianças ali. Os olhos de Julie encheram-se de lágrimas. Era triste ver aquelas pequenas pessoas doentes, sorrindo e brincando como se não houvesse doença nenhuma, afinal, ignorando suas situações tristes.

O dia estava um pouco frio, e ventava um pouco, mas os raios de sol saíam por entre as nuvens de vez em quando.

– O tratamento aqui constitui de muito repouso e banhos de sol. – Disse Mary, repetindo o que Julie já sabia. – Para todos os pacientes. As crianças ficam

muito aqui em cima, no terraço, que chamamos de Solarium. Fizemos um parque improvisado, como você pode ver, com balanços e um escorregador, e elas gostam muito. Lá embaixo, no jardim, ficam os adultos. Não gostamos de misturá-los, mas ás vezes acontece.

Julie percebeu então um menino de aparentemente 9 ou 10 anos brincando sozinho, afastado das outras crianças, nos fundos do terraço. Ele brincava com uma bola de plástico inflável, sentado no chão do terraço. Seus movimentos repetitivos constituíam em jogar a bola na parede e esperar que ela voltasse para ele.

Mary percebeu que Julie o observava.

– Aquele é o Timmy. – Disse Mary. – Ele é um menino especial. É quieto e muito doce. Mas ele não tem contato com as outras crianças. Ele mal fala. Ele chegou aqui com sua mãe ano passado, ambos com tuberculose.

– Pobrezinho. – Foi tudo o que Julie pôde dizer de início. – A mãe dele é paciente aqui também?

– Bem, ela era. – Respondeu Mary. – Ela morreu há alguns meses.

Julie lamentou. Mary engoliu em seco. Estava sendo difícil comentar todo aquele terror que passava em Waverly Hills naquele dia.

– Mas ele ainda não sabe que ela morreu. – Continuou ela. – O dizemos que eles não podem se ver devido à doença, mas acho que talvez no fundo ele sabe que ela se foi.

– Ela foi entregue à família? – Perguntou Julie.

Mary suspirou.

– Ela está enterrada no cemitério dos indigentes. – Disse ela por fim. – Não sabemos nem ao menos seu sobrenome. Ela veio até aqui em cima sozinha, andando, com o filho desmaiado nos braços, ambos doentes. Ela mal falava e não resistiu à cirurgia que foi submetida pelo Dr. Cottons. Só chamava pelo seu filho, o tempo todo.

Julie escutava tudo observando o menino brincar sozinho. Com os olhos cheios d’água, aproximou-se dele lentamente. Mary permaneceu aonde estava,

perto da porta, de braços cruzados, vendo Julie se aproximar dele.

Ela se agachou perto do menino, enquanto o olhava. Timmy permaneceu a jogar a bola na parede e esperar que ela voltasse. Haviam mais algumas bolas em volta dele, todas infláveis e leves, de plástico. Quando ele percebeu a presença de Julie ali, olhou para ela. Era um menino de cabelos e olhos castanhos, tristes, distantes. Parou de jogar a bola na parede por um momento, enquanto observava Julie dos olhos.

Eles nada disseram um ao outro. Julie não sabia ao certo como reagir. Por fim, Timmy jogou a bola em direção à Julie. Ela pegou e olhou para o menino, que sorria. Ela também sorriu, e jogou a bola de volta a ele, sentando no chão.

E permaneceram ali, jogando a bola um para o outro, até que a hora de tomar sol acabasse.

* * * * * * * * * * * *

Julie e Mary voltaram ao quarto delas quando Julie já havia conhecido todo o hospital. Mary destrancou a porta do quarto e entraram.

– Amanhã providenciarei uma chave para você. – Disse ela, suspirando. – Tenho que pedir a Ralph, e evidentemente ele não estava de bom humor hoje. Seu uniforme também estará pronto hoje à noite, vou buscar para você daqui a pouco.

Julie assentiu, agradecendo. Dia seguinte seria seu primeiro dia de trabalho. Sentou-se na cama, cansada.

Mary já ia fechando a porta quando notou a presença de alguém no corredor.

– Jerry! – Exclamou ela, chamando-o com uma animação perceptível.

O homem se aproximou dela com várias cartas nas mãos. Estava entregando cartas de porta em porta quando Mary o chamou. Ele era um homem

de mais idade, careca e simpático. Tinha 56 anos de idade e olhos azuis que levavam muita sabedoria. Sua pele era bronzeada e suas mãos calejadas devido ao trabalho duro. Sorriu quando se aproximou de Mary.

– Boa noite Srta. Hillenburg. – Disse ele, olhando para suas cartas em mãos. – Infelizmente não tenho nada para você hoje.

Ela suspirou.

– Não foi por isso que lhe chamei. – Disse Mary. Quero apresentar-lhe Julie Hasherfield. Ela será a nova enfermeira da ala dos doentes.

Jerry olhou para dentro do quarto, vendo a moça sentada na cama. Ele fez uma saudação com o chapéu que usava, e em seguida pegou uma carta que levava em mãos entre todas elas.

– Então é para a senhorita que enviaram isto. – Disse ele, estendendo-lhe uma carta. – Não sabia quem era esse destinatário.

Julie sorriu e foi até ele, pegando a carta em mãos. Em seguida apertou a mão dele, cumprimentando-o e agradecendo. Nesse momento, Julie o reconheceu. Era ele quem estava cavando aquela cova mais cedo, no cemitério, enquanto Mary a mostrava o hospital.

– Esse é Jerry. – Disse Mary. – Ele faz de tudo que é necessário, aqui em Waverly Hills. Ele traz a correspondência, traz os mantimentos pelo túnel, cuida do cemitério, traz água do poço quando necessário, faz de tudo. Ele nos salva muitas vezes.

Ele sorriu, sem graça.

– Foi um prazer em conhecê-la, senhorita. Agora, se me dão licença, preciso acabar de entregar todas as cartas.

Mary assentiu e ele se foi, continuando com o trabalho de entrega de cartas. Ela fechou a porta do quarto e tirou os sapatos, exausta. Em seguida, tirou o chapéu.

Julie voltou a sentar em sua cama, com a carta em mãos. Era dos seus pais. Seus olhos se encheram de lágrimas novamente. Sentia muita falta de casa, apesar de todas as dificuldades.

– De quem é? – Perguntou Mary, enquanto tirava a meia calça.

– Dos meus pais. – Respondeu Julie. – É o meu primeiro dia aqui e eu já recebi uma carta deles. – Sorriu.

– Você tem sorte de eles se preocuparem tanto assim. Meus pais lembram de mim acho que uma vez por ano, somente. No Natal. Eu escrevo para eles toda a semana. Mas às vezes prefiro pensar que as cartas se perdem pelo correio. – Disse Mary, com lágrimas nos olhos também.

Julie abriu a carta e a leu, enquanto Mary olhava-se no pequeno espelho pendurado na parede.

– É a letra da minha mãe. – Disse Julie. – Foi ela quem escreveu. Dizem que já sentem a minha falta e esperam o melhor para mim.

– Uau. – Disse Mary. – O máximo que meus pais escrevem é “Feliz Natal”. Eles nunca aceitaram que eu escolhi vir para cá. Sabe, eles sempre tiveram muito dinheiro e sempre sonharam que eu casasse com um homem rico e tivesse filhos. Sempre tivemos nossas diferenças. Não que eu não queira casar e ter filhos, mas, acho que a vida é mais do que isso, sabe? É mais do que nascer, se reproduzir e morrer. Quero ajudar os outros.

– Eu também. – Disse Julie. – Eu quis ser enfermeira para ajudar os outros. Para entender os outros. E meus pais… bem, eles não tiveram muita escolha. As coisas estão difíceis lá em casa desde a quebra da bolsa de 1929.

– Oh Julie, lamento ouvir isso.

– Está tudo bem. Estou aqui principalmente para ajudar a eles. Meu pai não conseguiu nenhum emprego desde que perdeu o dele, e se perdeu na bebida. Minha mãe nunca trabalhou e tem que cuidar do meu pai. Só restou a mim fazer alguma coisa.

– Você é filha única também? – Perguntou Mary.

Engraçado ela ter perguntado aquilo com tanta naturalidade, naturalidade de alguém que nunca perdeu nada na vida. Não que Julie a julgasse ou gostasse menos dela por isso, mas achou cômico o seu tom de voz.

– Bem, agora eu sou. – Respondeu. – Meu irmão morreu há seis anos.

– Oh. – Exclamou Mary, sem graça por ter sido a responsável de lembrá-la disso. – Lamento muito.

– Meus problemas familiares agora não são nada comparados àqueles dias. Eu encontrei o corpo dele, no quarto dele, pendurado pelo pescoço por uma corda. Eu era uma criança. Não entendia muito bem o que estava acontecendo. Mas acho que a minha pior lembrança é da minha mãe chorando, ajoelhada no chão, enquanto meu pai tirava ele de lá, e segurando-o nos braços, gritando o quanto ele havia sido covarde em ter feito aquilo. Era como se meu pai estivesse com mais raiva do que tristeza. Como se ele estivesse preocupado com o que diria aos outros. Meu pai sempre disse que meu irmão foi egoísta por ter feito aquilo. Ele tinha a idade que eu tenho hoje. Consigo me lembrar perfeitamente. Lembro de tudo acontecendo lentamente, como se o tempo houvesse parado naqueles instantes e tudo se movia devagar. – Devagar como os olhares dos doentes a observando mais cedo.

Mary permaneceu em silêncio, ouvindo-a e olhando para ela enquanto Julie encarava a parede em sua frente. Ela não sabia o que dizer.

E agora elas estavam ali, tendo o mesmo destino, duas pessoas tão diferentes. Aquela moça em sua frente havia sofrido tanto quanto ela, naqueles dias de horror passados em Waverly Hills. Talvez ela fosse mais forte do que Mary havia julgado.

– Desculpe estar dividindo isso com você. – Disse Julie, quebrando o silêncio. – Apenas… sinto que você é a única pessoa que pode me ouvir em anos.

Mary sorriu.

– Fico feliz por isso. – Disse. Sentou-se ao lado de Julie e a abraçou.

Capítulo II
WAVERLY HILLS

Era seu primeiro dia em Waverly Hills e Julie julgou ter se saído muito bem. Medicou os pacientes, serviu comida, mediu a pressão, ligava o rádio quando pediam e era muito gentil com todos eles. Chegou até mesmo a rir com alguns internos. Risadas em meio ao caos não eram muito frequentes. Olhando ao redor, percebia que os outros enfermeiros não tinham tanta paciência com os enfermos quanto ela. Os outros não tratavam os pacientes muito bem, e ela se chateava com isso. Ela esperava nunca ter que chegar àquele ponto.

Os pacientes tinham diversas idades, e os idosos eram os que precisavam de mais atenção. Nenhum enfermeiro gostava de ajudá-los o tempo todo, pois era necessário muito tempo e paciência, por isso Julie se dispôs a isso. Ela os ajudou a comer e tomar banho, e passeou com eles pelo jardim. Leu para alguns e aprendeu a tricotar com as senhoras. Até que gostava de passar o tempo naquela maneira, apesar de que o Dr. Cottons a havia dado a ordem para isso.

À tarde, depois do almoço, enquanto Julie estava sentada no banco do jardim com uma senhora de idade, ouviu gritos vindos de perto das árvores, e olhou naquela direção. Era uma paciente adulta, vestida com roupas de hospital. Viu alguns enfermeiros indo correndo em direção a ela e pensou que tivesse acontecido algo grave.

– JANE! JANE! – Gritava ela em direção ao bosque.

Os enfermeiros chegaram à ela e a seguravam enquanto ela gritava, impedindo que ela se aproximasse mais do bosque. Julie, sem saber ao certo o que fazer, foi até lá.

– O que está acontecendo? – Perguntou Julie a um dos enfermeiros.

– Não sei… – Um deles respondeu, ainda tentando segurá-la. – Acalme-se Beth! – Gritou ele, agora falando com a paciente.

– JANE DESAPARECEU NO BOSQUE! ELA DESAPARECEU NO

BOSQUE! – Gritava a interna ainda mais.

– Chame a equipe de busca. – Disse um enfermeiro ao outro.

Assim que ele soltou a paciente que gritava, outra mulher parou ao lado deles usando roupas de hospital, sem dizer nada, esperando que alguém a notasse ali. Mexia-se de maneira infantil. Julie foi a primeira a percebê-la, e estranhou aquele gesto, sem saber ao certo o que estava acontecendo.

Ela não conhecia muito bem os pacientes ali ainda.

– Por Deus Beth, Jane está aqui! – Disse o enfermeiro que ainda a segurava quando olhou para o lado, e a soltou.

A interna que atendia pelo nome de Beth gritou de euforia e foi abraçar a amiga, parada ali. As duas riram. Aquelas risadas pareciam juvenis para duas mulheres adultas. Tão características, tão ingênuas.

– Como você faz isso? – Perguntou Beth à Jane. – Pensei que tinha perdido você. – Abraçou-a. – Eu nunca vou descobrir como você se esconde tão bem.

– Vocês duas, se brincarem com esse tipo de coisa mais uma vez, terei que falar com o Dr. Cottons sobre isso. – Disse o enfermeiro, em tom sério.

Elas pararam de rir.

– Por favor, não, Steve. – Disse aquela que atendia pelo nome de Jane.

– Estou avisando. Agora deem o fora daqui. – Respondeu ele, e as duas desapareceram correndo pelo jardim morto de outono. Ele se virou ao outro enfermeiro. – Elas estão começando a delirar.

Julie permaneceu ali, confusa, quando o enfermeiro finalmente deu atenção a ela.

– Você é a enfermeira nova da ala dos doentes? – Perguntou ele.

Julie afirmou com a cabeça, ainda assustada.

– Meu nome é Steve, este é Carter. – Julie apertou a mão dos dois.

– Julie. – Disse ela, tímida. – Que bom que estavam aqui, eu não saberia o que fazer.

– Tudo bem. Não éramos para estarmos aqui, na verdade. Cuidamos da

ala psiquiátrica, auxiliamos o Dr. Hoffman. – Fez uma pausa para notar melhor Julie. – Mary me contou sobre você.

Ela sorriu, sem graça. Carter quase não falava, tinha olhos e cabelos negros, e uma pele escura que contrastava com seu uniforme branco. Steve era loiro de pele bronzeada e olhos verdes, que não ficavam abertos totalmente quando falava. Aquele detalhe em sua personalidade o deixava um pouco charmoso, e Julie corou quando ele a dirigiu a palavra de novo.

– Prazer em conhecê-la, Julie. – Sorriu.

Os dois voltaram para onde estavam, vigiando os pacientes da ala psiquiátrica que estavam tomando banho de sol. Julie permaneceu ali parada por um momento. Viu Jerry de longe levando um carrinho grande e fundo por um caminho de terra, com um lençol sobre ele que escondia seu conteúdo, indo em direção ao túnel. Julie estremeceu ao pensar o que tinha dentro daquele carrinho. Em breve ele voltaria vazio.

Ouviu a risada de duas mulheres vindo de trás dela, um pouco afastada dali. Julie olhou naquela direção. Eram as supostas Beth e Jane, sussurrando uma a outra, coisas que julgavam ser muito engraçadas, enquanto olhavam para Julie. Ela não deu importância e voltou a sentar no banco que estava anteriormente.

* * * * * * *
* * * *

O dia havia acabado e Julie voltou ao seu quarto no fim do dia. Mary não estava lá. Estava precisando de um banho. Pegou suas coisas necessárias e foi até o banheiro, em passos lentos, como se não quisesse chegar até ele.

Chegou ao fim do corredor e entrou no banheiro, que tinha algumas pessoas. Era um enorme banheiro de paredes brancas rachadas e uma parte do teto já estava tomada pelo mofo, devido à umidade do chuveiro. O piso do chão era branco, gelado e áspero, para evitar escorregões. Devido a isso tinha manchas cinzas e amareladas em alguns pontos. Haviam três chuveiros com

divisórias e uma cortina em frente a eles, onde era possível ver a sombra das mulheres tomando banho. Os sanitários ficavam ao lado, enfileirados, com portas de madeira.

Mary estava ali, apenas de roupas de baixo, mostrando sua pele clara que cobria seu corpo magro. Estava conversando com outra enfermeira, em frente ao espelho, apoiada sobre a pia.

Mary não tinha nenhum pudor. Era algo interessante sobre ela.

Julie entrou e Mary a viu.

– Julie! – Exclamou Mary, olhando para ela. – Como foi seu primeiro dia, então?

– Foi tudo bem. – Disse Julie apenas. – Conheci seus colegas de trabalho hoje.

– Quem? Carter e Steve?

Julie afirmou com a cabeça.

– Claro que são eles. – Disse Mary consigo, virando os olhos para cima mostrando sua própria ignorância. – Eles vivem andando juntos. Somos em quatro naquela ala, além do Dr. Hoffman. O outro enfermeiro que nos ajuda é muito quieto, recluso. Os meninos mal falam com ele e ele nunca sai lá de cima. – Suspirou. – É muito cansativo, às vezes, quando há dois auxiliando nas cirurgias com o Dr. Hoffman e somente mais dois cuidando de todos aqueles pacientes...

– Imagino que sim. – Disse Julie, pensativa. Seus pensamentos consistiam em Steve, mas ela não queria dizer nada ainda.

Mary a olhou sorrindo com o canto da boca.

– Sabe Julie… Steve é solteiro. – Disse ela.

– O que quer dizer com isso?

– Nada… – Respondeu, ainda a olhando. – Só achei que gostaria de saber.

– Estou aqui para trabalhar, Mary. – Fez uma pausa quando notou a expressão no rosto da colega de quarto. Em seguida engoliu em seco e

continuou. – Desculpe, não quis ofender.

Mary suspirou e relevou o comentário.

– Não se preocupe. Foi o seu primeiro dia. Depois de cinco anos aqui, vai começar a se entediar e prestar mais atenção nos rapazes.

Ela e a outra enfermeira riram.

– Não ligue para ela, Julie. – Disse a enfermeira que falava com Mary no banheiro. – Meu nome é Katia. Você deve ter me visto hoje no hospital, cuido da mesma ala que você.

Julie sorriu. Não lembrava de Katia, mas ficou feliz em ao menos conhecer alguém que a pudesse ajudar na mesma ala, se precisasse. Ela era ruiva e tinha olhos verdes simpáticos, que destacavam suas sardas sobre seu rosto redondo. Aparentava ter a idade de Mary, mas seu corpo tinha mais curvas.

Ao lado de Katia, uma outra enfermeira permanecia calada olhando para o espelho em sua frente, como se não estivesse ouvindo a conversa das outras. Julie nem havia reparado nela quando entrou. Estava mais afastada, no fim da pia, apoiada em seus cotovelos. Tinha os cabelos castanho escuros e um rosto fino.

– Anne? – Perguntou Mary. – Está tudo bem?

A moça calada voltou a si e olhou para Mary.

– Sim… sim, me desculpe. – Disse por fim, pegando suas coisas sobre a pia e saindo do banheiro.

A porta bateu quando ela saiu. Katia e Mary se entreolharam enquanto Julie permanecia observando a porta do banheiro fechada. Havia algo de errado com aquela enfermeira, isso Julie pôde notar antes mesmo de conhecê-la.

– Ela está muito estranha ultimamente. – Disse Katia quando a porte se fechou atrás de Anne, e Mary concordou.

– Estranha? – Perguntou Julie, confusa. Agora voltou seu olhar às duas.

– Sim. Ela está aqui há tanto tempo quanto eu, e ela era muito amigável no início. – Respondeu Mary. – De uns meses para cá, ela se tornou essa pessoa distante. Acho que ver tudo o que vemos todos os dias não é tão fácil assim.

Katia concordou. Ficaram em silêncio por alguns minutos, e Julie olhou para o chão. Temia uma mudança drástica no comportamento como Anne, como o Dr. Cottons. Pensou naquele momento que não gostaria de ficar muito tempo em Waverly Hills. Ficaria apenas o tempo necessário.

Uma mulher saiu do chuveiro enrolada em uma toalha, e Mary foi até lá. Julie a seguiu com o olhar. Katia reparou nisso.

– Fila. – Disse Katia, respondendo à sua pergunta mental. – Mas não se preocupe, logo você se acostuma com isso. Ou pode vir depois das 22h, não há ninguém aqui esse horário.

Julie assentiu, e esperou sua vez.

* * * * * * * * * * * *

Era de manhã e Julie foi levar uma bandeja de remédios aos enfermos do quarto andar. Katia estava distribuindo para o terceiro andar e outros enfermeiros para o segundo e quinto. Usavam o elevador para esses fins, pois era difícil subir as escadas com aquelas enormes bandejas.

Julie chegou ao quarto andar e foi distribuindo os remédios para alguns pacientes no corredor, que dormiam em camas ali mesmo, devido à superlotação, e em seguida distribuiu para pacientes em seus quartos. Eles tinham que tomar os medicamentos em frente a ela e assim ela dava baixa em uma lista de nomes.

– Oh enfermeira, por favor, não me faça tomar isso de novo. Eu tomo isso todos os dias e não vejo nenhuma melhora na minha condição. – Disse um idoso do quarto 417.

– Desculpe senhor… – Olhou na lista de nomes em sua mão. – Goodwin. Política do hospital. Preciso que tome seu medicamento.

O senhor a olhou nos olhos enquanto ela o entregava o copinho de plástico com pílulas.

– É para o seu próprio bem. – Insistiu ela.

Ele cruzou os braços como uma criança mimada. Ela suspirou e largou a bandeja sobre a mesa de madeira ao lado de sua cama.

– Senhor Goodwin, o senhor tem alguém esperando pelo senhor na cidade? – Perguntou ela, sentando-se na cama dele.

O idoso suspirou e descruzou os braços.

– Tenho um filho. Ele não me visita há meses.

Ela engoliu em seco. Talvez aquele senhor havia sido esquecido pela família assim como muitos ali, mas lembrou do que Mary a tinha dito. Ela tinha que fazer com que os internos não perdessem a esperança e sempre achar que havia alguém do outro lado esperando por eles.

– Então o senhor terá que melhorar e ir vê-lo por conta própria, o senhor não acha?

Ele olhou para ela. Ele tinha os olhos cansados, com olheiras profundas e um rosto pálido. Era careca no topo da cabeça, magro e parecia estar perdendo a luta contra a tuberculose. Ele sorriu sem mostrar os dentes, pegou o remédio da mão de Julie e o tomou. Ela sorriu.

– Tenho certeza que o senhor vai sair daqui muito melhor do que entrou, sr. Goodwin.

Riscou o nome dele da lista, pegou a bandeja de volta e tornou a distribuir os medicamentos. O colega de quarto do Sr. Goodwin mal falava e tomava os medicamentos sem reclamar. O próximo quarto era o 418. Antes de entrar nele, Julie já pôde ouvir risadas inconfundíveis. Olhou em sua lista que levava o nome das mulheres que dormiam ali. Elizabeth Becher e Jane An Hurley. Julie suspirou. Eram as duas pacientes do inconveniente dia anterior.

Julie entrou no quarto com a bandeja de remédios. As duas tornaram a rir, cada uma em seu leito, enquanto trançavam cestas de palha.

– Bom dia. – Disse Julie.

– Onde está Anne? – Perguntou Beth, sem responder Julie.

A enfermeira olhou para a paciente, que permanecia esperando uma resposta. Elizabeth era baixa, tinha os cabelos castanhos e a boca rosada. Seus

olhos eram grandes e cor de mel, e permaneciam a encarar Julie de baixo para cima.

– Hoje sou eu quem estarei distribuindo os medicamentos aqui. – Respondeu a enfermeira. – Elizabeth Becher, aqui está o seu. – Disse, entregando um copinho plástico à interna.

Elizabeth nada disse e nada fez. Julie permaneceu ali parada com o copo estendido. Jane começou a rir, observando a cena de sua cama, e em seguida Beth também riu.

– Vamos lá, Beth. – Tentou Julie. – É para o seu bem.

Elizabeth deu um tapa na mão de Julie, o que fez o medicamento cair longe dali. Jane tornou a rir mais ainda.

Julie não estava acostumada com aquele tipo de tratamento, e não sabia se saberia lidar com aquilo.

– Beth! – Exclamou Julie.

Antes que pudesse dizer mais alguma coisa, Beth chutou a bandeja que Julie levava em mãos, espalhando vários copos de plástico e comprimidos pelo chão. A bandeja fez um alto barulho e Jane gritou com o susto, em seguida gargalhou. Julie quase chorou naquele momento.

– O que está acontecendo aqui? – Disse uma voz atrás de Julie. Beth e Jane pararam de rir de imediato quando viram o médico na porta, escondendo-se nos lençóis.

Julie olhou para trás. Era o Dr. Cottons. Ela já havia percebido no dia anterior que ele era um homem de trinta e poucos anos com cabelos descabelados, olheiras profundas em seus olhos e com uma aparência sempre cansada, mas, naquele momento, ele parecia ainda pior. Parecia um cientista louco. Ele estava com uma lâmpada acesa presa por uma espécie de cinto de borracha na testa e luvas de látex, e seu jaleco estava um pouco sujo de sangue já seco. Uma máscara cirúrgica estava presa em suas orelhas e abaixada, deixando sua boca à mostra. Era evidente que Beth e Jane tinham medo dele. E o motivo disso não era questionável.

– Desculpe Sr. Cottons. – Respondeu Julie. – Tentei medicá-las, mas… mas aconteceu isso. – Tentou explicar, fazendo um gesto com suas mãos abertas e trêmulas em direção ao chão.

Joseph Cottons olhou para a bagunça do quarto e em seguida dirigiu seu olhar furioso às pacientes.

– Vocês duas sempre dando problemas, atrapalhando minhas cirurgias com suas risadas histéricas! – Gritou ele. – Eu não aguento todo esse barulho, todos os dias! – Levou as mãos à cabeça. – Anne era a única que sabia lidar com vocês.

Jane e Beth tremiam por baixo dos lençóis, olhando para ele apenas com os olhos evidentes.

Joseph Cottons chamou dois enfermeiros que estavam passando pelo corredor e eles foram até o doutor.

– Levem-na para a sala de hidroterapia. – Disse, apontando para Beth.

– NÃO! – Gritou Beth. – NÃO FAÇAM ISSO!

Eles entraram no quarto e a pegaram pelos braços a força enquanto ela esperneava para se soltar. Jane gritava em sua cama.

– CALEM-SE! – Ordenou o Dr. Cottons. Em seguida tossiu duas vezes, levando um dos antebraços à boca.

Beth continuou gritando quando foi arrastada para fora do quarto em direção à sala de hidroterapia. Os pacientes a olhavam assustados enquanto ela tentava se soltar com todas as forças.

Joseph já ia se afastando da porta quando Jane o interrompeu.

– ESPERE! – Gritou ela. Joseph voltou. – Eu quero ir com ela! Levem-me junto!

O Dr. Cottons olhou para ela, estranhando seu pedido.

– Fique à vontade srta. Hurley. – Disse ele, e fez um gesto com a mão que ela estava livre para ir.

Jane saiu da cama e foi correndo em direção a Beth. Julie ainda permanecia ali, respirando ofegante com tudo aquilo que tinha acontecido.

Joseph olhou para ela.

– Não hesite em ter pulso firme com essas duas. Elas só não sobem para o quinto andar na ala psiquiátrica porque lá está lotado. – Disse ele. Julie assentiu. – Agora, limpe essa bagunça, por favor. E em seguida vá até a sala de hidroterapia medicá-las a força e acompanhá-las durante o dia.

Julie afirmou com a cabeça e começou a ajuntar as pílulas e copos de plástico do chão. Joseph voltou à sala de cirurgia. Quando ele abriu a porta de metal da sala, era possível ouvir gritos do paciente que lá estava, sendo operado. Quando a porta se fechou, seus gritos se abafaram.

Julie estremeceu em pensar que aquele paciente estava sendo operado sem anestesia. Em seguida, suspirou fundo, olhando para cima. Ao menos seu irmão não estava passando por todo aquele sofrimento. Em seguida, olhou para o chão e voltou a trabalhar.

* * * * * * * * * * * *

Julie fazia algumas anotações em seu diário enquanto esperava sentada na sala de hidroterapia. Haviam seis banheiras naquela sala, três de cada lado encostadas na parede, e Julie permanecia no meio de duas banheiras sendo usadas. Beth estava do lado direito enquanto Jane estava do lado esquerdo.

Elas tossiam de vez em quando, e Julie tinha que limpar a boca delas às vezes. Elas riam e conversavam entre si, enquanto Julie continuava escrevendo perdida em pensamentos, sem dar importância ao que elas falavam.

A hidroterapia consistia em um banho de água gelada no paciente, submerso até os ombros em uma banheira coberta por um tecido muito resistente. Apenas a cabeça do paciente era deixada de fora da água, e ali permaneciam até que fosse dada a ordem médica de tirá-los de lá. Era um tratamento para acalmar os pacientes, principalmente aqueles considerados perigosos. Como o tratamento não deixava que eles se movessem, as enfermeiras

tinham que alimentá-los ali mesmo em alguns casos.

– Enfermeira. – Disse Beth. Julie a olhou, tirando o olhar dos papéis por um momento. – Quanto tempo teremos que ficar aqui?

– Não sei. – Deu de ombros, sem se importar realmente. – Até o Dr. Cottons ordenar tirá-las daí.

Beth olhou para Jane.

– O que houve com Anne? – Perguntou Jane, repetindo a pergunta que Beth havia feito mais cedo.

– Ela ainda é enfermeira aqui. Se fazem tanta questão, peço para ela medicá-las todos os dias, não tem nenhum problema. – Respondeu Julie, voltando agora seu olhar ao seu diário.

– Não faça isso. – Disse Jane, e assim Julie olhou para ela. – Perguntamos isso apenas porque desejamos que Anne estivesse morta.

Julie ficou boquiaberta.

– Por que diz uma coisa dessas?

Deixou seu diário esquecido no seu colo por um instante.

– Anne é má. – Respondeu Jane somente.

– Ela nos maltrata. – Interveio Beth. Julie olhou para ela naquele momento. – Ela nos bate e enfia as pílulas na nossa garganta à força.

– Bem, talvez vocês mereçam isso, afinal. – Disse Julie.

– Não senhorita. Ela faz isso porque ela pode. Porque ela é má. – Disse Jane. – Ela às vezes vem no nosso quarto no meio da noite, e nos tortura, apenas porque pode.

– Pensei que era Ralph quem cuidava das chaves dos quartos no meio da noite.

– É ele sim. – Disse Beth. – Ele também é um demônio. Sempre uma enfermeira cuida do turno da noite aqui no hospital, e ele dorme em uma sala no primeiro andar caso precise dele. Mas quando é Anne que faz as rondas noturnas, é um terror.

Julie suspirou sem dar muita atenção ao que elas falavam, e voltou a

pegar seu diário em mãos.

– A senhorita é boa conosco. – Disse Jane. – Se Anne estivesse aqui, ela estaria se divertindo.

Beth fez sinal afirmativo com a cabeça, e em seguida ficaram em silêncio. Sem saber o motivo, Julie escreveu o nome de Anne em seu diário, com alguns pontos de interrogação seguindo o nome.

* * * * * * *
* * *

Depois que Julie colocou Jane e Beth em suas camas, já mais calmas, ela voltou ao trabalho. Já era fim de tarde, e naquele momento, observando o longo corredor do quarto andar, Julie sentiu um calafrio em sua espinha, como se algo gelado houvesse passado por ela. Ela olhou ao seu redor, mas não havia nada. Em seguida, um homem de um dos leitos começou a tossir incontrolavelmente.

Julie se aproximou dele, sem saber ao certo o que fazer, e ofereceu-lhe um pano que estava ao lado do seu leito para que ele pudesse tossir nele. O homem aceitou e, enquanto tossia, o pano se encharcava de sangue. Mais dois enfermeiros se aproximaram e, vendo que o paciente estava prestes a vomitar, um deles pôs uma vasilha de ferro em sua frente rapidamente antes que ele sujasse os lençóis.

Julie se assustou de imediato. Os outros pacientes o olhavam com medo. O homem gemia de dor. Seu vômito consistia, na maior parte, de sangue. Ele começou a chorar enquanto continuava a vomitar na vasilha que o enfermeiro segurava.

– Você. – Disse um dos enfermeiros à Julie. – Vá chamar o Dr. Cottons.

Ela afirmou e foi à procura do médico. Correu pelos corredores de uma forma desesperada, mesmo sabendo que não deveria agir assim.

O sr. Goodwin saiu do seu quarto por um instante, perguntando o que

estava acontecendo com aquele paciente com o leito no corredor.

– Não é nada Sr. Goodwin, por favor, volte ao seu quarto. – Disse ela, em um tom de voz calmo, mesmo que por dentro ela estivesse mais nervosa e aflita do que qualquer pessoa ali.

O paciente obedeceu. Julie procurou Joseph pelos quartos, olhando para dentro das janelas das portas, mas ele não estava em lugar nenhum. Chegou à sala de cirurgias do fim do corredor e bateu na porta. Não houve resposta. Ela então olhou para dentro da janela da porta de metal, em busca do médico. Nunca havia visto a sala de cirurgias antes, e, pelo que podia perceber, era assustadora.

Haviam duas macas, algumas luzes, uma pia, um refrigerador e uma mesa com instrumentos cirúrgicos ao lado das macas. Julie estremeceu, mas Joseph não estava ali e ela ainda podia ouvir o paciente tossir do outro lado do corredor.

Foi em direção às escadas e desceu-as rapidamente. Olhou pelo corredor do terceiro andar. Katia estava ali. Julie à perguntou sobre o Dr. Cottons, e Katia deu de ombros, dizendo-a que ele não estava ali. Julie continuou a descer as escadas até chegar no segundo andar, e finalmente o encontrou, analisando um dos pacientes, ainda com o jaleco sujo de sangue. Ele realmente não se importava com sua aparência.

– Dr. Cottons. – Chamou ela. – Precisamos do senhor com urgência no quarto andar.

Ele olhou para ela e nada disse, entendendo no seu olhar o que estava acontecendo. Ele foi em direção às escadas e ela foi com ele, subindo-as rapidamente em direção ao quarto andar. Ela percebeu que ele tossiu duas ou três vezes. Chegando lá, o médico avistou o paciente sendo ajudado por dois enfermeiros com massagens nas costas. Ele se aproximou.

Julie o seguiu, observando seus gestos. Joseph analisou o paciente, ouvindo seu coração e encostando as mãos em suas costas e peito enquanto ele tossia. Então o médico olhou para os enfermeiros.

– Levem-no para a sala de cirurgias. – Ordenou, e os enfermeiros

seguiram suas ordens.

Julie estremeceu naquele momento, enquanto observava os enfermeiros levando o homem na maca para aquela sala. Ela já ia dando meia volta, quando Joseph a chamou.

– Julie. – Disse ele. – Aonde vai?

Ela tornou a virar seu corpo em direção a ele.

– Continuar meu trabalho, cuidar dos enfermos.

– Não, você vai me auxiliar na sala de cirurgias. – Disse ele, calmamente, e em seguida virou-se indo em direção à sala.

Aquelas palavras eram o que Julie temia ouvir. Ela permaneceu parada em seu lugar por algum tempo, quando Joseph tornou a chamá-la, insistindo na ordem.

Ela então foi atrás dele com passos rápidos, como se voltasse a si. Ele entrou na sala cirúrgica e ela o seguiu, vendo que o paciente se encontrava agora deitado em uma das macas da sala, sendo preparado para a cirurgia pelos enfermeiros.

Aquela sala estava fria como um refrigerador, e sentia calafrios gelados como o anterior que havia sentido no corredor, mas agora mais constantes. Era como se a morte estava ali presente para assistir.

Um dos enfermeiros deu a Julie uma máscara cirúrgica para usar, e ela rapidamente vestiu-a. Joseph também o fez, colocando suas luvas de látex. Os enfermeiros explicavam rapidamente à Julie todo o processo de preparação do paciente, amarrando-o na maca de lado, colocando uma touca cirúrgica sobre a cabeça dele e um fino tecido com abertura sobre o seu corpo. Um eletrocardiograma foi trazido para perto dele e ligaram-no ao seu pulso.

Julie tentava prestar atenção em meio ao choro e tossidos do paciente. Joseph posicionou seu cinto de borracha com uma lâmpada na testa e em seguida um dos enfermeiros localizou a grande lâmpada móvel, sustentada por peças metálicas, sobre o tórax do paciente. O outro colocou um pano enrolado em sua boca. Tanto Julie quanto o paciente agora entenderam que não havia anestesia

disponível para ele.

Ele gritava mordendo o pano em sua boca, tendo o som um pouco abafado pelo pano.

– Julie, como é o seu primeiro dia aqui, vou lhe explicar o procedimento. – Ia dizendo Joseph. – O paciente evidentemente está com dores devido ao inchaço do pulmão que a tuberculose causa. Isso faz com ele se comprima contra as costelas e os pacientes sofrem muita dor. – Ia mexendo em seus instrumentos cirúrgicos, que faziam barulhos metálicos sobre a bandeja do mesmo material. Nenhum deles parecia ter sido esterilizado. – Por isso nós fazemos aqui dois tipos de procedimento, dependendo do estado do paciente. A Pneumotoraxia consiste em desinflar o pulmão, cortando partes dele que estão infectadas. Já a Toracoplastia é quando serramos algumas costelas do paciente para acabar com a dor dque eles sentem devido ao inchaço.

Julie arregalava os olhos enquanto o paciente gritava. Ele continuava a tossir com o pano na boca, manchando o mesmo de sangue. Julie observou aquilo como uma tortura, enquanto respirava ofegante cogitando mesmo se teria que passar por aquilo.

O eletrocardiograma mostrava os batimentos cardíacos acelerados do paciente. Ele estava visivelmente alterado pelo nervosismo e medo daquela cirurgia.

– Vamos começar. Hoje você assiste e aprende os métodos, para que futuramente você me ajude nesses procedimentos. Está bem?

Julie assentiu. Estava com medo de fazer mais perguntas.

O paciente tentava se soltar das amarrações na maca, enquanto tentava dizer algumas coisas inaudíveis devido ao pano em sua boca. Julie segurou uma das mãos dele, tentando acalmá-lo. Ele a olhou naquele momento, cessando um pouco sua luta para se soltar.

– Vai ficar tudo bem. – Disse ela, somente, mesmo não tendo certeza disso. Parecia ser a única enfermeira realmente humana daquele lugar.

O médico então pegou o bisturi e começou a cortar a lateral do tórax do

paciente em um movimento diagonal, enquanto os enfermeiros presentes o observavam. Muito sangue saía daquele ferimento, sujando a maca e os utensílios. O homem chorava de dor, tentando gritar. Ele apertou muito forte a mão de Julie até que ela sentisse dor, mas não o impediu. Ela olhou para o lado, em direção à abertura que o médico fazia, mas em seguida fechou os olhos. Joseph a pediu para que prestasse atenção, obrigando-a a olhar a cirurgia. Em seguida, um dos enfermeiros lhe alcançou um instrumento que abria a ferida, deixando o corpo do paciente aberto.

Naquele momento Julie sentiu um enjoo profundo, concentrando-se para não vomitar. Os pulmões do paciente estavam realmente inchados, comprimindo-se contra as costelas. Joseph analisou aquilo por um momento, e em seguida pediu a serra cirúrgica para um dos enfermeiros, que o alcançou.

Julie não podia acreditar no que estava vendo. Joseph serrava as costelas do paciente com dificuldades, mas de uma naturalidade assustadora, como se estivesse cortando um pedaço de madeira. Os enfermeiros o auxiliavam enquanto Julie permanecia a segurar a mão do paciente, que a segurava com ainda mais força, quase quebrando os seus dedos. Ele gritava o mais alto que podia até que não tivesse mais forças para gritar. As lágrimas escorriam pelo seu rosto e sangue escorria pela lateral da sua boca. Seus olhos fechados e apertados demonstravam quanta dor ele estava sentindo naquele momento.

O enfermeiro pegou em mãos uma das costelas retiradas e jogou-a na pia, como se fosse um osso de um animal qualquer. Aqueles gestos dos enfermeiros e do Dr. Cottons eram mais assustadores por pensar que eles passavam por aquilo todos os dias, e que para eles, tudo aquilo era comum.

Joseph serrava a segunda costela do paciente, enquanto ele ia devagar soltando a mão de Julie, perdendo suas forças. O eletrocardiograma bipava agora seus batimentos menos acelerados, mais leves. Ela o olhou assustada. Podia ver que sua expressão facial estava agora suavizando, e ele não gritava mais. Julie sentiu um arrepio intenso, um frio que durou apenas um segundo, e assim o paciente soltou sua mão.

A segunda costela foi retirada, e Julie olhou para o médico.

– Dr. Cottons, estamos perdendo ele.

Ele tornou seu olhar para o rosto do paciente, em seguida para o aparelho que media seus batimentos cardíacos e assentiu. Seus pulmões expostos não puxavam mais o ar como antes.

Os enfermeiros então começaram a fazer uma massagem cardíaca no paciente, tentando fazê-lo voltar à vida, mas nada adiantava. O eletrocardiograma mostrou a parada de suas batidas cardíacas. Uma linha reta, seguido de um longo bipe.

Joseph Cottons suspirou. Viu que mais um havia morrido em sua mesa de cirurgias.

– Perdemos ele, doutor. – Disse um dos enfermeiros.

Julie continuava a segurar a mão dele, mesmo que ele não fizesse o mesmo. Estava perplexa e pálida. Joseph apoiou-se na maca, olhando para baixo. Podia ver que ele estava profundamente irritado.

Joseph Cottons então chutou com raiva a mesa com utensílios cirúrgicos, e todos se assustaram de imediato. Tudo caiu no chão, fazendo um barulho estridente e manchando o piso branco de sangue. O médico ficou fora de si por aquele momento, levando as mãos à cabeça em meio aos seus cabelos descabelados e sentando no chão, apoiado em um armário da pia.

Todos ficaram em silêncio, sem saber ao certo o que fazer. Julie soltou sua mão da mão do falecido.

Joseph finalmente olhou para os enfermeiros em pé ao redor da maca.

– Limpem isso. – Disse apenas, e em seguida se levantou, tirou suas luvas, sua máscara e a lâmpada de sua cabeça, jogando tudo na pia, junto com as costelas serradas do paciente agora morto, e se retirou da sala, batendo a porta atrás de si com muita força.

Julie olhou assustada para os demais.

– Não se preocupe. – Disse um dos enfermeiros. – Morrer nessa sala é mais comum do que pensa. O comportamento temperamental do Dr. Cottons é

sua marca registrada. Vai se acostumar com isso.

Julie assentiu, ainda assustada, como se não tivesse outra escolha a não ser balançar a cabeça positivamente. Um dos enfermeiros desamarrou o paciente, retirou o pano sobre ele e a touca em sua cabeça. Em seguida tirou a pulseira em seu pulso que era ligada ao eletrocardiograma e tapou o paciente inteiramente com um lençol. Tirou-o da sala e foi levá-lo para o necrotério do primeiro andar.

Julie e o outro ficaram responsáveis por limpar a sala, e permaneceram em silêncio durante todo o tempo, enquanto ela tentava não chorar.

* * * * * * * * * * * *

Julie chegou em seu quarto naquela noite, chorando muito enquanto sentava em sua cama. Mary não estava ali. Aquele dia havia sido muito pesado para ela e ela não sabia quanto tempo mais iria aguentar.

Pela sua janela, conseguiu ver o quarto do Dr. Cottons, no outro bloco. Estava com a luz do quarto acesa e ele permanecia sentado em uma mesa em frente à janela, escrevendo rapidamente sobre diversos papéis espalhados. Ainda usava seu jaleco sujo se sangue seco. Seus cabelos continuavam descabelados e Julie se perguntou se ele ao menos tomava banho.

Respirou fundo e levou uma das mãos à cabeça. Não podia pensar em desistir, não no seu segundo dia. Precisava daquele emprego e precisava daquele dinheiro. Lembrou-se do que Mary a havia dito quando ela chegou à Waverly Hills. Deveria ver as mortes ali como avanços na medicina, como necessárias para encontrar a cura da epidemia.

Era isso que ela tentaria fazer.

Abriu seu diário e escreveu nele o que vinha em sua cabeça.

“Fugir é inútil

Você tenta ficar à par com a inocência

E esquecer as recusas

Pensando no dia em que isso tudo vai acabar.”

* * * * * * * * * * * *

Durante os dias seguintes, Julie permaneceu a trabalhar no hospital tentando não se deixar abalar pelas coisas que aconteciam ali. Medicava os pacientes, supervisionava suas caminhadas no jardim e não teve mais problemas com Beth e Jane, do quarto 418. Percebeu que desde o dia da hidroterapia, elas estavam bem mais quietas e calmas. Principalmente Jane, que não saía de sua cama. Ria menos e tossia mais. Parecia que estava piorando.

Julie sempre ia até o quarto 417 conversar com o Sr. Goodwin, que era um senhor aparentemente muito solitário. Ele tinha um colega de quarto, um senhor também, mas ele nada dizia. Por isso, Charles Goodwin sempre gostava de ver Julie. Ela lia para ele e ele contava a ela sobre sua falecida esposa, e sobre seu filho. Tossia às vezes, mas parecia estar tendo uma melhora significativa. Julie sorria ao perceber que ele também havia voltado a sorrir, e também passeava mais no jardim ao longo dos dias, em horários de banho de sol e passou a dispensar os leitos no jardim.

Ela começou a perceber as mudanças significativas que um pouco de atenção podia fazer com os pacientes.

Julie também cuidava às vezes da ala infantil, contava histórias para as crianças e as medicava, e era uma área do hospital muito tranquila. Timmy continuava a brincar sozinho com suas bolas de plástico infláveis e Julie às vezes ia brincar com ele. Com o tempo, ela foi percebendo que ela era a única enfermeira na qual ele falava, e deixava ser medicado, e deixava com que brincasse com ele. Ele era um menino adorável, mas infantil para a sua idade.

Todos os dias percebia que pacientes eram levados para a sala cirúrgica, e na maioria das vezes o Dr. Cottons saía de lá frustrado, chutando as coisas e batendo nas paredes, incrédulo quando suas cirurgias não davam certo. As doses

de anestesia ainda eram poucas, e, quando conseguidas, pouco efetivas. A maioria dos pacientes permanecia acordado durante as operações e muitas vezes viam suas costelas sendo retiradas dos seus corpos. A cada 100 pessoas que eram submetidas às cirurgias, apenas cerca de 4 delas sobreviviam e voltavam aos seus leitos. Mesmo tendo pouco sucesso, o Dr. Cottons tinha muita fé nos seus estudos de que aquilo tinha que dar certo. E Julie continuava a observar da janela do seu quarto o médico estudando no quarto dele tarde da noite, de luzes acesas, enquanto todas as outras luzes do prédio estavam apagadas.

Ela começou a perceber que o comportamento do médico estava piorando com o tempo. Assim como Mary havia dito, ele passava seus dias cada vez mais frustrado tentando achar a cura da doença que parecia estar tão distante.

Via o necrotério do primeiro andar encher cada vez mais e os leitos ficando cada vez mais vazios. Via mais covas sendo cavadas por Jerry e mais carrinhos tampados com lençóis sendo levados em direção ao túnel. Via cada vez mais pessoas sendo internadas e cada vez mais pessoas saindo dali sem vida. Estimava-se que ocorriam cerca de 3 mortes a cada hora naquele hospital, o que fazia com que a rotatividade de pacientes fosse enorme. Jerry fazia cada vez mais viagens ao túnel e Joseph estudava cada vez mais cadáveres com tuberculose, tentando achar a cura.

Ela chorava todas as noites, na maioria das vezes no banho, aonde ninguém podia vê-la chorando. Havia seguido o conselho de Katia e tomava seus banhos quando não havia mais ninguém no banheiro, depois das 22h. Somente assim ela podia ter um pouco de privacidade.

Um mês havia se passado e ela recebia cartas dos seus pais toda a semana, e os respondia. No seu primeiro pagamento, enviou a maior parte do dinheiro para a família, que agradeceu na carta seguinte. Ao menos ela estava ali por um propósito.

Mary continuava sem receber cartas dos seus pais e Julie se sentia mal por isso. Por outro lado, foi percebendo cada vez mais o fascínio de Mary pelo Dr. Hoffman. E esse fascínio começou a ser recíproco. Mary nada dizia à Julie

sobre isso, mas ela podia notar os olhares. Podia notar a maneira com que eles conversavam pelos corredores, e a maneira com que ele alisava os cabelos ondulados e negros de Mary. Julie começou a desenvolver uma certa aversão por ele, pois, mesmo sendo casado, ele tinha um olhar malicioso para quase todas as enfermeiras do hospital, mas Mary era a única com quem ele falava sobre isso. Os dois eram colegas de trabalho e sabiam que um relacionamento ali seria impossível, mas Julie não os julgava. Mary precisava de atenção de algum modo, portanto, não opinava sobre seus flertes com o médico.

Começou a esfriar e o inverno havia finalmente chegado, e junto com ele, a neve. No primeiro dia que nevou, os pacientes olhavam pela janela fascinados pelos flocos que caíam do céu. Julie, naquele dia, entrou no quarto do Sr. Goodwin cheia de felicidade, abrindo as cortinas da janela ao seu lado.

– Veja Sr. Goodwin! Está nevando! – Ela havia dito, e ele olhou para fora da janela ao seu lado com um sorriso no rosto, sem sair do seu leito. – Não é maravilhoso? Você não disse que seu filho adorava brincar na neve quando pequeno?

Charles Goodwin sorria ao lembrar daquilo. Julie o conhecia tão bem, e ela gostava de fazê-lo sorrir. Tinha um sorriso radiante e contagiante, mesmo em meio a todo aquele caos.

– Julie, gostaria que você fizesse um favor para mim. – Disse ele. – Gostaria que você escrevesse uma carta ao meu filho.

Ela se emocionou com aquelas palavras. Ficaria feliz em fazê-lo, mas tinha certa certeza dentro de si de que o Sr. Goodwin não obteria resposta. Mesmo assim, ela concordou. Charles nunca havia aprendido a escrever, por isso nunca havia mandado cartas ao seu filho, apesar de toda aquela saudade, e nunca nenhum enfermeiro o ajudou a fazê-lo.

– Ficaria feliz em fazer isso por você. – Disse ela. – Vamos fazer isso agora mesmo, sim?

E ela foi buscar papel e caneta. Voltou ao quarto e, enquanto ele ditava o que ela deveria escrever, ela o fazia com prazer. Tentava não chorar ao ouvir

suas palavras. Ele dizia que estava com saudades e ficaria muito feliz se ele pudesse visitá-lo, quando fosse primavera de novo, pois sabia o quanto era difícil subir a colina no inverno. Julie apertou a mão dele, e o disse para ter esperança que seu filho viria com certeza.

Julie depois de escrever a carta ao filho de Charles, fechou-a e colocou o devido endereço do filho. Usou um de seus selos e foi correndo ao encontro de Jerry, que tomava café na cozinha.

– Jerry! Preciso que me faça o favor de enviar essa carta também aos correios. – Disse ela.

Ela sabia que Jerry enviava as cartas duas vezes por semana, e, no inverno, ele utilizava o túnel para levá-las ao correio. Ele pegou a carta dela em mãos e leu o destinatário.

– É para a família do Sr. Goodwin? – Perguntou ele. – Seu filho não o visita há muito tempo. Não dê esperança para aquele pobre coitado, Julie.

– Jerry, esperança é a única coisa que os move aqui. – Respondeu ela. – Temos que tentar, certo? Qual a pior coisa que pode acontecer?

Ele sorriu para ela.

– Acho sua maneira de ver a vida muito diferente aqui no hospital. – Disse ele apenas. – Agradeço a Deus por você ser tão maravilhosa com essas pessoas, Julie.

Ela sorriu, e em seguida saiu da sala. Era para isso que estava ali, afinal, para mudar a vida das pessoas. Para trazer um pouco de esperança aonde tudo parecia estar perdido. E talvez seu propósito estava sendo cumprido, afinal. Talvez ela não devesse desistir, e talvez não houvesse sido mandada até ali apenas para ajudar no sustento dos seus pais. Talvez estivesse ali por um motivo maior.

* * * * * * * * * * * *

Era o final do expediente quando Julie lia um livro ao Sr. Goodwin. Katia veio até a porta.

– Julie, o turno acabou. Vamos dormir.

– Oh sim, só vou acabar de ler esse capítulo para o Sr. Goodwin. Estou quase acabando. – Respondeu ela, olhando para a colega na porta.

Katia sorriu e saiu dali.

– Ralph daqui a pouco vai passar trancando as portas. – Disse o paciente.

– Ainda temos tempo, não se preocupe. – Disse ela, sorrindo. E continuou a ler.

Passaram-se alguns minutos, e estava tudo em silêncio. Os pacientes dormiam. Julie havia acabado de ler a última página do capítulo quando ouviu gritos vindo do quarto ao lado. O Sr. Goodwin se escondeu por debaixo dos lençóis ainda olhando para Julie.

– O que foi isso? – Perguntou ela.

– É dia da Anne cuidar do período noturno. – Disse ele somente, e em seguida fingiu estar dormindo, virando-se para a parede.

Julie levantou-se e foi em direção aos gritos. Era de Beth. Julie entrou no quarto 418 e viu a enfermeira Anne puxando a paciente pelos cabelos e batendo em seu rosto.

– ANNE! – Gritou Julie. Ela parou e olhou para a colega. Soltou os cabelos de Beth, que finalmente parou de gritar. – O que está fazendo?

Anne olhou para Beth e em seguida para Jane no leito ao lado, como se não soubesse direito aonde estava. Olhou novamente para Julie.

– Você não entende. – Disse apenas.

– Saia daqui. Saia daqui e vá para a sala das enfermeiras até que Ralph passe trancando tudo.

Anne nada disse e obedeceu, saindo do quarto. Julie olhou para Beth.

– Você está bem?

– Ela é o demônio. – Respondeu Beth, com as mãos em seus cabelos

tentando aliviar a dor. – Mas mesmo que Ralph tranque as portas, não estaremos a salvo.

Jane tornou a tossir. Ela estava mais pálida do que o normal, e suas olheiras, profundas. Sua boca estava seca e rachada, e o brilho dos seus olhos ofuscavam a cada dia. Era perceptível que ela não voltaria a sorrir novamente.

– Jane está piorando, Julie. – Disse Beth. – Ela está piorando.

– Acalme-se. – Disse Julie. – Amanhã falarei com o Dr. Cottons sobre o estado dela…

– Não Julie, não faça isso. – Implorou Beth. – Se ela for operada, ela vai morrer.

Julie olhou fundo nos olhos de Beth. Apesar de pensar o mesmo, não havia outra saída. Quem entrava em Waverly Hills estava destinado a morrer. Ela não se lembrava do último paciente que havia saído dali curado.

– Vou pensar em algo. – Disse Julie. – Ouvi dizer que estão criando pílulas no país contra a tuberculose. Estão em fase de testes ainda, mas ouvi o Dr. Joseph falando no telefone sobre algumas amostras que vão mandar para Waverly Hills.

Isso era verdade. Porém, sabia que não deveria estar dizendo isso para as pacientes, ainda mais para Beth e Jane. Não era nada comprovado ainda, e nem ao menos sabia se o Dr. Cottons havia conseguido as amostras.

– Julie, você tem que conseguir uma dessas pílulas à Jane.

Julie suspirou. A tentativa de Beth em salvar a amiga era realmente emocionante, mesmo que não houvesse muito a ser feito. Ouviram então barulhos de chave se aproximando. Era o barulho inconfundível de Ralph andando pelos corredores.

– Vou ver o que posso fazer. Agora tentem dormir. E não contem nada a ninguém sobre isso.

Ela saiu do quarto, passando por Ralph no corredor. Ela o disse boa noite. Ele não respondeu. Foi trancando as portas até chegar no quarto 418, onde olhou para dentro. As duas pacientes fingiam que dormiam, e ele trancou a porta,

apagando as luzes do corredor.

Assim que Beth e Jane estavam trancadas em seus quartos, Beth levantou de sua cama e foi até o leito de Jane, ajoelhando-se no chão, segurando a mão dela.

Ela mal falava naquele ponto. Estava delirando de febre durante o dia inteiro e já havia sido tão medicada pelos enfermeiros que estava dopada. Sua boca seca entreaberta tremia às vezes, como se ela estivesse tentando se comunicar, mas sem sucesso. Seu estado era realmente crítico.

– Jane, prometa-me que você vai ficar melhor. – Dizia Beth. – Porque nós vamos morrer juntas. Não é? Vamos passar a eternidade juntas. Prometa-me isso.

Jane apenas piscava seus olhos cansados e semicerrados me meio a toda aquela palidez. Naquele momento, seus olhos não brilhavam mais.

– Você é tudo o que eu tenho, Jane, e eu sou tudo o que você tem. Não é? Sempre dizíamos isso uma à outra e dizíamos que no dia que saíssemos daqui, sairíamos juntas. No mesmo dia. Que viveríamos na cidade juntas, e saudáveis. Felizes.

Jane ainda não dizia nada, com o olhar entreaberto fixo na parede em sua frente.

Beth deixou cair algumas lágrimas, e então apertou seu próprio pulso, fincando suas unhas em sua veia até que sangrasse. Em seguida, fez o mesmo com o pulso de Jane, que não parecia ter sentido nada. Do pulso dela escorreu um filete de sangue, e Beth juntou suas duas feridas, para que o sangue se misturasse.

– Veja. Somos irmãs agora, está bem? Somos irmãs de sangue. Se você morrer, eu morro. Então fique bem.

Jane virou seu olhar fraco aos olhos de Beth, e em seguida voltou a olhar para frente. Mesmo que quisesse, não era capaz de dizer uma palavra.

– Boa noite, Jane. – Disse Beth, beijando sua mão e colocando-a de volta na cama. Ela voltou para o seu leito e dormiu depois de alguns minutos.

No meio da noite, uma temperatura congelante tomou conta do quarto.

* * * * * * *
* * * *

– JANE! JANE! – O dia no quarto andar começou com os gritos de Beth.

Isso ocorreu quando os enfermeiros ainda estavam na cozinha, tomando café da manhã. Com os altos gritos, Ralph foi até lá com a chave do quarto em mãos, e abriu a porta. Julie levantou da mesa e foi correndo subindo as escadas em direção ao quarto andar. Foi seguida por mais um enfermeiro.

Quando chegaram ao quarto, viram Jane chorando ajoelhada ao lado do corpo de Jane, ainda deitado na cama. Beth chorava e gritava descontrolada.

O enfermeiro segurou Beth tentando contê-la, enquanto ela chorava pela morte da amiga. Ele a tentava acalmar. Julie aproximou-se de Jane.

Ela estava deitada na cama, pacificamente, com os olhos ainda semicerrados, sem vida. Seu rosto estava mais pálido do que de costume, seus lábios estavam roxos e ela estava gelada. Gelada como a neve.

– Leve-a daqui. – Disse o enfermeiro à Julie.

Julie estremeceu.

– O que faço com ela?

– Leve-a ao necrotério no primeiro andar. – Dizia, enquanto segurava Beth, que esperneava e chorava, fora de si.

Julie começou a tirar a trava das rodas do leito de Jane quando o Dr. Cottons apareceu na porta. Vendo a cena, soube o que havia acontecido sem nem precisar de uma explicação.

– Estou levando-a ao necrotério, doutor. – Disse Julie, antes que ele perguntasse. Ele afirmou com a cabeça.

– Tampe-a com um lençol antes. Não quero que os pacientes a vejam desse jeito. – Julie concordou e o fez. Joseph continuou a falar. – Deixe-a em

uma das macas de porcelana lá embaixo, não nas gavetas. Quero examiná-la. – Julie assentiu, e em seguida Joseph olhou para Beth, sendo contida pelo enfermeiro. – Leve-a para a hidroterapia.

O médico saiu. Julie engoliu em seco e foi em direção ao elevador, empurrando a maca com a morta sobre ela. Sabia que Jane havia piorado desde sua sessão na hidroterapia. E agora Beth seria submetida àquilo novamente. Julie ficou triste em pensar que Jane foi à hidroterapia naquele dia para acompanhar a amiga, para que Beth não ficasse sozinha, e aquele ato talvez fosse o motivo de sua morte.

Julie entrou no elevador com a maca e apertou o número 1. As portas se fecharam, e Julie esperou ao lado da maca esperando chegar ao primeiro andar.

De repente, sentiu o elevador parando e as luzes se apagaram. A única iluminação que havia ali era de uma luz fraca de segurança no canto superior do elevador. Julie soltou um palavrão e tentou apertar o botão do primeiro andar de novo. Nada acontecia, e ela chutou a porta do elevador de raiva, ficando em frente à maca de Jane.

Mary não a havia explicado o que fazer em casos como esse.

Atrás dela, a maca permanecia parada. Julie tentava chamar alguém do lado de fora que pudesse ajudá-la, em frente à porta.

Nem percebeu que a mulher atrás de si começou a se levantar, sentando-se na maca. O lençol caiu de seu rosto, e Jane olhava para Julie, de costas, com seus olhos semicerrados quase sem cor que se destacavam entre suas olheiras escuras, enquanto aproximava sua mão gelada do pescoço do Julie. A enfermeira batia na porta em busca de ajuda, quando a mão de Jane ia se aproximando lentamente, quase tocando seu pescoço.

A boca seca e rachada de Jane, agora arroxeada, ainda tremia, assim como suas mãos. Seus cabelos oleosos caíam sobre seu rosto, e à medida que se aproximava de Julie, parecia que a temperatura do elevador ia ficando cada vez mais fria.

De repente, as luzes se acenderam e o elevador continuou a andar. Julie

suspirou aliviada. Talvez fosse apenas uma queda no gerador de energia. Olhou para a maca atrás de si. Jane continuava deitada com o lençol sobre si. O elevador chegou ao primeiro andar e abriu as portas, e Julie saiu dali levando a maca com o corpo em direção ao necrotério.

* * * * * * *
* * * *

O necrotério do primeiro andar era talvez o local mais gelado de todo o hospital. Era todo branco, com as paredes um pouco rachadas e o chão era manchado devido aos líquidos e produtos químicos que ali eram derramados por acidente. Haviam duas macas de porcelana, uma ao lado da outra na sala, e uma pia ao lado da porta. Um grande armário de gavetas metálicas para guardar os corpos também ficava ali, encostado na parede, mantendo corpos de pessoas que ali morriam, esperando para serem analisados, passar pelo túnel ou serem enterradas no cemitério. No final da sala havia uma porta grande e rachada, aparentemente velha. Ela não tinha interesse em saber o que havia por trás daquela porta.

Julie estremecia a cada olhada ao redor que dava. Jane agora estava deitada sobre uma das macas de porcelana que tinha vãos fundos ao seu redor. Aquilo servia para que o sangue e líquidos do corpo examinado não escorresse no chão e fosse tudo em direção a um ralo na parte inferior da maca.

Joseph estava se preparando para examinar o corpo e Julie era a única ali para o auxiliar. Todos os outros enfermeiros estavam ocupados com outras coisas, cuidando de outros pacientes, supervisionando-os e preparando alguns para cirurgias que seriam feitas mais tarde. Ela já estava pronta, vestida com um avental branco, máscara cirúrgica e luvas de látex. Respirava ofegante a cada movimento que o médico fazia, dando a entender que ele por fim iria começar. Ela não estava preparada para aquilo, afinal.

Julie por um momento olhou de relance para o corpo em sua frente e

achou que havia visto Jane a observando com os olhos arregalados e sem cor. Mas era apenas impressão, e Julie suspirou. Achou que estava começando a enlouquecer naquele lugar. Os olhos de Jane continuavam semicerrados, não fechados por completo, e aquilo a estava angustiando.

– Bem, vamos começar. – Disse Joseph, aproximando-se do cadáver com seus utensílios cirúrgicos ao seu lado.

– Doutor… – Começou Julie. – Será que não seria melhor se fechássemos os olhos dela?

Joseph olhou para Julie com incerteza sobre aquela pergunta, e em seguida olhou para o rosto de Jane. Era indiferente como seus olhos permaneceriam durante a autópsia. Joseph deu de ombros e em seguida Julie os fechou. Agora ficaria mais fácil continuar com aquilo.

Joseph então abriu o tórax de Jane com um bisturi, com a mesma naturalidade que havia aberto outros corpos nas cirurgias dos pacientes para a retirada de suas costelas. Era como se ele tratasse cadáveres e pacientes vivos da mesma forma, sem qualquer tipo de cuidado, apenas interessado em seus interiores, tentando achar a fonte da doença. Sangue começou a escorrer da ferida e um cheiro ruim tomou conta da sala. Julie tapou seu nariz com o antebraço e se segurou para não vomitar.

– É normal que algumas horas após a morte o corpo humano comece a exalar gases. – Explicou Joseph. – Jane morreu no início da noite anterior, com certeza.

Joseph cortou o tórax de Jane em forma de Y, e em seguida Julie o alcançou uma ferramenta para abrir a ferida. Em meio a horas de análise, serração de ossos, perda de sangue e líquidos do corpo e abertura dos pulmões, Julie não aguentou. Afastou-se da maca por um instante e vomitou ali na pia mesmo, que para ela durou uma eternidade. Joseph não deu importância àquilo. Só estava interessado em uma coisa.

– Os pulmões estão cheios de sangue e muco, catarro. É como todos os outros pacientes que eu examinei, mas alguns possuem indícios de pneumonia.

Alguns evoluem a doença para a pneumonia e acabam morrendo disso. É o caso de Jane. – Fez uma pausa.

Julie olhou para ele assim que sentiu que não tinha mais o que vomitar. Apoiava-se na pia com a máscara cirúrgica abaixada em seu queixo, e estava um pouco pálida, com sua respiração pesada. Ela não sabia o que dizer. O Dr. Cottons era uma pessoa difícil de lidar, e ela se questionava se ele ouvia o que ela dizia, às vezes. Ele achava que só ele tinha razão e a inteligência necessária para curar aquelas pessoas. Preferia que os enfermeiros não o atrapalhassem, apenas auxiliassem.

Julie voltou a olhar para a pia em sua frente, pensando que seria perda de tempo pensar em algo para dizer.

– Mas por que não consigo chegar ao motivo disso? – Disse o médico para si, enfim, e chutou a maca com raiva.

Julie ainda estava apoiada na pia e olhou para ele de novo, assustando-se com o barulho e limpando a boca com as costas da mão.

– Eu estou estudando essa doença há anos. – Olhou para Julie. – Eu não consigo chegar à cura dessa bactéria, não consigo! – Gritou ele, batendo na mesa de utensílios cirúrgicos e deixando tudo cair no chão. Em seguida, Joseph socou a parede com todas as suas forças e encostou sua testa nela.

Julie encostou-se na pia, com medo daquela reação. Ele estava perdendo o juízo a cada dia que passava naquele hospital. Ele tossiu algumas vezes com o rosto encostado na parede, e em seguida se afastou. Estava perdido em pensamentos, com a respiração pesada enquanto o corpo de Jane ainda permanecia aberto sobre a maca. Julie não sabia o que dizer.

– Limpe tudo. – Disse ele por fim. – Tire todos esses corpos daqui, não quero ver mais nenhum corpo aqui até o fim do dia. Estou farto disso por hoje. Mandarei Jerry para te ajudar.

Assim, ele saiu da sala. Julie ainda permaneceu parada encostada na pia por alguns minutos, e assim começou a chorar. Às vezes se sentia humilhada e fraca. Começou a ajuntar do chão as ferramentas que ele havia deixado cair.

Nem ao menos percebeu que os olhos de Jane estavam de novo semicerrados.

* * * * * * *
* * * *

Jerry entrou no necrotério enquanto Julie limpava o chão. Ela ainda chorava.

– Oh querida. – Disse ele, se aproximando dela quando percebeu sua tristeza, e a abraçou delicadamente. – Não se preocupe com isso.

– É humilhante. – Disse ela em meio às lágrimas. – É terrível. Não sei quanto tempo mais terei forças para isso, Jerry. Não sei…

– Acalme-se. – Disse ele. – Respire fundo. As primeiras vezes são sempre as piores, mas depois de um tempo você se acostuma e releva tudo isso, está bem? Estou aqui para te ajudar. Não precisará passar por nada sozinha.

Ela assentiu e o agradeceu, enquanto voltava a limpar o chão. Jerry então pegou um carrinho que era guardado ali nos fundos da sala, o mesmo carrinho que Julie o havia visto levar várias vezes ao longo dos dias em direção ao túnel.

Ela estremeceu ao perceber o que ele iria fazer em seguida. Abriu as gavetas do armário de corpos, uma por uma, enquanto pegava cuidadosamente cada cadáver e os colocava no carrinho. Lia a identificação de cada um antes de transportá-los. Em seguida, Jerry pegou outro carrinho, igual ao primeiro, que usou para colocar os corpos com identificação, com mais cuidado do que o anterior. Dividia os corpos por placas metálicas para que eles não se encostassem.

Jane em seguida foi colocada no topo do primeiro carrinho, ainda com o corte em forma de Y em seu tórax, sem nenhuma preocupação em costurá-lo. Julie observava aquilo com dúvidas.

– Esse é o carrinho dos indigentes. – Disse Jerry, apontando para o

carrinho que levava Jane em seu topo. – Aquele leva as pessoas com identificação.

Julie estremeceu ao perceber que o carrinho com indigentes estava bem mais cheio do que o carrinho dos identificados, com os corpos empilhados um em cima do outro.

Os corpos do carrinho dos cadáveres identificados estava cuidadosamente cuidado, e os corpos não se encostavam entre si através de apoios de metal, o que faziam que mesmo assim o último corpo ficasse na superfície do carrinho.

– Eu sei o que você está pensando. – Continuou ele. – As mortes estão mesmo começando a fugir do controle. No inverno é ainda pior, devido às baixas de temperatura. Os pacientes ficam muito vulneráveis, e temos que esperar ter um número de mortes significativa aqui no necrotério para transportarmos todos de uma vez lá para baixo da colina. – Suspirou. – Não é um trabalho muito fácil, principalmente para um velho como eu. De qualquer maneira, Katia já ligou para as famílias das vítimas com identificação e para as faculdades de medicina que vamos doar os indigentes. Venha, leve este carrinho.

– Levar? – Perguntou ela, como se não tivesse ouvido direito.

Jerry olhou-a nos olhos.

– Sim, leve esse que está com menos carga. – Disse ele, cobrindo os dois carrinhos com um lençol branco.

Ela ficou um momento em silêncio, pensando se aquelas palavras dele não eram algum tipo de brincadeira. Quando percebeu que ele estava falando sério, e amedrontou-se.

– Eu não transporto corpos, Jerry. – Disse ela por fim.

Ele suspirou e olhou-a fundo nos olhos.

– Olhe ao redor Julie. – Respondeu ele, em um tom sério. – Estamos fora do controle. Não há ninguém mais para fazer esse trabalho comigo, além de você.

Jerry foi empurrando um dos carrinhos e Julie olhava para o outro,

coberto com um lençol, enquanto ainda segurava o esfregão em mãos. Tinha a respiração pesada, amedrontada. Largou o esfregão ali mesmo e empurrou o segundo carrinho sabendo que não haveria escolha, indo atrás de Jerry antes que ele se perdesse de vista.

Impressionou-se ao perceber que seu carrinho, que deveria ter cerca de seis corpos, estava muito mais leve do que pensava que estaria.

* * * * * * *
* * * *

Seguiram em direção ao túnel por uma estrada em que a neve havia sido retirada. Adentraram o bosque por poucos metros até chegar na entrada do túnel. Ele tinha uma grande porta de metal, e Jerry a abriu com um pouco de dificuldades.

Ele entrou primeiro, e Julie foi atrás dele. Parecia estar mais frio do que lá fora. Mas o que chamou mais a atenção de Julie naquele lugar, além da escuridão poupada por poucos pontos de luz ao longo do túnel, era o cheiro. Um cheiro como nada que ela houvesse sentido antes. Um cheiro de podre, um cheiro de morte.

Jerry a explicou para encaixar as rodinhas do carrinho nos trilhos do túnel, que ficavam sobre a rampa. Do seu lado esquerdo, haviam escadas.

Estava úmido lá dentro, e o pouco que ela pôde reparar dali era que as paredes e o chão estavam rachados e manchados, com o mofo tomando conta do lugar. Parecia um túnel abandonado, apesar de não ser tão antigo.

Apenas parecia que nada ali em Waverly Hills era tratado com zelo. Jerry e Ralph eram os únicos zeladores ali e não davam conta de cuidar de todo aquele espaço.

– Fique logo atrás de mim – Disse ele. – Sei que é impossível de se perder aqui, mas está escuro apesar dos fracos ponto de luz. O que quer que aconteça, se caso você se perder de mim, nos encontramos no fim do túnel. É só

seguir reto e ir em direção a luz, que ficará evidente quando eu abrir a porta.

Ela assentiu. Estava com medo, mas aquilo deveria ser menos pior do que tudo que ela já havia vivenciado ali. Ela só precisava levar o carrinho até o fim da colina. Não deveria ser tão difícil. Respirou fundo e começou a andar.

Julie estava perdida em pensamentos, seguindo Jerry, que estava cada vez mais distante dela. Enquanto ela ainda o tinha em vista, não se preocupava com a distância entre os dois. Pensava em quantas pessoas haviam sido transportadas por ali ao longo dos anos de funcionamento de Waverly Hills.

Aquele cheiro a estava deixando enjoada, e ela levou um dos braços ao nariz, tentando não sentir aquilo. De repente, seu carrinho emperrou nos trilhos. Ela soltou um palavrão e tentou empurrá-lo, fazendo com que ele tremesse um pouco e os corpos nele balançassem. Ela viu que teria que ser cuidadosa, e tentou novamente fazer com que o carrinho andasse.

Ela ouviu uma voz chamando pelo seu nome. Mas não parecia ser de Jerry. Era uma voz suave, trêmula, baixa, fina.

– Juuulieee... – Chamou a voz mais uma vez.

– Jerry? – Perguntou ela, olhando ao redor. Jerry não estava mais em sua vista. Ele não havia reparado que o carrinho dela havia emperrado e continuou a andar até o fim do túnel, deixando-a ali.

Não obteve resposta, e voltou a sentir calafrios na espinha enquanto tentava fazer com que aquele carrinho andasse a todo custo.

– Juuulieee…

Sem sucesso com o carrinho, olhou ao redor. Não havia nada ali. A voz permaneceu chamando seu nome enquanto se tornava mais rouca e pesada, mais perto. Era como se alguém a estivesse chamando e se aproximando lentamente.

Julie voltou a empurrar o carrinho, enquanto podia sentir alguém se aproximando dela por trás, em passos lentos, arrastados. Não teve coragem de olhar para trás. Havia um longo caminho ainda a percorrer e ela não queria ficar ali por nem mais um momento sequer.

Ela então empurrou o carrinho com força e ele voltou a andar pelos

trilhos, ainda com o lençol sobre os corpos. Ela se aliviou um pouco. Deveria ser apenas coisas de sua cabeça. Foi andando mais depressa, ainda sentindo algo se aproximando dela lentamente. Passos rastejantes.

Julie não percebeu que o lençol havia encostado no chão e a rodinha do carrinho o fez cair. Os mortos agora estavam expostos. Ela tentou alcançar o lençol no chão, mas não conseguiria segurar o carrinho com uma só mão naquela descida.

– Juuulieee... – Escutou de novo, e ignorou o lençol no chão, agora andando mais depressa.

Os corpos no carrinho que ela empurrava balançavam devido à velocidade que ela andava, e, por um momento, ela pensou ter visto um deles a observando. O cheiro estava ficando cada vez mais forte de acordo com aquela voz que se aproximava. Os passos estavam ficando mais altos, ecoando pelo túnel.

Um dos corpos virou a cabeça para cima e abriu os olhos, em direção à Julie. Ela olhou para aquele cadáver a observando, com as íris pálidas. Seus olhos estavam arregalados e sua boca roxa parecia estar sussurrando à ela: Me ajude.

Julie começou a chorar e correu mais rápido, olhando para frente. O corpo agora permanecia deitado normalmente como Jerry havia deixado.

– Juuuulieeee…

Ela chamou Jerry, mas não obtinha resposta. Começou a gritar de horror. Viu então a luz no fim do túnel. Estava chegando perto. Jerry havia aberto a porta da base da colina e Julie estaria livre para sair.

Algo gelado a tocou no ombro e Julie olhou para trás.

Uma mulher idosa estava logo atrás dela, com os cabelos grisalhos descabelados e os olhos tinham a cor de um azul quase branco. Ela sorria com os dentes podres e chamou o nome de Julie mais uma vez, perto de sua orelha.

Aquele cheiro de podre e morte estava nítido agora, como se estivesse ao seu lado.

Julie gritou e soltou o carrinho, que foi descendo o restante do caminho sozinho, enquanto ela tirava desesperadamente a mão da idosa em seu ombro. Correu como nunca correu antes na vida, até chegar no final do túnel, em que Jerry a aguardava com os dois carrinhos. Ele havia conseguido segurar o carrinho que ela havia soltado.

Ela saiu do túnel e foi diretamente vomitar ao lado da saída, na neve. Quando terminou, olhou para Jerry.

Haviam algumas pessoas ali esperando pelos corpos, dois carros funerários e alguns carros normais. Todos a olhavam indignados, assustados, quase que com desprezo. Inclusive Jerry, que tinha uma expressão em seu rosto como se a estivesse perguntando o que havia acontecido.

– Nunca mais me peça isso, Jerry. – Disse ela por fim, enquanto limpava a boca com as costas da mão.

* * * * * * * * * * * *

Alguns dias haviam se passado e Julie estava cada vez mais magra. Não comia direito e estava deixando com que a tristeza tomasse conta de si. Muitas enfermeiras estavam passando pelo mesmo problema. Não era fácil permanecer em Waverly Hills e manter a saúde psicológica.

Certa manhã, Julie estava terminando seu café enquanto perdia-se em pensamentos, sem perceber que estava olhando para Steve, sentado em uma mesa do outro lado da sala. Ela o achava realmente atraente, o jeito que ele falava e sorria, e seu jeito único de olhar para as pessoas com seus olhos não totalmente abertos. Mas ela nunca pensaria em manter um relacionamento ali, naquele lugar, embora fosse interessante ocupar-se com outras coisas além de doentes.

Observava-o, quando Jerry veio falar com ela com um sorriso no rosto.

– Julie, adivinhe o que chegou ontem pelo correio? – Disse ele,

sentando-se ao seu lado.

– Uma carta, suponho. – Disse ela, sarcástica.

– Isso mesmo. Mas não apenas uma carta qualquer. – Entregou-lhe a carta em mãos. – Uma carta do filho do Sr. Goodwin.

Seu rosto irradiou por um momento, e ela sorriu de felicidade ao ouvir aquela notícia. Julie abraçou Jerry com uma vontade extrema, e em seguida foi correndo em direção às escadas para dar a notícia para o paciente.

Jerry sorriu ao ver a felicidade no rosto de Julie, que em dias não via.

Ela correu escadas acima até o quarto andar, e chegou ao quarto 417. Ralph já havia aberto as portas, e Julie entrou no quarto cantarolando. Os dois pacientes nos leitos dormiam.

– Bom dia! – Disse ela. O colega do Sr. Goodwin acordou, ainda sonolento, piscando os olhos, enquanto o Charles ainda dormia. – Tenho uma ótima notícia Sr. Goodwin! Acorde!

Ela foi diretamente até a janela ao lado da cama dele e a abriu, deixando a luz do sol de inverno entrar no quarto. Mesmo assim, o paciente dormia.

– Sr. Goodwin, é o seu filho! Seu filho respond…

Antes que ela pudesse terminar a frase, ela parou de relance ao perceber que, na verdade, Charles Goodwin estava morto. Ela levou uma das mãos ao seu pulso. Não havia batimentos cardíacos. Em seguida, levou a mão perto de suas narinas. Ele não respirava. O colega de quarto de Charles Goodwin então disse a primeira palavra desde que Julie havia começado a trabalhar ali, quando notou o que havia acontecido.

– Lamento.

Julie respirou fundo, ajoelhando-se ao lado de sua cama, e apoiou seus braços sobre seu colchão, enquanto escondeu o rosto entre os braços. Ela chorou naquele momento, com a carta do seu filho ainda em mãos.

* * * * * * * * * * * *

– Ele estava melhorando. – Disse Julie apenas enquanto retiravam o Sr. Goodwin do quarto. Ainda levava a carta do seu filho em mãos, e Mary estava ao lado dela, consolando-a.

– Odeio ter que repetir isso, Julie, mas… – Nunca se apegue. Nunca crie laços com pacientes. Está sentindo a dor que um dia eu senti. Não faça isso consigo mesma.

Julie balançou a cabeça positivamente, assentindo de novo áquele conselho que não havia seguido. Olhou para a carta em suas mãos e quis saber o que seu filho havia escrito para ele. Afinal, ela era a única pessoa que poderia compreender aquela carta, devido à sua amizade com Charles. Abriu-a e leu-a.

– O que diz? – Perguntou Mary depois de alguns minutos. Pela expressão facial de Julie, não era algo bom.

Julie voltou seu olhar para Mary. Seus olhos estavam cheios de lágrimas.

– É cruel. Como alguém pode escrever algo assim? – Soltou um fôlego que segurava em sua garganta enquanto tentava não chorar. – Ele diz que não pode mais manter contato com o pai porque ele é portador da Peste Branca. E ele não pode cometer o erro de contrair a doença aqui no hospital, em meio a todos esses doentes, por isso ele não poderá visitá-lo nunca mais. – Limpou uma das lágrimas que escorria em seu rosto. – E o Sr. Goodwin acabou de ganhar um neto.

Mary engoliu em seco, e abraçou Julie. Não sabia ao certo como lidar com aquilo, mas entendia a situação dela. Há alguns anos, Mary havia ficado muito próxima de uma criança doente, internada na ala infantil. A criança tinha 7 anos e era muito educada. Era como se aquela menina fosse sua filha. Passavam a maior parte do tempo juntas, até que a menina faleceu, deixando Mary muito triste nos dias seguintes, em que pediu para mudar de ala.

Mas ela não contou aquela história à Julie, pois preferia não lembrar. Por fim, quebrou o silêncio tentando ser racional.

– Jogue isso fora. – Disse ela, e Julie assentiu. – Que bom que ele

morreu antes de ler isso, afinal de contas.

* * * * * * *
* * * *

Julie estava na ala infantil, e as crianças permaneciam em seus leitos, ouvindo histórias. Julie lia um livro infantil qualquer enquanto Anne colocava uma criança de apenas dois anos para dormir em seus braços. Ela já estava ficando impaciente, Julie podia perceber. A criança em seus braços não parava de chorar e tossir. Já havia sido medicada e agora precisava de repouso. Seus berros interrompiam a leitura de Julie e despertava quem tentava dormir.

Julie olhou para Anne no final do corredor, isolada, tentando abafar os gritos da criança com as mãos. Julie percebeu que a enfermeira tentava calar o bebê tapando sua boca, o que era perigoso para uma criança daquela idade.

Julie parou de ler por um instante, assistindo àquela cena, e as crianças em seus leitos também voltaram seus olhares à Anne. O único que não parecia perceber aquilo era Timmy, que segurava uma bola inflável de plástico em sua cama. Julie pediu licença e largou o livro em uma mesa ao seu lado, enquanto ligava o rádio para distrair as crianças.

Ela se aproximou de Anne, e podia ouvir sussurros da enfermeira com a criança nos braços. Sussurros indecifráveis, como se fossem em outra língua. Chegando mais perto, Julie pôde perceber que Anne estava tentando sufocar o bebê em seus braços.

Como em um gesto sem pensar, Julie gritou, tentando impedir que o bebê fosse morto pela enfermeira.

– ANNE! – Gritou Julie, tirando o bebê dos braços de Anne e segurando a criança em seu colo. – Você está louca? O que está fazendo?

Anne olhou para dentro dos olhos de Julie com uma expressão surpresa. A mesma expressão que havia feito quando Julie a interrompeu quando espancava Beth em seu quarto.

As crianças daquela ala ainda a olhavam, assustadas com seus olhos arregalados, sem entender ao certo o que estava acontecendo no final do corredor.

– Julie, eu preciso fazer isso. Você não entende. – Disse Anne, tentando se justificar. Levou as mãos às têmporas como se estivesse tentando se proteger de um alto som. – As vozes na minha cabeça, elas não param de me atormentar. Aqui é sempre pior. Eu tenho que matá-los, Julie. Eu tenho que matar a todos para salvar a minha família…

– O que você está dizendo?

– Waverly Hills. Esse lugar, esse… essas pessoas… essas almas… essas vozes… – Ela falava enquanto se coçava e tornava a levar as mãos à cabeça. Parecia confusa e inquieta, como se estivesse tendo um ataque de pânico.

Julie a olhava incrédula e em seguida foi até o leito mais próximo, que acolhia uma menina, a criança mais velha da ala, de 14 anos.

– Fique com o bebê e eu já volto. – Disse Julie a ela, e a menina segurou a criança sem ter opção. Ela já havia parado de chorar e Julie voltou ao encontro de Anne. – Venha, você precisa descansar.

Ela levou Anne que ainda sussurrava coisas sem sentido para si mesma para o primeiro andar. Pegaram o elevador. Lá embaixo, Julie encontrou uma enfermeira e pediu para que cuidasse das crianças por um momento. Ela assentiu sem questionar e subiu até o quinto andar. Pensou que Anne estivesse passando mal.

Anne ainda se coçava e suspirava palavras em outra língua. Parecia latim. Julie levou-a até seu quarto, pegou as chaves no bolso dela e deitou-a em sua cama. Achava que a situação de Anne era pior do que ele pensava.

– Deite-se e tente dormir. Acalme-se. Vou vir te ver mais tarde, está bem? – Disse Julie, sem saber ao certo como agir, ajoelhando-se ao lado da cama dela e a cobrindo com o lençol.

Ela já ia saindo do quarto, quando Anne agarrou seu pulso para que ela não fosse. Puxou Julie para mais perto dela com violência, em um movimento

brusco, e Julie a olhou amedrontada.

– Vá embora desse lugar antes que seja tarde demais para você. – Disse Anne, e depois soltou o pulso de Julie.

Ela não disse nada. Foi rapidamente à saída e fechou a porta, deixando Anne em seu quarto. Temeu pensar que Anne estava enlouquecendo e colocando a saúde dos pacientes em risco.

Julie voltou ao hospital e ia subindo as escadas para o quinto andar, quando ouviu algumas risadas que pareciam ser familiares. Olhou ao seu redor. Não havia ninguém ali. Estava quase chegando ao quarto andar quando ouviu sussurros e mais risadas. Parou ali mesmo e entrou no quarto andar. Olhou em direção aos quartos, aonde Beth olhava para fora do seu, em pé, observando Julie. Em seguida riu e voltou ao quarto. Julie foi até lá.

Elizabeth Becher estava em sua cama rindo sozinha.

– O que foi, Beth? – Perguntou Julie, pois depois que Jane morreu, Beth nunca mais havia sorrido daquele jeito.

Beth olhou para a cama vazia ao seu lado e em seguida olhou para Julie.

– Jane só queria agradecer a você pelas pílulas que você conseguiu para curá-la.

Julie estremeceu.

– Jane? Pílulas? – Foi só o que pôde perguntar, sem reação.

– Isso mesmo. Você lembra, quando ela fingiu a morte dela e você a levou para o necrotério. Lá você roubou as pílulas do Dr. Cottons e a curou. Veja, ela está bem melhor. Talvez até consiga sair daqui, não é?

Julie olhava para Beth com uma expressão confusa. Ela estaria mesmo delirando àquele ponto? A tuberculosa era capaz de afetar tanto assim a cabeça de alguém?

Ela não sabia se deveria falar a verdade à Beth ou se deveria contribuir com os seus delírios.

– Beth… Jane morreu mesmo. Eu vi seu corpo sendo examinado e levado embora daqui. – Tomou aquela decisão.

O sorriso de Beth suavizou por um momento.

– É isso o que todos devem acreditar, certo? – Piscou para Julie. Em seguida, olhou para a cama vazia ao seu lado e deu mais algumas risadas.

Julie saiu dali sem dizer mais nada. Se falasse algo para o Dr. Cottons, com certeza ele a mandaria diretamente para a hidroterapia e, se tivesse espaço, para a ala psiquiátrica.

* * * * * * *
* * * *

Os dias continuaram se passando e a neve já havia derretido. A primavera estava aparecendo e, com ela, mais túmulos. O inverno havia levado a maioria dos pacientes à morte e o hospital não precisava mais de leitos nos corredores. Havia quartos para todos. As coisas estavam ficando mais organizadas, afinal, apesar de todo aquele sofrimento e corpos transportados pelo túnel.

Julie havia recebido cartões de Natal da família, e ela também os mandou lembranças, juntamente com mais dinheiro. Mary também havia recebido cartas e com elas, sorrisos. O único motivo pelo qual Mary gostava do Natal era pelas lembranças de sua família. Os pacientes receberam refeições especiais no fim do ano e as crianças ganharam brinquedos.

Timmy havia ganhado uma bola nova, e ele sorriu quando isso aconteceu. Brincava com Julie o tempo todo, e foi a única enfermeira que ele desejou um feliz Natal abraçando-a.

Agora era ano de 1932 e Julie sentia um novo começo por vir. Anne parecia estar voltando à sanidade e não tentou mais ferir internos. Jerry recebeu cartas da filha e, assim que neve derreteu, sua visita. Por outro lado, Joseph continuava temperamental a cada fracasso que ele passava, a cada morte que ele via. O Natal inteiro ele havia passado em seu quarto, sozinho. Ralph continuava amargo e Beth continuava a falar com Jane como se estivesse viva. Mary

conversava cada vez mais com o Dr. Hoffman e dizia à Julie o quanto ela estava se apaixonando por ele. E Julie observava sempre Steve de longe. Trocavam uma palavra ou outra, mas ele nunca mostrava interesse em Julie. Estava sempre acompanhado de Carter, e às vezes do Dr. Hoffman. Aqueles três pareciam ter uma amizade sincera, e o outro enfermeiro da ala psiquiátrica, o qual Julie nem ao menos sabia o nome, nunca falava nada. Steve, Carter e John Hoffman não pareciam dar muita atenção à ele, e Julie se chateava com isso.

Por algum motivo, Julie não gostava muito de John Hoffman, o achava um pouco inconveniente. A maneira que ele olhava para as enfermeiras, seus sorrisos maliciosos, suas risadas sarcásticas. Isso a incomodava e percebia que Carter e Steve também estavam começando a adquirir aquelas manias.

Ralph havia começado a almoçar com eles, mesmo sem falar muito. Mary sentava na mesa com Julie, mas seus olhares e pensamentos eram sempre voltados à John. Ela insistia que Julie fosse falar com Steve, mas ela se negava a isso. Era tímida demais, e pediu para que Mary não o dissesse nada.

Julie estava então, naquela tarde de primavera, com o sol finalmente brilhando, supervisionando os pacientes no jardim. Observou Beth perto do bosque, enquanto ela gritava o nome de Jane em direção às árvores. Julie logo foi até ela.

– Beth, você não deve falar o nome de Jane assim tão alto. – Disse ela. – Já te expliquei milhares de vezes o que o Dr. Cottons é capaz de fazer se souber que você…

– Jane está perdida no bosque. – Disse Beth apenas, interrompendo Julie. – Jane sempre se perdia no bosque, era um jogo nosso, mas depois ela sempre aparecia. Por que ela não está aparecendo agora?

Julie suspirou. Não sabia ao certo como lidar com aquilo.

– Beth, acalme-se. Ela vai aparecer. – Respondeu, enfim cedendo àquela loucura.

– Você não entende, Julie. Jane não é assim. – Olhou para a enfermeira. – Vou procurá-la. – Disse, e em seguida deu dois passos em direção às árvores.

– Nem pense nisso. – Disse Julie, segurando Beth pelo braço. – Por favor, aquele bosque é enorme e fácil de se perder nele. Você sabe disso.

Julie sabia, assim como a maioria dos pacientes internados ali, que aquele bosque tinha centenas de histórias perturbadoras, de pacientes que entraram nele e desapareceram. Por isso, alguns enfermeiros já estavam habituados a precisar entrar lá em busca dos internos desaparecidos, mas raramente obtinham sucesso devido ao tamanho do bosque.

Beth se soltou da mão de Julie e começou a chorar.

– O que será de Jane? E se ela não estiver bem?

– Tenho certeza que ela está bem, Beth. Agora volte ao seu quarto, por favor.

Beth assentiu e se foi sem reclamar. Julie olhou para aquela imensidão de árvores, agora verdes, e questionou-se como aquilo não tinha sequer uma proteção. A alguns quilômetros de Julie, afastada em meio às árvores, uma senhora idosa a observava com seus olhos azuis claros. Tinha um cabelo branco descabelado e dentes podres, e usava uma roupa de hospital.

Julie não notou a presença dela ali, deu meia-volta e voltou a supervisionar os pacientes.

* * * * * * * * * * * *

– Julie, você acha que eu vou conseguir melhorar e sair daqui? – Perguntou Timmy, em uma tarde de primavera.

Estavam no terraço, tomando banho de sol. Todas as crianças pareciam estar se divertindo. Exceto Timmy. Ele sempre estava recluso no mesmo canto do Solarium, jogando bola com Julie ou sozinho, com a parede.

– Mas é claro que sim, Timmy. Vai poder ir à cidade, ter quantos amigos quiser, ir para a escola e tomar sorvete todas as tardes. – Respondeu Julie, enquanto jogava bola com ele no terraço.

– Mas quem vai cuidar de mim? – Perguntou ele por fim, para a surpresa de Julie. Ela não saberia o que responder, e ele olhou para ela em seguida. – Minha mãe morreu, não é mesmo?

Julie engoliu em seco. Não sabia ao certo o que responder ou como lidar com a morte com crianças.

– O que te faz pensar isso? – Disse por fim.

– Eu sei disso, Julie. Não sou burro. Já tenho 10 anos. – Ele havia completado essa idade alguns dias antes dessa conversa. Todos da ala infantil haviam comido bolo naquele dia, e sua mãe não estava presente. – Meu medo não é de morrer aqui, meu medo é de sair e não ter com quem ficar, ou quem cuidar de mim.

Aquelas palavras encheram os olhos de Julie de lágrimas.

– Não se preocupe, querido. Não vai ficar sozinho. Disso pode ter certeza. Nem que eu tenha que te adotar. – Ela disse, rindo.

Mas Timmy não riu, e parou de jogar a bola em direção à Julie. Aquele menino a havia feito perceber o quão frágeis são as pessoas. Naquele hospital, todos eram tratados iguais, mas as pessoas tinham necessidades diferentes. Aquele menino precisava de muito mais atenção do que as crianças que recebiam visitas dos pais ou cartas de parentes. Ele precisava de alguém que o amasse e o lembrasse disso. E ele precisava de alguém para amar.

Julie sabia que não deveria fazer isso, mas criou um amor por Timmy que deveria ser poupado. Ela o ofereceu ler uma história no quarto, e ele aceitou, levando sua bola junto com ele, embaixo do braço. Tossiu algumas vezes, cobrindo a boca com a mão. Julie percebeu que sua mão estava suja de sangue, mas tentou fazer com que ele não se desesperasse, e limpou a mão dele com um lenço.

* * * * * * * * * * * *

Julie estava andando pelos corredores depois de ter colocado Timmy para dormir depois do banho dele de sol. As crianças também estavam indo para os seus quartos e um enfermeiro ali tocava violão para elas. Havia esperança e sorrisos naquela cena, e Julie então olhou pelas grandes janelas do corredor do quinto andar, enquanto ouvia a música tocando e as risadas das crianças. Viu lá embaixo os pacientes no jardim, tomando banho de sol, passeando pela grama ou tricotando nos bancos. Alguns deles haviam recebido visitas de familiares, que os acompanhavam no jardim.

Viu Beth sentada em um banco lá embaixo sozinha, mas como se estivesse conversando com alguém.

Julie se apoiou por um momento no muro de segurança do corredor e começou a olhar para fora, para aquele lindo dia. Só havia visto Waverly Hills em dias frios e cinzas. Aquela tarde de primavera era colorida, e tinha um ar fresco vindo das montanhas.

Observando o bosque, viu uma idosa mulher com roupas de hospital, olhando para Julie com aqueles olhos claros demais. Julie sentiu um arrepio. Naquele momento, viu algo caindo em sua frente, do lado de fora. Algo que havia caído do telhado.

Em seguida, ouviu um grito estridente e um som alto de algo batendo no chão com força. Julie gritou devido ao susto e olhou para baixo, tentando saber o que havia acontecido.

Um corpo de enfermeira estava ali deitado, sem vida, em frente à escada de Waverly Hills, em plena luz do dia. Ela estava olhando para cima com os olhos abertos, e uma poça de sangue se formava embaixo do seu corpo. Não demorou muito até que Julie reconhecesse que aquela enfermeira era Anne. Ela havia se jogado do telhado.

Julie ficou sem reação e só pôde tapar a boca com a mão, chorando, sem saber o que fazer. Enfermeiros que estavam perto foram ao encontro do corpo dela lá embaixo, e pacientes que estavam no jardim tentaram se aproximar, para saber o que realmente havia acontecido. Mais enfermeiros vieram e não

deixaram com que os pacientes chegassem mais perto do corpo de Anne no chão.

As crianças da ala infantil também tentaram ver o que havia acontecido, mas o enfermeiro que tocava o violão as impediu de irem perto do muro de segurança do corredor.

Algumas pessoas choravam.

Julie pôde ver os doutores Cottons e Hoffman indo ao encontro do corpo. Dr. Hoffman levou as mãos à cabeça e o Dr. Cottons à cintura, ao lado do corpo, ainda o olhando, como se estivesse pensando o que fariam agora.

Julie virou-se e sentou-se no chão, encostada no muro de proteção do quinto andar, chorando como nunca. Nunca havia presenciado algo assim.

* * * * * * * * * * * *

O dia havia se passado. O corpo de Anne foi levado à família no fim do túnel e todos estavam muito aflitos com o que havia acontecido. O hospital inteiro ficou em luto pela enfermeira, mas os pacientes, de alguma forma, aliviaram-se.

Só depois de sua morte, os médicos do hospital e muitos outros enfermeiros ficaram sabendo que ela torturava muitos pacientes, e foi a assassina de muitos deles. Algumas testemunhas contaram que a viram sufocando alguns doentes com travesseiros, mas por ameaças dela, nunca contaram a ninguém. Ela tinha acesso à ala da noite pois era uma das poucas enfermeiras que cuidava do hospital no período noturno. Ela e Ralph. Haviam dúvidas pelos corredores se Ralph também torturava os pacientes, mas ninguém ousava falar. O Dr. Hoffman não acreditou nos enfermos, e preferiu acreditar que Anne era inocente. Mas Julie, por ter presenciado alguns daqueles momentos, acreditava que era verdade. Só não conseguia se lembrar se Anne cuidou ou não do hospital na noite em que o Sr. Goodwin morreu. Preferia pensar que não.

Uma onda de raiva e tristeza tomou conta dela, e ela havia desabado de chorar na noite da sua morte.

Dia seguinte, ela se propôs a substituir Anne nos turnos e cuidar do período noturno algumas vezes por semana. Não sabia ao certo o motivo de ter se oferecido para fazer isso. Talvez porque ninguém mais se ofereceu. Os médicos ficaram felizes pela proposta e a deixaram ficar no lugar de Anne.

E aquela seria sua primeira noite lá.

Eram duas horas da manhã e Julie estava na sala das enfermeiras no primeiro andar, lendo um livro de Edgar Allan Poe que ela havia lido tantas vezes, que foi presente do seu irmão pouco antes de ele ter cometido suicídio. Era uma lembrança boa que ela tinha dele, por isso ela nunca se cansava de lê-lo apesar de saber aqueles contos de cor.

Naquela noite ela estava entediada, pois nada acontecia. Ela deveria dar algumas rondas pelos corredores dos andares para ver se estava tudo bem com os pacientes, ao menos uma vez por hora, até que os empregados e cozinheiros chegassem pela manhã, às seis.

Julie então pegou uma lanterna em mãos. Era hora da ronda. Ralph ficava em uma sala ao lado da sala das enfermeiras, dormindo. Caso fosse necessário assistência, ele poderia ser chamado.

Ali haviam mais de 400 quartos, quase 100 por andar. Agora todos os pacientes tinham quartos, e ninguém mais precisava dormir no corredor. Julie passou pelo primeiro, onde não haviam muitos leitos sendo usados, e foi em direção ao segundo. Havia começado a chover e de vez em quando era possível ouvir alguns raios, e isso poderia fazer com que alguns pacientes acordassem. Olhou de porta em porta através da pequena janela de vidro que cada uma delas tinha. Todos pareciam dormir, ou ao menos tentavam dormir.

No terceiro andar, tudo também parecia estar normal. Quando Julie chegou ao quarto andar, e passou pelo quarto que pertencia ao Sr. Goodwin, ela sentiu saudade. Sentiu falta de vê-lo dormindo pacificamente no quarto, sonhando em sair do hospital um dia.

Quando chegou ao quarto de Beth, o 418, e olhou para dentro, ouviu-a rindo e conversando sozinha. Ela falava com a cama vazia como se Jane realmente estivesse ali.

Julie suspirou. Não sabia o que faria com Beth. Ela esteve daquele jeito desde que Jane morreu, e, naquela noite em que Julie estava cuidando do período da noite, ela ainda não havia ido dormir. Mas Julie não interferia no seu sono.

Ela foi indo em direção ao quinto andar, quando ouviu novamente sussurros chamando seu nome.

– Juuulieee…

Ela estremeceu. Olhou ao redor com a ajuda de sua lanterna. Não havia nada. O barulho da chuva lá fora ficava cada vez mais alto, enquanto o cair das águas ficava bem mais violento.

Ela começou a pensar que era algo de sua cabeça e continuou indo em direção à escada. Ouviu novamente o seu nome, e um barulho de alguma coisa rastejando. Algo rastejando no chão do hospital de uma forma realmente rápida.

Julie parou. O som parou. Julie olhou para trás, levando a luz de sua lanterna na mesma direção.

Ela então viu uma silhueta humana masculina, um pouco longe dela, no fim do corredor. Mas era irreconhecível. Parecia estar sem roupas e era uma silhueta realmente alta, negra, de olhos vermelhos brilhantes, que Julie julgou ser por causa da luz da lanterna. Mas aquela silhueta não parecia ser humana realmente, por ser mais alta e magra do que um ser humano comum.

– Quem está aí? – Ela perguntou, mas a silhueta nem ao menos se mexeu.

A luz da sua lanterna tremia enquanto iluminava aquela sombra. Era uma sombra negra, tão longe que nem ao menos parecia ter fisionomia. Tinha braços longos, mas não tinha pernas. Seu corpo acabava em sombras esfumaçadas.

– Quem é você e como saiu do seu quarto? – Ela voltou a perguntar, apertando os olhos para poder ver melhor.

Naquele instante, a silhueta negra se abaixou, ficando apoiado nas mãos

no chão, e começou a rastejar em direção a ela, arrastando o resto do seu corpo no chão. Ela pôde ouvir o barulho de novo.

Ia rastejando cada vez mais rápido em direção à Julie e ela pôde perceber que aquilo, no fim das contas, não era humano. Ela gritou e correu em direção às escadas, mas desceu ao invés de subir. Aquela coisa permaneceu a segui-la, realmente rápida, quase alcançando-a enquanto ela corria. Ela chegou ao terceiro andar e entrou nele, fechando a porta que dava para as escadas. Ela segurava a porta de metal com uma mão enquanto a outra ainda segurava a lanterna acesa. Ouviu batidas do outro lado da porta e uma força tentando abri-la. Julie voltou a gritar.

Mas ela estava sozinha ali. Os pacientes não ousavam chegar perto de suas portas nem ao menos para ver através da janela de vidro o que estava acontecendo, e Ralph não parecia ouvir seus gritos no primeiro andar.

De repente a força e as batidas pararam, e ela aliviou-se um pouco em pensar que aquilo havia ido embora. Naquele momento, sentiu algo gelado em seus pés, subindo por suas pernas. Era como se fosse uma fumaça gelada, e ela olhou para baixo.

Uma sombra preta estava passando por debaixo da porta e tomando a forma de uma silhueta humana, abaixo dela. Ela gritou ainda mais e foi correndo em direção ao elevador. Correu como nunca correu antes, talvez mais rápido do que no dia no túnel. Apertou o botão do elevador milhares de vezes enquanto via a sombra passar por debaixo da porta de metal que dava para as escadas e se formar uma silhueta negra com olhos vermelhos e brilhantes.

Julie escutou grunhidos, e assim que a silhueta estava toda formada, ele foi em direção à Julie, rastejando rapidamente. Ela apertava o botão do elevador sem parar enquanto gritava e chorava, e naquele momento tudo parecia perdido.

Quando a silhueta estava quase a alcançando, o elevador chegou e ela rapidamente apertou o número 1.

Uma das mãos daquela coisa foi estendido para dentro do elevador, mas as portas se fecharam antes que a sombra encostasse nela. A porta cortou seu

braço como uma fumaça, e o braço desapareceu em frente à Julie. Ela tremia de medo enquanto olhava ao redor.

Quando chegou ao primeiro andar, rapidamente foi correndo à saída, onde desceu as escadas molhadas pela chuva. Ia correndo em direção ao prédio dos funcionários, mas, ao tentar passar pelo jardim, viu a idosa em pé a observando, perto do bosque. Ela gritou mais ainda e deu meia-volta. Teria que passar pelo cemitério para chegar ao seu quarto.

Correu o mais rápido de pôde em meio a toda aquela chuva e lama, e, por um momento, olhou para trás. A idosa continuava no jardim, imóvel. Não a seguia. Foi observando-a correndo cada vez mais longe que Julie então tropeçou em uma das cruzes de madeira fincadas no chão e caiu, sujando sua roupa de barro molhado. A lanterna caiu longe dela, e Julie não demorou em levantar.

Sentiu uma mão gelada agarrando sua canela e puxando-a, fazendo com que ela caísse de novo. Julie olhou para trás de imediato, assustada, ao se perguntar o que havia tocado em sua canela. Uma mão humana que saía de uma cova aberta. Julie tentou se soltar chutando,assustada, mas não conseguiu ter sucesso. Aquela mão a puxava cada vez mais para dentro da cova, convidando-a para ser enterrada viva. Ela gritava com todas as forças enquanto permanecia a chutar, e quando se virou de costas para o chão para ver o que estava acontecendo, viu que era Anne quem a puxava para a cova, com metade de seu corpo para fora dela.

Ela estava molhada pela chuva e seu crânio estava levemente desfigurado.

– Preciso matar a todos… – Dizia Anne em meio à chuva, saindo daquela cova aberta, enquanto apertava a canela de Julie com força e a puxava cada vez mais.

Julie chutou a cabeça de Anne com o outro pé e ela caiu na cova, soltando sua canela. Julie então conseguiu se levantar rapidamente, pegar a lanterna ligada no chão e correr para o prédio dos funcionários.

Ela correu pelos corredores desertos e escuros e subiu para o segundo

andar. Ao chegar em seu quarto, procurou a chave, destrancou a porta e entrou.

– MARY! – Gritou Julie quando entrou, ligando a luz do quarto. Mas não havia ninguém ali.

A cama de Mary estava desarrumada, como se ela tivesse dormido ali e saído no meio da noite. Julie preocupou-se devido a tudo que havia passado naquela noite. Talvez tivesse ido ao banheiro, mas por que trancaria a porta? Julie andou de um lado para o outro no quarto, sem saber o que fazer, ainda totalmente molhada.

Julie olhou para fora da janela do quarto. Viu o quarto de Joseph com as luzes acesas e ele escrevendo em frente à janela. Todas as outras luzes estavam apagadas, exceto outra. Um quarto do segundo andar, que Julie não sabia de quem era, também estava com as luzes acesas. Então, Julie pôde ver que Mary estava lá, olhando-se no espelho do quarto. Julie estremeceu. De repente, atrás de Mary, apareceu John Hoffman, apenas de roupas íntimas, abraçando-a por trás e beijando-a no pescoço.

Julie não acreditou no que viu.

Mary então se despediu do amante e saiu do quarto, e as luzes em seguida se apagaram. Agora somente o quarto de Joseph Cottons estava de luzes acesas, e Julie pôde ver que ele estava jogando seus livros e anotações na parede, tendo outro ataque de fúria, enquanto levava as mãos à cabeça. Em seguida, viu Mary vindo em direção ao prédio das enfermeiras, e sabia que ela viria para o seu quarto.

Julie a esperou, daquele jeito mesmo, molhada devido à chuva.

Mary entrou no quarto e olhou para Julie.

– O que você está fazendo aqui? – Perguntou Mary ao vê-la.

Julie não sabia por onde começar. Se começaria falando do terror que havia acabado de passar no hospital ou começaria falando do caso que Mary estava tendo com John.

– Você deveria estar no período noturno – Continuou Mary.

– Mary, uma coisa terrível aconteceu. – Começou Julie, enquanto

chorava.

– O que houve? Sente-se. – Disse Mary, pegando uma toalha para pôr sobre a cama para que Julie pudesse sentar.

– Eu estava fazendo a ronda noturna e… e… bem eu vi uma coisa… eu vi uma coisa que eu não consigo explicar. Era… não era humano, era… era como se fosse uma pessoa muito alta, mas era apenas… era apenas uma sombra preta, e ela rastejava… rastejava em direção à mim muito rápido e… aqueles olhos brilhantes e vermelhos… quase me pegou…

– O Rastejador? – Mary perguntou, interrompendo a explicação nervosa de Julie que não passava de palavras quase aleatórias, e depois riu. – Você deveria estar sonhando. É uma história que ronda o hospital. Alguém deve ter lhe contado e você ficou com isso na cabeça.

– De maneira alguma! – Exclamou Julie. – Eu nunca ouvi falar dessa história…

– É uma história idiota. Você deve ter nos ouvido comentar sobre isso durante o almoço hoje e pode ter ficado confusa, você sabe, por tudo o que aconteceu.

Julie lembrou-se do almoço naquele dia. Estava almoçando como sempre na mesa de Mary, Katia e outras enfermeiras, mas não estava prestando atenção em nada do que diziam. Estava muito ocupada perdida em pensamentos sobre Steve.

Talvez fosse mesmo seu subconsciente pregando peças nela. Ela estava cansada, acima de tudo.

– Que… que história é essa de Rastejador?

– Idiotice. Alguns pacientes inventaram a história. De que uma sombra negra e alta em forma de humano que rasteja por entre o hospital atrás de vítimas. Eles dizem que quem for pego pelo Rastejador está condenado a ter pensamentos sombrios e ouvir vozes por toda a eternidade. Até te levar ao suicídio. Por isso falamos sobre isso hoje, pelo que houve com Anne ontem… mas não deveríamos ter tocado no assunto.

Julie estremeceu. Lembrou do que Anne a havia falado aquele dia em que tentou sufocar o bebê. Para que ela fosse embora antes que fosse tarde. Lembrou-se dos seus sussurros a si mesma em uma língua estranha que Julie achava ser latim, e da maneira com que ela se coçava, nervosa. Ficou em silêncio enquanto Mary tirava sua roupa e vestia seus pijamas. Ela então deitou na cama ao lado de Julie, que usava a toalha para se secar.

Talvez fosse mesmo seu subconsciente e seu cansaço brincando com sua mente.

– Eu sei aonde você estava. – Disse Julie, trocando de assunto de repente.

Mary a olhou com os olhos arregalados.

– Você sabe?

– Estava no quarto do Dr. Hoffman. Pude ver daqui. – Ela disse, poupando Mary de inventar desculpas. – Desde quando isso está acontecendo?

– Julie esqueça isso, por favor. Ninguém pode saber.

– Estou preocupada com você. Sei que você gosta muito do Dr. Hoffman, mas você não cogita que talvez ele esteja usando você?

Mary expressou uma emoção triste em seu rosto.

– O que quer dizer?

– Ele é casado, fica longe da esposa durante muito tempo. Você é jovem, bonita, tem muito o que viver ainda e ele só quer te usar.

Mary cruzou os braços.

– Você não tem nada a ver com isso, Julie. Por favor, fique fora disso. – Disse, deitando-se na cama virada para a parede.

– Só não quero que se machuque. – Respondeu Julie.

– Eu não vou me machucar, está bem? Estamos tendo uma relação desde antes do Natal. Ele recebeu cartas da esposa e disse que não se importava, está bem? Eles vão se separar.

Julie riu.

– Você realmente acredita nisso?

– Acredito, Julie, está bem? – Respondeu Mary, sentando-se na cama e olhando para a colega de quarto. – Acredito que ele faria sacrifícios por mim.

– Homens como o Dr. Hoffman são todos iguais, acredite em mim.

– Como você sabe como são os homens como John?

Julie parou por um momento e em seguida respondeu à pergunta dela.

– Porque meu pai se tornou esse homem.

Mary ficou em silêncio por um momento. Em seguida, Julie continuou.

– Você não vê? Não percebe o jeito que ele olha para todas as enfermeiras daqui? O jeito malicioso que ele fala, que ele ri? O jeito que ele fala com você e o jeito que ele te trata com desdém na frente dos outros? Ele se acha melhor que você, Mary. Ele te menospreza.

– Ele não quer que ninguém saiba, está bem? Isso vai arruinar a reputação dele como médico responsável. Não se meta nisso. – Disse Mary de novo, e em seguida voltou a deitar na cama, virada para a parede.

Julie não disse mais nada. Se Mary não queria ouvir, ela não tinha o que fazer. Tirou suas roupas molhadas e colocou roupas secas, pensativa com a história de Anne e do Rastejador. Mesmo que fosse coisa do seu subconsciente, não entendia o motivo. A idosa, o Rastejador, Anne na cova.

Não voltaria mais para aquele hospital naquela noite. Não tinha coragem. Precisava descansar, afinal.

Deitou na cama, sem perceber que sua canela levava marcas vermelhas de unhas femininas.

* * * * * * * * * * *

Dia seguinte Julie chegou mais cedo do que de costume, antes dos funcionários da cozinha e limpeza, assim ninguém havia notado que ela não havia de fato passado a noite inteira ali. Ralph passou rapidamente destrancando as portas e Julie permaneceu na sala das enfermeiras, enquanto o dia clareava.

Quando os funcionários chegaram, a disseram que ela podia descansar, e passar o dia de folga, já que havia passado a noite inteira ali. Ela assentiu e foi ao seu quarto novamente, depois de ser questionada se não havia acontecido nada de importante. Ela respondeu que tudo estava normal, e em seguida seguiu para o seu quarto.

Aquele dia Julie dormiu, tomou um banho e passou seu tempo livre escrevendo para os seus pais, lendo livros e vagando pelo prédio dos funcionários, que era quase deserto durante o dia. Além disso, seu diário se tornou seu melhor amigo. Somente ele sabia de tudo o que ela via e passava ali. Nele, ela podia confiar, sem julgamentos. Mas às vezes ela sentia muita falta de alguém de verdade para conversar e pedir conselhos. Mas sabia que não podia contar qualquer coisa à Mary.

Olhando pela sacada dos corredores, em frente ao seu quarto, ela permanecia pensativa. Aquele dia já estava quase acabando, e viu o comum acontecendo ali, como todos os dias: Mary falando com o Dr. Hoffman escondida atrás do hospital, Beth brincando e rindo sozinha e o Dr. Cottons andando de um lado para outro nos corredores do hospital, pensativo.

Porém algo a chamou a atenção que não era tão comum. Uma equipe de mais ou menos seis enfermeiros entraram no bosque com lanternas e equipamentos de busca. Alguns gritavam para manterem o foco e procurarem mais. Julie estremeceu ao ver aquela cena, e em seguida Katia apareceu pelos corredores.

– O que está havendo? – Perguntou Julie quando a enfermeira se aproximou.

– Uma paciente se perdeu no bosque. De novo. – Respondeu ela, apenas. – Foi vista no horário de banho de sol e não voltou para o quarto.

Julie suspirou.

– Temos que tomar uma providência quanto a esse bosque, é muito perigoso.

– Já foi dito isso várias vezes. Não é a primeira vez que isso acontece. Já

perdemos muitos internos desaparecidos no bosque.

– E como ninguém faz nada? – Perguntou Julie.

– Dependemos do governo para esse tipo de investimento. Colocar uma cerca ali custaria muito dinheiro devido ao tamanho extenso do bosque, e temos prioridades mais importantes para investir. Você sabe disso tão bem quanto eu. Anestesias, comida, utensílios cirúrgicos…

Julie assentiu, e em seguida tornou a falar.

– Então chamem a polícia, uma equipe de busca mais qualificada do que meros enfermeiros.

Katia soltou uma risada.

– Faz muito tempo que a polícia faz descaso de nós. – Respondeu. – Se eles nos dessem atenção, muitas coisas aqui seriam diferentes, e talvez o hospital nem existisse mais.

Katia se afastou, indo em direção ao fim do corredor, onde estava indo desde o início. Julie permaneceu ali, olhando para o bosque, pensativa. Realmente fazia sentido o que Katia havia dito. Todas aquelas mortes, aqueles experimentos, aqueles desaparecimentos, aquelas torturas com pacientes… nada disso seria tolerado se a polícia os desse a devida atenção às vezes.

Julie viu alguns enfermeiros saírem do bosque depois de algumas horas, um por um. Aparentemente não haviam encontrado nada, e já estava começando a escurecer. Enfermeiras voltavam para seus quartos e médicos também.

Julie permaneceu ali um bom período de tempo, observando o bosque. Lá, de longe, avistou uma mulher idosa, de novo, olhando para Julie, em frente ao bosque. Ela estremeceu e se afastou um pouco do muro de segurança do corredor, enquanto ainda mantinha os olhos fixos na mulher que a observava.

Naquele momento, a idosa de cabelos grisalhos descabelados, olhos brancos que usava roupas de hospital sorriu com seus dentes podres, e em seguida levou seu indicador em frente à boca, em sinal para que Julie não dissesse nada. Em seguida, entrou no bosque, em meio às árvores.

Tremendo, Julie a seguiu com o olhar até que não pudesse mais ser vista.

Fechou os olhos e abriu-os de novo, pensando que o cansaço a estava deixando louca. Entrou em seu quarto e deitou na cama, cobrindo-se com o lençol.

Durante aquela noite, Julie teve um sono pesado, e nem sequer ouviu Mary entrar no quarto no meio da noite e deitando-se na cama ao seu lado. Julie se contorcia na cama, tendo um sonho ruim.

Sonhava que Charles Goodwin estava saudável e elegante, usando um terno cinza e um chapéu da mesma cor, com uma mala na mão. Estava saindo de Waverly Hills com um sorriso no rosto. O hospital parecia estar vazio, e ele descia as escadas pronto para recomeçar a vida.

Até que Anne cruzou o seu caminho.

Ela puxou-o pelo colarinho da camisa e ele caiu no chão, em frente às escadas, enquanto tentava se soltar das mãos de Anne, que ainda o segurava. Ela pegou um travesseiro e começou a sufocá-lo, enquanto ele se debatia tentando se salvar.

Quando ele finalmente parou de respirar, Anne tirou o travesseiro de seu rosto e sorriu. Em seguida, olhou para Julie, que parecia ter surgido no sonho de repente. Os olhos de Anne lembravam muito os olhos daquela sombra que havia rastejado em direção à Julie no dia da vigia noturna, e fez o mesmo gesto que a idosa anteriormente, levando seu indicador em frente à boca com um sinal de que ficasse calada.

Julie acordou naquele momento, suando na cama. Respirava ofegante e ligou o abajur ao seu lado. Naquele momento, Mary também acordou, sonolenta com os olhos pequenos.

– Julie? O que houve?

Julie nada dizia, só conseguia respirar pesadamente. Mary levantou da cama e foi até ela. Ajoelhou-se ao seu lado.

– Você está encharcada de suor, será que está com febre? – Perguntou Mary. – Aquela chuva que você pegou na noite anterior, eu sabia que…

– Estou bem, Mary. – Interrompeu Julie. – Foi só um sonho ruim.

Mary assentiu.

– Vou te buscar um copo d’água. – Ela disse, se levantando e indo vestir um roupão. Saiu do quarto e foi em direção à pequena copa que tinha no primeiro andar daquele prédio.

Entrou na copa, pegou um copo de vidro e encheu-o com água da torneira sem nem sequer acender a luz, movimentando-se com pressa. Saiu da copa e foi em direção ao seu quarto. Nem ao menos percebeu uma sombra negra em forma de silhueta humana olhando-a do teto com olhos vermelhos e brilhantes.

* * * * * * * * * * * *

Era a manhã de um lindo dia quando Julie foi em direção à ala infantil, levando uma das bolas que Timmy tinha esquecido no corredor. Estava quase na hora do banho de sol e Julie estava feliz em poder compartilhar mais um momento com o menino.

Ao se aproximar do quarto de Timmy, notou que um enfermeiro já estava lá, juntamente com o Dr. Cottons, ouvindo as batidas do coração de Timmy enquanto ele tossia. Ele estava pálido com olheiras profundas e lábios rachados. Seus olhos castanhos estavam cansados, e seu cabelo estava molhado devido ao suor.

O enfermeiro segurava um lenço em frente à boca da criança que estava encharcado de sangue, e sujava ainda mais de acordo com as tossidas de Timmy.

Julie largou a bola de plástico ali mesmo e foi correndo à cama do menino.

– Levem-no para a sala de cirurgias. – Disse Joseph assim que Julie se aproximou.

– O que? – Foi tudo o que Julie pôde perguntar. Aquilo era o que ela mais temia.

– Temos que tentar salvá-lo. – Repetiu o médico. – Ele não tem muito

tempo, está gemendo de dor. Seus pulmões estão muito infectados e estão muito inchados, sendo comprimidos contra as costelas. Mesmo caso da maioria dos pacientes.

O enfermeiro levava a maca de Timmy para fora do quarto enquanto Julie tentava impedir.

– Não! Doutor, por favor, não faça isso.

Joseph olhou-a nos olhos pela primeira vez desde que ela havia começado a trabalhar ali.

– Você está duvidando dos meus métodos, srta. Hasherfield?

Julie na verdade estava, mas não queria afirmar.

– Não, mas… Dr. Cottons, ele é apenas uma criança, pelo amor de Deus!

Joseph suspirou.

– Ele vai morrer se não o levarmos agora. Ao menos assim teremos uma chance, mesmo que mínima.

– Por favor, livre-o desse sofrimento. – Implorava ela, enquanto a maca do menino era levada para o elevador. – Você sabe que a grande maioria dos seus pacientes morrem depois de serem operados. Por favor.

Ela pôde perceber o suspiro triste de Joseph seguir as palavras dela. Ele havia se ofendido com o que ela havia dito.

– Srta. Hasherfield, eu estudei muito para chegar até aqui e descobrir a cura para a tuberculose é a minha missão na vida. Eu vou curar esse menino. Se eu falhar, vou curar algum depois dele. Eu vou acabar com essa doença. Espero que quando você ver isso acontecendo, não duvide mais da minha capacidade.

Joseph saiu do quarto e Julie foi correndo atrás. O enfermeiro estava entrando no elevador com a maca, e Joseph entrou junto. Julie foi logo atrás, pegando na mão de Timmy, que ainda tossia.

– Vai ficar tudo bem, Timmy. Eu prometo, está bem? – Ia dizendo ela, que tremia enquanto segurava sua mão. – Apenas pense em coisas boas. Pense na sua mãe, pense no sorriso dela. Pense que vai ficar bom e que eu vou te adotar quando sair daqui, lembra-se disso? Lembra-se daquela nossa conversa? –

Agora ela chorava enquanto olhava para ele, e ele retribuiu o olhar. – Vai tudo ficar bem. – Ela repetiu.

Chegaram ao quarto andar e foram rapidamente em direção à sala de cirurgia. Joseph tossiu algumas vezes e em seguida todos começaram a se preparar para a operação, com máscaras, luvas e toucas. O enfermeiro começou a preparar Timmy amarrando-o de costas para cima na maca, e nesse instante Julie foi até Joseph.

– Pelo amor de Deus, diga-me que temos anestesia para ele.

Joseph a olhou, e pegou uma seringa sobre a pia.

– Hoje temos. Geralmente guardamos para mulheres e crianças, quando o estado é crítico. – Respondeu, e em seguida pôs a máscara cirúrgica sobre a boca.

Julie aliviou-se ao ouvir aquelas palavras. O eletrocardiograma foi ligado ao seu pulso e em seguida ele levou a injeção da anestesia. Julie permaneceu apertando a mão dele durante todo o tempo.

– Vai tudo ficar bem. Quando você acordar, estará muito melhor. E podemos fazer todas aquelas coisas que eu te prometi, está bem? – Ela dizia, e com a outra mão acariciava seus cabelos sob a touca branca.

Timmy ia perdendo os sentidos aos poucos.

– Pelo tamanho dele, a dose de anestesia é mais eficaz. – Explicou o enfermeiro. – Ele não vai sentir nada.

Julie deu graças a Deus por isso. Voltou seu olhar a Timmy.

– Ouviu isso? Continue pensando em coisas boas. Aonde você vai querer estar quando sair daqui, aonde vai crescer, o que vai fazer na vida…

– Quero que minha mãe cuide de mim. – Disse ele apenas, antes de apagar. A anestesia havia surtido efeito e ele dormiu. Julie deixou escorrer algumas lágrimas e o enfermeiro voltou a grande lâmpada sobre as costas de Timmy.

Joseph pegou o bisturi e começou a cortar seu corpo. O sangue escorria, e os pulmões enchiam e esvaziavam lentamente. Seus batimentos cardíacos

estavam leves e lentos. Julie apertava a mão de Timmy o tempo todo.

Joseph passou muito tempo retirando partes do pulmão de Timmy que ele julgava adoecidas. O menino estava aguentando bem. O eletrocardiograma mostrava seus batimentos estáticos. Durante muito tempo, houve sucesso na cirurgia de Joseph. Ele limpava o suor com as mangas às vezes, e Julie o ajudava com um lenço em seguida.

Pedaços dos pulmões de Timmy foram colocados sobre vasilhas metálicas, e com o tempo foram desinchando. Julie sorria ao ter esperanças de que ele sairia vivo daquela cirurgia.

Porém, de repente, Joseph pareceu cortar o pulmão aonde não devia, e todos ali perceberam que o menino estava com dificuldades de respirar.

– Salvem o garoto! – Gritou o enfermeiro.

Os pulmões não puxavam mais o ar e os batimentos cardíacos começaram a acelerar.

– Está passando o efeito da anestesia. – Disse Joseph.

Julie se desesperou e auxiliou o enfermeiro que tentou fazer com que Timmy respirasse artificialmente. O menino parecia estar muito nervoso, ainda inconsciente, e tentava respirar cada vez mais rápido. Sem sucesso, seus batimentos cardíacos cessaram.

– Estamos perdendo ele. – Disse o enfermeiro, que tentou fazer uma massagem cardíaca no menino.

Depois de alguns minutos, todos ali perceberam que já era tarde. Um ar gelado tomou conta da sala por alguns minutos, e Julie olhava para Timmy, deitado na maca em sua frente, e tudo o que pôde fazer em meio às lágrimas foi gritar.

– NÃO! – Levou as mãos à cabeça, e em seguida ajoelhou-se no chão. – NÃO!

O Dr. Cottons chutou a maca de raiva, o que fez que o garoto tremesse por um momento, e em seguida socou a parede três vezes, que rachou a pintura. Retirou as luvas, a lâmpada em sua testa e o avental, saindo da sala. Ele não

precisava mais dar ordens aos enfermeiros, que sabiam o que deveriam fazer em seguida.

O enfermeiro estava sem reação. Sabia que Julie era bastante apegada àquela criança e ficou com pena dela por um instante.

– Sinto muito, Julie. – Disse ele. Em seguida, desamarrou o corpo de Timmy da maca, retirou a pulseira do eletrocardiograma em seu pulso e tirou sua touca. Cobriu-o com um lençol branco, e foi levá-lo em direção ao elevador. Não faria com que Julie o levasse para o necrotério, já estava sofrendo o suficiente.

A porta se fechou atrás dele.

Naquela tarde de sol de primavera, Julie permaneceu a maior parte do tempo sentada no chão daquela sala, chorando incontrolavelmente.

* * * * * * * * * * * *

Jerry estava cavando uma cova pequena, de 1m20cm de altura, no final daquela tarde. O sol já havia se escondido em meio às nuvens, ventava um pouco e todos os pacientes estavam dentro do hospital, em seus quartos, junto com as enfermeiras.

O corpo pequeno e gelado de Timmy estava deitado ao lado da cova, enrolado em um lençol branco um pouco manchado de sangue, bem precário. Eles não gastavam muito com o enterro de indigentes. Era tudo o que o governo aceitava bancar.

Julie aproximou-se de Jerry e permaneceu ao seu lado até que ele acabasse de cavar. Ela estava com o rosto inchado e os olhos vermelhos, claramente de tanto chorar. Usava sua capa de inverno sobre o uniforme, que era preta, como se fosse um simples e singelo sinal de luto.

– Não deveria estar aqui, Julie. – Disse Jerry por fim, depois de alguns minutos em silêncio, enquanto fincava a pá no chão de terra.

– Por favor, me deixe ficar. Só nesse momento, só com ele.

Jerry suspirou. Deu de ombros, e em seguida pegou o corpo do menino e colocou-o cuidadosamente dentro da cova aberta que havia acabado de cavar. Julie chorou ainda mais.

– Fique à vontade. – Disse ele.

Julie olhou para o corpo de Timmy dentro da cova e, em meio em lágrimas, começou a falar.

– Timmy eu… eu sinto muito. Não era para isso ter acontecido e eu não espero que você pense, pela eternidade, que você foi fraco. Você não foi. Você foi mais forte e puro do que qualquer pessoa aqui. Você foi um anjo que trouxe alegria para esse hospital. E quero que você saiba Timmy, que com esse seu jeito único de ver a vida e brincar sozinho… de escolher seletivamente com quem você queria dividir seus momentos, isso… isso foi… – Engoliu em seco tentando evitar o choro. – Só queria dizer que você mudou minha vida. Você realmente o fez.

Ela então pegou a bola de plástico inflável que ela tinha em mãos, olhou para a bola por um instante e colocou-a aos pés do menino, dentro da cova. Era a bola que ele estava brincando quando ele a conheceu.

Jerry suspirou fundo. Enterros de crianças eram sempre difíceis, e ele tentava não chorar ao ouvir as palavras doces de Julie. Aquela personalidade ingênua e pura dela o confortava às vezes, mas ela sofria muito por isso.

Ele não a apressou. Ficaram em silêncio por algum tempo, e no momento que ela se viu pronta para ir, olhou para Jerry.

– Obrigada, Jerry. – Tocou sua mão e se afastou dali, indo em direção ao hospital.

Jerry começou a cobrir o menino de terra, e o tempo se tornou mais frio.

* * * * * * * * * * * *

Foi naquela noite de primavera que Julie decidiu que não aguentaria

mais todo aquele sofrimento. Era pesado e cansativo demais. Mary estava deitada na cama ao seu lado lendo um livro quando Julie entrou no quarto.

– Mary… – Começou Julie, parecendo um pouco tímida em pedir algo. – Quero trabalhar com você. Quero migrar para a ala psiquiátrica com você. É isso o que sempre quis fazer e lá vou encontrar mais forças para continuar aqui. Por favor.

Mary deixou o livro de lado por um momento e sentou na cama, dando atenção à Julie. Ela sabia sobre a morte de Timmy e sabia que esse era o motivo pelo qual Julie não aguentava mais ficar ali.

– Julie, querida… eu sei o que você está passando. Mas você trabalha aqui há apenas alguns meses, eu prometo que isso vai melhorar.

– Mas… mas ver crianças naquela situação, eu… eu não consigo.

– Eu te avisei sobre isso, Julie. Desculpe, eu sei que você está passando por um momento difícil, mas infelizmente as coisas são assim. Eu te falei tantas vezes… não deve se apegar a ninguém, a criar laços com ninguém. Lembra quando você sofreu com a morte do Sr. Goodwin? E agora você está pior.

Julie sentou-se em sua cama.

– Acho que não sei ser diferente. Não consigo ser fria como muitas pessoas aqui. Não consigo ver todas essas mortes e ver tantas coisas erradas assim, e dormir bem durante à noite, ou até mesmo… me relacionar com outras pessoas como você faz. – Disse Julie. – Afinal, como você faz isso?

– Já lhe disse, cinco anos no meio disso tudo me mudou. Além de tudo, eu amadureci. Você vai passar por isso também.

Julie suspirou em meio às lágrimas e afundou seu rosto nas mãos enquanto Mary tentava consolá-la levando uma das mãos às suas costas. Mary nunca foi muito boa em consolos.

– Mesmo assim, quero mudar de ala. Por favor. – Disse Julie, agora retirando as mãos do rosto.

Mary riu.

– Julie, eu não tenho essa autonomia. Você está pedindo para a pessoa

errada. O Dr. Cottons é o seu supervisor, ele que poderia falar com a diretoria do hospital e te mudar de cargo, mas, mesmo que ele fizesse isso, não precisamos de mais ajuda lá. Apesar de todas as dificuldades, é tranquilo por termos menos pacientes e já temos quatro enfermeiros, que é mais do que o necessário.

Julie suspirou. Mary não tinha contato com as crianças, trabalhando apenas na ala psiquiátrica. Julie julgava seu trabalho mais fácil do que o dela.

– Mesmo assim vou pedir para o Dr. Cottons amanhã pela manhã.

Mary deu de ombros.

– Faça o que achar melhor. Talvez isso te fará melhor, mesmo. Só não quero que sofra. – Respondeu Mary. Em seguida, Julie assentiu e agradeceu. Abraçaram-se e Mary voltou a ler seu livro.

* * * * * * * * * * * *

– Nem pensar, Julie. – Ia dizendo Joseph Cottons enquanto examinava o corpo de um cadáver em sua maca de porcelana. – Não quero me incomodar com isso agora.

Essa foi a resposta que ela obteve ao pedir para mudar para a ala psiquiátrica. Ela suspirou entristecida, e ele pôde ver que ela não aguentava mais ficar ali. O Dr. Cottons era temperamental, mas não deixava de lado sua personalidade bondosa.

– Mas vou te dizer uma coisa. – Continuou ele, desviando o olhar do corpo em direção à Julie. – Assim que precisarem de alguém lá, você será a primeira da fila. Posso conseguir isso para você. Tudo bem?

Ela sorriu com um pingo de esperança.

– Obrigada, Dr. Cottons. – Disse, e voltou a limpar alguns utensílios cirúrgicos na pia.

Naquele momento, Joseph tossiu algumas vezes e cobriu a boca com um lenço. Sentia um pouco de dor e olhou para o lenço em sua mão. Estava cheio de

sangue. Olhou para Julie e ela não pareceu perceber, continuando a limpar as ferramentas.

Joseph Cottons guardou o lenço no bolso e voltou a trabalhar.

* * * * * * *
* * * *

Alguns dias se passaram e Julie não tinha mais um sorriso no rosto enquanto trabalhava. Estava exausta, triste, assustada. Seus pais continuavam a mandar cartas dizendo-a que ela estava sendo uma grande ajuda, e que seu pai não bebia mais. Assim, ficaria mais fácil para arranjar emprego.

Julie suspirou um pouco aliviada ao ler aquela carta. Afinal estava ali por um propósito. Ela cuidava do turno da noite uma ou duas vezes por semana, mas ela não tinha coragem para fazer as rondas necessárias.

Certo dia, Julie caiu no sono durante o expediente noturno, e foi acordada por uma cozinheira na sala das enfermeiras, pela manhã. Acordou em um susto, desculpou-se e voltou ao seu quarto.

Naquele dia, ela acordou em sua cama ainda de manhã com alguns barulhos vindos do hospital. Vestiu seu roupão e foi até a sacada do prédio. Outra equipe de buscas improvisada estava entrando no bosque.

Julie estremeceu. Não podia ser possível que mais um paciente havia desaparecido. Sentiu-se culpada por ter caído no sono quando deveria ter feito ronda noturna. Vestiu seu uniforme e desceu até o jardim para ver o que estava acontecendo.

– É Beth. – Disse Steve quando Julie se aproximou dele. – Beth desapareceu do seu quarto, aparentemente no meio da noite, e pegadas mostram que ela foi ao bosque.

– Oh não. – Disse Julie apenas. Sentiu-se extremamente culpada naquele momento, ao ouvir as palavras de Steve, e levou uma das mãos à boca, assustada, enquanto olhava para as árvores do bosque.

Lembrou do quanto Beth ia perto do bosque gritar por Jane e como elas brincavam de se esconder ali. Julie a havia dito para ficar longe, mas a paciente era juvenil demais para dar ouvidos ou temer alguma coisa.

– Você não percebeu que ela sumiu durante a noite? Era você que estava cuidando, não estava?

Julie não sabia o que dizer. Balbuciou algumas palavras, mas no fim nada disse. Calou-se, respirou fundo e tornou a falar.

– Eu não vi nada de estranho, Steve. Pode ter sido um pouco antes de…

– De você ter caído no sono? – Terminou a frase por ela. – A cozinheira me falou que teve que te acordar quando chegou.

– Não é bem assim, foram só por alguns minutos e…

Julie não conseguiu terminar a frase, pois a visão de Beth sendo retirada do bosque a fez se calar. Um enfermeiro a trazia nos braços enquanto outros dois o seguiam em meio às árvores. Beth estava morta, repleta de sangue. Seus cabelos estavam úmidos e embaraçados, sua roupa de hospital estava suja de terra e ela estava descalça.

Não havia nada naquela imagem que Julie pudesse ignorar. Sentiu-se extremamente culpada por pensar que talvez pudesse ter evitado aquele desastre. Sua mão estava em seu peito enquanto ela observava aquela cena lentamente. Era como se o tempo estivesse parando. Como quando viu seu irmão enforcado ou quando viu os primeiros olhares dos pacientes doentes em Waverly Hills.

Julie não reparou, mas a expressão no rosto de Steve, ao ver o corpo de Beth, foi de medo e agonia. Estava assustado e impressionado. Era a primeira vez que encontravam um corpo perdido no bosque.

Steve olhou para Julie ao seu lado com um olhar de reprovação, e ela começou a chorar. Seguiu os enfermeiros até o necrotério do primeiro andar, em que o corpo de Beth seria limpo e despachado para o túnel. Ela viu por um momento rápido o corpo da paciente sendo colocado sobre a maca de porcelana e suas roupas sendo cortadas e retiradas de seu corpo sem nenhum cuidado ou

delicadeza da parte dos enfermeiros.

Julie não conseguia ouvir nada, além dos seus batimentos cardíacos acelerados. Apoiou-se nas paredes por um momento e foi lentamente até as escadas, subindo até o quarto andar. Chegou em frente ao quarto 418, por algum motivo. Precisava saber como Beth havia sumido no meio da noite. A porta não tinha sinais de arrombamento. Talvez Ralph a tivesse esquecido de trancar a porta.

Pensando nele, Julie escutou barulho de chaves. Aquele barulho era tão característico dele que Julie olhou em sua direção. Ele se aproximava. O som de seus passos era abafado pelo barulho de suas chaves.

– Ralph. – Disse Julie, com os olhos molhados. – O que houve aqui?

Ele deu de ombros, e não disse nada. Continuou a andar em direção ao fim do corredor. Ele realmente não se importava com nada que acontecia ali. Era realmente um homem desprezível e sem coração.

Julie entrou no quarto tocando na porta, e sentou na cama que pertencia a Beth, pensativa. Aquilo parecia muito estranho. Olhou para a sua cama, desarrumada, que mostrava que ela havia deitado ali na noite anterior. Lembrava-se de vê-la dormindo no início da noite, quando fez sua primeira ronda.

Algo estava muito estranho para ser verdade, ela podia sentir. Saiu do quarto e foi em direção às escadas, tentando recriar os passos de Beth. Passou pelo primeiro andar em direção às grandes escadas da entrada. Steve havia dito que pegadas mostraram que ela foi ao bosque. Julie então desceu as escadas e viu as pegadas no chão em sua frente. Em seguida, as pegadas passavam pela grama do jardim em direção ao bosque. Julie suspirou e deu meia volta. Ao perceber as pegadas no chão de terra em frente às escadas, algo a chamou atenção. Julie se ajoelhou para poder ver melhor. As marcas de pegadas que haviam ali não eram todas do mesmo tamanho. Algumas eram menores do que as outras, enquanto as menores pareciam ter feitas por pés descalços e as maiores, com sapatos.

Julie começou a pensar que estivesse imaginando coisas e voltou para dentro do hospital. Os enfermeiros da equipe de busca poderiam ter seguido as pegadas exatamente em cima do rastro, o que explicaria os tipos de pegadas distintas.

O Dr. Cottons entrou no necrotério e Julie foi atrás dele. Um enfermeiro estava lá se arrumando para ajudar o médico, mas Julie o disse que ela ajudaria. Ele deu de ombros e saiu da sala.

Julie se preparou e foi para perto do Dr. Cottons. O corpo de Beth já estava parcialmente limpo e nu. Seus olhos já estavam fechados.

Julie pôde perceber que ela levava algumas marcas roxas em seus braços e coxas, e sua garganta estava cortada. Não poderia ter sido suicídio. Sua pele estava arranhada no rosto, braços e pernas, talvez devido a galhos de árvores do bosque.

– Ela definitivamente não morreu de tuberculose. – Disse Joseph. – Vou analisar seus pulmões para ver o grau da doença. Beth era uma paciente forte, afinal de contas.

Julie assentiu. Mas ainda sentia que algo ali estava errado. Voltou seu olhar às coxas de Beth. Além das marcas roxas, o interior de suas coxas estava sujo de sangue.

– Dr. Cottons… – Disse Julie, ainda observando o sangue por entre as pernas de Beth – Veja isso.

Ele parou de abrir o tórax de Beth e voltou seu olhar às coxas, na mesma direção que Julie olhava. Em seguida, olhou para Julie, desconfiado. No momento seguinte ele abriu as pernas da paciente e examinou sua vagina por algum tempo. Retirou de lá uma amostra qualquer, em um palito de madeira cirúrgico. Julie engoliu em seco.

Em seguida Joseph se atentou aos detalhes do corpo, e pensou como não havia reparado naquilo antes. Ela havia lutado para resistir alguma coisa. Algumas de suas unhas estavam quebradas e outras estavam sujas de terra. As marcas roxas, os cortes em sua pele, o sangue entre suas pernas…

– Elizabeth Becher foi estuprada. – Disse Joseph enfim.

Julie ficou boquiaberta naquele momento, e não quis acreditar no que havia ouvido.

– Isso que tenho em minhas mãos… é uma amostra de sêmen. – Ele continuou.

Tudo aquilo fazia sentido agora. Beth havia sido levada ao bosque por alguém, estuprada e em seguida assassinada. Isso explicava os dois tipos de pegadas na terra, e a porta aberta de Beth. Um homem, que tinha acesso ao quarto, havia feito aquilo.

Joseph e Julie se entreolharam, e ela pensou em Ralph.

* * * * * * * * * * *

Depois do exame no corpo de Beth, Joseph pediu a Julie que mantivesse a descoberta dos dois em segredo. Não queria assustar os outros pacientes e nem tomar providências antes que soubesse quem era o culpado por aquele crime. Apesar de desconfiarem de Ralph, que tinha acesso às chaves, não podiam acusá-lo sem provas.

Julie limpava a sala quando o Dr. Cottons saiu, e em seguida Jerry entrou na sala. Julie estava varrendo o chão quando ele chegou. Ele se aproximou do corpo com luvas.

– Vai colocá-la nas gavetas? – Perguntou Julie, quebrando o silêncio.

– Não ainda. – Respondeu Jerry.

Em seguida ele foi até os fundos da sala do necrotério e abriu uma porta. Julie nunca havia entrado lá. Era uma sala de azulejos brancos, um grande ralo no chão e um gancho no superior da parede. Ela parou de varrer para prestar atenção no que Jerry estava fazendo.

Em seguida, ele levou a maca até ali perto da sala e levantou o corpo de Beth, pendurando-o no gancho na parede, como se fosse um pedaço de carne no

açougue.

Julie se desesperou.

– JERRY! O QUE ESTÁ FAZENDO?

– Cale-se. – Pediu ele gentilmente em voz baixa. Fechou a porta por um momento, deixando Beth ali, pendurada, e em seguida empurrou a maca de volta ao seu devido lugar.

Julie ainda o olhava perplexa, com os olhos arregalados.

– O corpo está ali para ser drenado. – Explicou Jerry, calmamente. – Você não sabia que fazíamos isso aqui?

Julie tremia.

– Veja a minha expressão facial de que sabia que isso era feito aqui.

– Acalme-se. – Disse ele. – É simples. Quando algum doente morre aqui, a cidade tem medo de ser infectada com o vírus do cadáver quando ele chega lá embaixo. Por isso, tiramos todos os seus líquidos. Isso também facilita o transporte.

Julie se lembrou do carrinho que levou da vez em que Jerry pediu sua ajuda, que estava mais leve do que deveria.

– É você quem faz isso? – Perguntou.

– Sim. Lembre-se que eu faço tudo o que os outros não querem fazer. – Deu uma risadinha sem graça.

Jerry era um senhor muito doce de um grande coração, mas o seu trabalho em Waverly Hills não condizia com sua personalidade. Tinha que fazer coisas horríveis, que parecia não se importar. Ou estava acostumado com isso.

Julie ainda estava impressionada.

– Não lembro de isso ter sido feito com o corpo de Jane, ou de Timmy, ou de vários outros pacientes que eu acompanhei a autópsia. – Disse ela.

– Geralmente somente com os que tem identificação. – Respondeu Jerry. – Não perdemos nosso tempo com indigentes. Além disso, os indigentes não vão até a cidade, e os que vão são doados às faculdades, que preferem corpos completos.

Julie estremeceu.

– Mas Beth não tem família. – Respondeu Julie, referindo-se à necessidade de drenar o corpo dela.

– Não tinha até agora. Surgiu uma irmã. Ela foi contatada e decidiu que vai velar o corpo.

Julie largou a vassoura. Não havia nada mais desumano do que aquele tipo de tratamento com os mortos.

– Seja como for, faça o que deve fazer, Jerry. – Disse ela, saindo da sala antes que ele a pedisse alguma ajuda. – Só não quero fazer parte disso.

* * * * * * * * * * * *

Era hora do almoço e Julie almoçava na mesa de sempre, com as enfermeiras. Era seu dia de folga, pois havia trabalhado no turno da noite, mas com todos aqueles acontecimentos, Julie não conseguiria descansar. Decidiu trabalhar naquele dia, para se distrair e não ficar pensando na morte de Beth, ou de Anne, ou na culpa que sentia em ter adormecido em seu turno. Foi isso o que respondeu a todos que a fizeram a mesma pergunta.

Mary sentou-se ao seu lado. Ela percebeu que Julie estava perdida em pensamentos, olhando para o nada com os olhos fixos na parede em sua frente, e logo soube que ela talvez soubesse mais do que deveria.

– Está tudo bem? – Perguntou Mary assim que se sentou.

Julie respondeu que sim sem nem ao menos olhar em direção à colega.

– Estamos todos assustados com o caso de Beth. – Continuou Mary.

Julie então olhou para ela, e em seguida, ao redor. Havia percebido que aquele lugar estava mais silencioso do que de costume. Podia ver o horror e preocupação estampados no rosto de cada um. Que Beth havia sido assassinada, isso todos já sabiam. Só não sabiam dos detalhes do crime, nem a outra verdade que Julie e Joseph haviam descoberto na autópsia do corpo.

Todos os enfermeiros e médicos decidiram deixar aquilo tudo o mais discreto possível, para que os pacientes não soubessem do acontecido. Aos que perguntavam aonde estava Beth, respondiam que ela havia sido vítima da tuberculose. Era melhor dizer isso do que a verdade.

– Muitas pessoas já desapareceram naquele bosque. Beth foi a primeira a ser encontrada, jogada mais afastada em meio às árvores, com um pouco de terra e folhas sobre ela, como se tivessem tentado escondê-la. E, com o caso de Beth, parece bem claro o que acontece lá. – Disse Katia, sentada do outro lado de Julie. – Os pacientes que desaparecem devem ter tido todos o mesmo fim.

Mary assentiu.

– Quem seria capaz de fazer algo tão horrível? Os pacientes então são levados até lá? São tentados a ir até lá como iscas no meio da noite?

– É o que parece. E ao que tudo indica, é alguém aqui de dentro. De Waverly Hills.

Mary acenou com a cabeça em sinal positivo e olhos arregalados de horror.

– Quem de fora subiria a colina para isso? E como faria isso?

– Mary, não quero acusar ninguém. Mas sabemos da única pessoa que ficou responsável por cuidar das chaves do hospital justamente devido a esses problemas. – Continuou Katia.

As três engoliram em seco e olharam para a mesa em que Ralph estava sentado, almoçando com Steve, Carter e com o Dr. Hoffman. Eles pareciam estar mais tranquilos do que qualquer outra pessoa. Até riram em algum momento por algum motivo.

Perdida em pensamentos, Julie pôde perceber que no braço direito de Steve, escondido por sua manga, haviam marcas de unhas cravadas em sua pele, em sangue seco. Ele percebeu que ela o olhava e ele retribuiu o olhar. Em seguida, ao notar para onde Julie olhava, ele tocou sua manga, escondendo suas marcas, tentando ser discreto. Em seguida, voltou a falar com Carter, John e Ralph, como se nada tivesse acontecido.

Nesse momento, Julie desviou o olhar, de volta para a parede.

* * * * * * *
* * * *

Naquela semana, Julie havia feito um juramento a si mesma que, nos dias que cuidaria do turno da noite, ela faria todas as rondas necessárias. Sentiu-se tão culpada pelo caso de Beth que não podia deixar de fazer o seu dever.

Passou a pensar que os acontecimentos das noites anteriores eram apenas coisas de sua cabeça, e isso a ajudou a trabalhar melhor. Mary a estava ajudando muito naqueles dias, e Julie era muito grata por isso.

Eram quase duas horas da manhã de uma noite fria, quando Julie saía da sala das enfermeiras com sua lanterna em mãos, pronta para mais uma ronda noturna pelos corredores. Aquela noite estava calma e tranquila. Ralph permanecia em sua sala no primeiro andar a noite inteira.

Julie passou pelos corredores do segundo andar, onde tudo estava calmo. Bocejou algumas vezes, mas não deixou que seu cansaço a consumisse. Não mais. Entrou no terceiro andar, onde tudo parecia tão bem quanto o segundo. Mas, quando Julie entrou no quarto andar, algo parecia estar errado.

Ao entrar pela porta das escadas que davam para o quarto andar, Julie sentiu um frio na espinha. Sentiu algumas presenças fora do comum, algo que não havia percebido nos andares anteriores.

Ouviu algumas risadas baixas, como se alguém estivesse tentando abafá-las. Aquelas risadas a pareciam tão familiares, e Julie estremeceu. Não sabia ao certo o motivo, mas foi até o quarto 418, que pertencia à Beth e Jane, que agora não abrigava mais nenhum paciente. Olhou pela janela na porta fechada.

Ela podia jurar que viu as duas conversando, cada uma em sua cama, enquanto riam e olhavam para Julie na porta. Ela apontou a lanterna acesa em direção a elas através do vidro. Entrou no quarto, sem pensar direito se deveria fazer aquilo mesmo, e acendeu a luz.

Jane estava deitada em sua cama, com os olhos semicerrados, cabelos oleosos e uma palidez sem igual que realçava suas olheiras arroxeadas, e Beth estava na cama dela, com cortes pelo corpo, suja de terra e com a garganta cortada, de onde ainda escorria sangue.

Julie não conseguiu se mexer diante daquela visão. Era apenas coisas de sua cabeça. Fechou os olhos por um segundo tentando dizer a si mesma que aquilo não era real. Quando finalmente teve coragem de abri-los de novo, Jane não estava mais lá. Mas Beth estava em pé em sua frente. Julie gritou com o susto e se afastou, tremendo.

– Ralph o deixou entrar. – Dizia Beth com uma voz rouca em meio a dificuldades para falar. – Ele disse que havia encontrado o esconderijo de Jane no bosque, e me levou para lá.

Agora Beth dava passos lentos em direção à Julie, que estava na porta do quarto. Sangue escorria cada vez mais do seu corte na garganta enquanto ela falava. Seus olhos estavam pálidos, seu rosto estava mais branco que o normal e seus cabelos estavam descabelados. Ela usava uma roupa de hospital suja de terra e estava descalça, e Julie pôde perceber que também escorria sangue por entre suas pernas.

Julie nada podia dizer em meio ao nervosismo, e sentia a respiração pesar a ponto de quase ficar sem fôlego. Sentiu que ia desmaiar.

– Ele me acordou no meio da noite. Pensei que ia reencontrá-la. Ele me levou ao bosque. Ralph o deixou entrar. Ele me machucou, Julie. – Continuou Beth.

Em seguida, levou uma das mãos em meio às suas próprias pernas, e mostrou seus dedos sujos de sangue à Julie. Ela gritou de novo, com medo, e saiu do quarto, correndo em direção às escadas.

– Ralph o deixou entrar… – A voz rouca e fraca de Beth ficava mais distante enquanto Julie corria.

Ao abrir a porta em direção às escadas para fugir, Julie viu alguém subindo as escadas em direção ao quinto andar, acima dela. Julie pôde ver da

cintura para baixo, enquanto ela subia, e era uma mulher usando roupas de enfermeira.

– HEY! – Gritou Julie, apontando a luz da lanterna para aquela pessoa. – QUEM ESTÁ AÍ? – Julie continuou a chamar, mas a enfermeira continuou a subir.

Ela não sabia ao certo se estava chamando a enfermeira para impedi-la de subir naquela hora da noite ou se queria pedir ajuda. Por algum motivo, Julie a seguiu, continuando a chamá-la. Mas a mulher parecia não dar ouvidos e entrou no quinto andar, fechando a porta de metal atrás de si.

Julie entrou no quinto andar também, no fim das escadas, e olhou ao redor. Parecia que a enfermeira havia sumido. Julie sentiu algo leve atingindo seus pés, e apontou a luz da lanterna naquela direção, assustada. Era uma bola de plástico inflável. Ela aliviou-se em ser só uma bola e a chutou para longe de si, para qualquer direção.

Mal podia perceber, naquela escuridão, que era a bola que ela havia jogado na cova de Timmy no dia em que ele foi enterrado.

Julie então olhou em direção às escadas de madeira no fim do corredor que davam para o terraço. A enfermeira estava subindo aquelas escadas, enquanto elas rangiam, e de novo Julie não conseguiu ver quem era.

– ESPERE! – Gritou Julie, indo em direção a ela.

Julie subiu as escadas de madeira atrás da enfermeira misteriosa e entrou no terraço rapidamente. Estava iluminado pela lua cheia da noite, e a visão do local ali era melhor do que de dentro do hospital. Ela quase podia dispensar a lanterna, mas não o fez.

– HEY! AONDE VOCÊ ESTÁ? – Gritava, olhando ao redor.

De repente, avistou uma enfermeira de costas em pé sobre o muro de proteção do terraço.

“Oh não, de novo não”, pensou Julie, indo correndo em direção a ela. “Não pode haver mais um suicídio aqui. ”

A enfermeira abriu os braços e se jogou do telhado, antes que Julie

pudesse impedir.

– NÃO! – Gritou Julie, estendendo o braço em sua direção.

Ela correu rapidamente em direção ao local que a enfermeira havia se jogado, e olhou para baixo. Era o mesmo local em que Anne havia cometido suicídio, caindo perto das grandes escadas da frente do hospital.

Com medo, procurou com o olhar quem quer que estivesse caído no chão. Mas não havia ninguém ali. Tudo ao redor do hospital parecia estar deserto como se nada tivesse acontecido ali. Não ouviu nenhum barulho.

Era coisa da sua mente, mesmo. Só podia ser. Deveria ser culpa do cansaço e do stress.

Julie levou uma das mãos à cabeça, que doía. Respirava ofegante. Não conseguia entender o que estava acontecendo com ela. Foi andando em direção à porta do Solarium, quando mais uma vez uma bola de plástico inflável atingiu seus pés, como se houvesse sido jogada em sua direção.

Julie olhou ao redor, mirando sua lanterna acesa. Não havia ninguém ali.

Ela pegou a bola. Alguém deveria ter esquecido. Os balanços do terraço começaram a balançar levemente, e Julie não sentiu nenhum vento forte o bastante para mover os balanços. Entrou de novo no hospital, fechando a porta do terraço.

Largou a bola ali mesmo, no corredor do quinto andar, e desceu as escadas.

– Chega de rondas noturnas. – Disse ela para si mesma, e em seguida voltou para a sala das enfermeiras.

* * * * * * * * * * *

Dois meses se passaram e era verão. Julie não trabalhava mais à noite depois que se negou a isso, e uma das enfermeiras se dispôs a ocupar o seu lugar. Julie não pôde negar que ficou aliviada. Não colocaria mais os pés em Waverly

Hills durante a noite.

Era uma manhã de sol quando Julie auxiliava o Dr. Cottons em uma cirurgia de retirada de costelas. Outro enfermeiro os estava auxiliando também, e o paciente encontrava-se sedado sobre a mesa de cirurgia. Seus batimentos cardíacos pareciam bem, e Joseph estava bastante satisfeito por estar falhando pouco nas cirurgias dos últimos dias.

Naquela manhã, Julie pôde notar que Joseph estava tossindo mais do que o normal. Ela e o enfermeiro o perguntaram algumas vezes durante aquela cirurgia se ele estava bem, e ele sempre dizia que sim. Tomou uma ou duas pílulas que levava em seu bolso, que ninguém perguntou o que era.

De repente, Joseph parou a operação por um momento, afastando-se do paciente, e teve um forte ataque de tosse. Tossia incontrolavelmente, apoiado na parede. Retirou sua máscara cirúrgica e levou um lenço à boca.

– Vou chamar ajuda. – Disse o enfermeiro, como se fosse o certo a fazer naquele momento, ignorando as ordens de Joseph e saindo da sala às pressas.

Julie estava ali sozinha com o Dr. Cottons sem saber ao certo o que fazer, e aproximou-se dele.

– Doutor… O senhor está bem? – Tocou-lhe o ombro em meio àquela crise de tosse, e ele retirou a mão dela de si.

Ela percebeu que o lenço que levava em mãos estava totalmente cheio de sangue, e por um instante percebeu o que estava acontecendo. Joseph agora manchava o chão com uma grande quantidade de sangue que saía em sua boca. Ele se curvou levando uma das mãos ao peito. Em seguida, ele caiu no chão, ainda tossindo.

– DOUTOR COTTONS! – Gritou Julie, ajoelhando-se ao lado dele, e segurou-o contra seu corpo.

Ele tossia e sangue continuava a jorrar de sua boca como uma cena horrorosa de filme de terror. Agora Julie podia perceber que ele estava muito pálido. Ela tremia de nervosismo enquanto gritava por ajuda.

– SOCORRO! – Gritava ela repetidamente, sem saber como reagir

naquela situação, até que alguns enfermeiros vieram à porta.

Ninguém sabia ao certo o que fazer, pois, quando algo do gênero acontecia com um enfermo, ele era levado para a sala de cirurgias e operado pelo Dr. Cottons. Mas naquele momento era ele quem precisava de ajuda, sem diagnóstico.

Em poucos segundos, John Hoffman entrou na sala de cirurgias, trazido pelo enfermeiro que antes estava auxiliando na operação.

Joseph não tossia mais, nem se mexia, nem respirava e permaneceu deitado sobre os braços de Julie, com os olhos abertos e com a boca suja de sangue. Seus cabelos continuavam descabelados, enquanto seu corpo amolecia.

Julie gritou enquanto chorava, e o Dr. Hoffman tentava reanimá-lo sem sucesso.

O Dr. Cottons estava morto, e, enquanto enfermeiros e pacientes curiosos vinham até a porta para saber o que estava acontecendo, Julie estava em transe. Nada ao seu redor tinha som, e ela se lembrou do momento em que seu pai retirou seu irmão da corda que o pendurava pelo pescoço. Tudo estava em câmera lenta, e só o que ela podia ouvir era seus batimentos cardíacos ecoando como se fosse no vácuo.

– Perdemos ele. – Alguém disse em meio ao caos, e naquele momento tudo voltou ao normal para ela.

No bolso do jaleco de Joseph, Julie pôde perceber que ele levava um recipiente com pílulas, e pegou-as sem saber ao certo o motivo. Leu o que estava escrito na identificação do medicamento.

“Pílulas para a cura da tuberculose. Teste 3. 1932.”

Julie se lembrou do dia em que ouviu ele dizendo ao telefone que gostaria que mandassem algumas pílulas-teste para o hospital, mas nunca mais soube que fim levou aquela história.

Naquele momento tudo pareceu fazer sentido para Julie. O Dr. Cottons estava lutando através dos anos contra uma tuberculose, e não havia contado a ninguém sobre isso, tentando descobrir a cura sozinho, a todo o custo. Por isso

ele ficava tão frustrado quando as cirurgias não davam certo, e passava as noites em claro estudando e fazendo anotações rápidas sobre o assunto.

O Dr. Hoffman pegou aquelas pílulas das mãos trêmulas de Julie e leu o mesmo que ela. Então, ele olhou em seus olhos, e balançou a cabeça em tom de reprovação.

– Oh, Joseph. – Disse ele apenas, e em seguida pegou o corpo do médico e ajudou Julie a colocá-lo sobre uma maca disponível próxima.

Um enfermeiro o levou dali.

Julie percebeu que John não sabia da doença do Dr. Cottons. Ninguém sabia. Nem mesmo ela, que trabalhava com ele todos os dias. Sentiu-se uma estúpida em não ter percebido, e sentiu certa pena por ele, por não ter contado a ninguém.

Agora tudo parecia claro, e ela o entendia. Ele não queria passar o resto dos seus dias como aqueles doentes. Ele era uma espécie de cobaia para aquelas pílulas teste, que no fim das contas não fizeram efeito, e tentou de tudo, enquanto viveu, para conseguir a cura da doença.

Era por isso que ele passava noites em claro estudando sobre a cura, por isso ele era tão frustrado e violento quando suas cirurgias não davam certo. Ele estava realmente achando que conseguiria curar aquelas pessoas, para que ele fosse curado também.

Julie e John se entreolharam, entendendo o caso do Dr. Cottons, lamentando com o olhar. Em seguida, ela olhou para o paciente sedado sobre a maca, e se perguntou quem terminaria aquela cirurgia.

– Deixe-o morrer. – Disse John apenas, olhando para o paciente sedado na maca, como se lesse os pensamentos de Julie.

Ela o olhou como se não tivesse entendido o que ele havia dito. Para o Dr. Hoffman, nenhuma daquelas vidas tinham valor. Ele sorriu com o canto da boca para Julie, com aquele jeito malicioso, e em seguida saiu da sala. Ela permaneceu ali com outros enfermeiros, e ninguém sabia ao certo o que fazer em seguida. John havia se negado a ajudá-los.

Olhou para o enfermeiro que estava auxiliando naquela cirurgia anteriormente, que havia ido chamar o Dr. Hoffman.

– Você acha que conseguimos terminar isso?

Ele balançou a cabeça negativamente, como se estivesse assustado. Ela suspirou. Também achava que não.

– Vamos apenas costurá-lo, está bem? Não vamos mais retirar nenhuma costela. Já vimos o Dr. Cottons fazer isso milhares de vezes. Creio que conseguiremos. Vamos terminar isso e levá-lo de volta ao seu quarto. Ele vai ficar bem.

O enfermeiro assentiu. Os outros presentes se dispersaram, mas antes perguntaram à Julie se eles precisariam de alguma coisa. Julie disse que não. Fecharam a abertura no tórax do paciente, que agora estava com algumas costelas a menos, e em seguida terminaram a operação sozinhos.

Ao menos era a coisa mais humana a se fazer. Julie jamais poderia dormir tranquila em pensar que havia deixado aquele homem morrer, e o enfermeiro a ajudou durante todo o processo.

Levaram-no ao seu quarto, ainda vivo. Sentiam o ótimo sentimento de dever cumprido, mas, no fim do dia, ele acabou não resistindo, e faleceu.

O Dr. Hoffman havia desprezado aquela atitude de Julie, mas nada disse. Ela podia ver em seu olhar o que ele achava daquilo, de ela ter ido contra suas ordens. Quando o paciente morreu, John Hoffman sorriu para Julie, como se quisesse dizer “eu avisei”, apenas com expressões faciais.

A cada dia que passava, Julie o desprezava mais, enquanto Mary se apaixonava cada vez mais por ele.

Capítulo III
ALA PSIQUIÁTRICA

Era outono. Julie estava completando um ano de trabalho em Waverly Hills, mas não quis comemorar. Para ela, não era motivo de comemoração. Além do fato de estar contribuindo com o sustento dos pais, nada mais era motivo de sorrisos.

Outro médico havia sido contratado no hospital no lugar do Dr. Cottons. Se chamava Dr. Samuels. Julie não gostava muito dele, mas o auxiliava da mesma maneira que fazia com Joseph, sem reclamar ou questionar.

Certo dia, Julie estava cuidando da ala infantil quando ouviu gritos vindos do outro lado do corredor, na ala psiquiátrica. Uma parede separava as duas alas, e Julie teve que descer um lance de escadas e subir outro, para chegar à fonte dos gritos.

Lembrava-se de ter visto um tumulto, pacientes desorientados gritando desesperados e lembrava-se de Steve e Carter tentando segurar um dos pacientes, enquanto ele se debatia contra a força dos dois. Na mão dele, estava um pedaço de vidro quebrado, pontiagudo. No chão, o outro enfermeiro da ala psiquiátrica jazia sobre uma poça de sangue. Julie logo entendeu o que havia acontecido. Mary foi chorando ao encontro de Julie afundando o rosto em seu ombro, enquanto ela não sabia ao certo o que fazer, e o Dr. Hoffman se aproximou do interno debatendo-se contra as forças dos enfermeiros, agredindo o paciente com um soco em seu rosto. O pedaço de vidro pontiagudo que ele carregava caiu no chão, ainda sujo de sangue.

– LEVEM-NO PARA A SALA DE ELETROCHOQUES! – Havia gritado John Hoffman, e Julie lembrava-se muito bem do olhar dele ao pronunciar aquelas palavras.

Um olhar maníaco, sádico. Steve e Carter obedeceram, e Julie percebeu que eles tinham um certo gosto por aquilo, como se gostassem de abusar de

pacientes. Depois do soco, ele ainda se debatia tentando se soltar.

– AS VOZES… ELAS… AS VOZES ME… – Ele tentava gritar enquanto era levado. Depois, sussurrou alguma coisa em outra língua, para si mesmo. Parecia latim. Aquilo deu à Julie arrepios. Era como havia presenciado com Anne antes de morrer.

Por um momento, ela achou ter visto seus olhos brilharem em um tom vermelho.

Julie engoliu em seco enquanto observava toda aquela cena. Câmera lenta. Pessoas gritando. Paciente se debatendo tentando se soltar de garras de quem deveria ajudá-lo. Vidro pontiagudo no chão. Um enfermeiro sobre uma poça de sangue que crescia cada vez mais, dando seu último suspiro enquanto todos o tentavam ajudar.

Mary ainda chorava em seu ombro, e, enquanto Steve e Carter levavam o paciente para a sala de eletrochoques, o enfermeiro ferido continuava no chão, até que outra equipe de enfermeiros o colocou em uma maca e o levou em direção ao elevador.

Alguns minutos depois, ele havia sido dado como morto pelo Dr. Samuels. Teve o mesmo destino do que a maioria dos outros mortos. Foi levado pelo túnel em direção a um carro funerário. Era difícil explicar casos assim para os familiares das vítimas, mas era como se eles já estivessem preparados para esse tipo de notícia. Devido aos altos índices de mortes em Waverly Hills, era comum que os enfermeiros fossem diagnosticados com depressão e cometessem suicídio. Casos de assassinato eram menos comuns, mas também acontecia. Era como se todos soubessem que quem entrasse lá jamais sairia vivo. Mas ninguém achava que isso um dia aconteceria com si mesmo.

O paciente que o havia atacado foi submetido a uma descarga elétrica tão intensa e tão repetitiva que ele acabou morrendo amarrado à mesa, com o equipamento ainda em sua cabeça com um mordedor em sua boca, que espumava. Jerry o enterrou no cemitério dos indigentes enquanto Julie olhava aquela cena pelos corredores do hospital, de longe, enquanto deixava uma ou

outra lágrima escorrer pela sua face.

Naquele dia, foi difícil manter a ordem na ala psiquiátrica. Estavam todos muito alvoroçados e nervosos. Havia sido um longo dia e, a partir daquela data, Julie havia sido transferida para a ala que queria, para substituir o enfermeiro morto pelo paciente.

O Dr. Cottons havia mantido sua promessa, afinal. Ela estava no topo da lista de enfermeiros disponíveis à transferência para a ala psiquiátrica, e no momento que soube que havia sido transferida, ela havia ficado muito agradecida e lamentou não poder agradecê-lo pessoalmente.

Mas que erro ela havia cometido em pensar que era lá aonde queria trabalhar.

Durante poucos dias, Julie presenciou coisas piores do que havia presenciado em um ano na ala dos doentes. Além dos tratamentos de hidroterapia que os pacientes eram submetidos quase todos os dias, também eram submetidos à eletroterapia, que consistia em uma descarga elétrica em suas têmporas, para tratar a sanidade. Era algo horrível de se ver, e os pacientes saíam daquela sala totalmente atordoados e fora de si, quase como zumbis. Dependendo da força dos choques e de quantas vezes os pacientes eram submetidos a eles, a saúde mental deles piorava, e Julie pôde perceber que eles eram submetidos a esses tratamentos às vezes sem motivo, apenas pela diversão de John, e também pelo fato dos enfermeiros terem menos incômodo quando todos os internos ficavam quietos e alienados devido aos efeitos colaterais dos eletrochoques.

O desprezo de Julie pelo Dr. Hoffman crescia a cada dia e, por mais que ela falasse com Mary sobre isso, não era compreendida. Mary protegia John e dizia que tudo o que ele fazia era pelo bem dos pacientes.

Ela estava completamente cega pelo amor.

Agora estava na ala psiquiátrica há um mês. Basicamente tudo o que fazia lá era medicação, acompanhamento dos pacientes nas atividades de lazer e participação dos piores tratamentos possíveis. Era obrigada a ajudar Mary e John

Hoffman na sala de eletrochoques, aonde ela amarrava o paciente a uma maca, colocava o mordedor em sua boca e o equipamento em sua cabeça. Não conseguia olhar quando a máquina era ligada. Simplesmente não conseguia.

Chorava muito durante a noite e às vezes vomitava. Não tinha estômago para aquilo. Por todos os dias que estava naquela ala, sempre pensou em desistir, mas as cartas dos seus pais a impediam disso. Julgava o trabalho de Mary fácil antes, mas agora percebia que estava errada. O trabalho de Mary era pior do que o da maioria dos funcionários.

Tudo o que Julie podia fazer era desabafar em seu diário, que escrevia todos os dias. Mary nem ao menos sabia da existência dele, e Julie fazia questão de deixá-lo em segredo. Era pessoal. Ela escrevia alguns pensamentos breves em forma de poesia, um pouco sombrias demais para serem compreendidas. Julie nunca disse a ninguém, mas era grande admiradora de Edgar Allan Poe, que seu irmão a havia mostrado quando ainda era vivo. Ela achava aquele detalhe irrelevante, sendo que poucos dias depois ele havia morrido. Assim, as pessoas ao seu redor tinham coisas mais importantes para se preocupar do que os gostos pessoais de Julie.

Ela guardava seu diário embaixo de outras coisas em sua gaveta no criado-mudo ao lado da cama, onde ninguém nunca mexia. Era a única privacidade que Julie tinha.

* * * * * * * * * * * *

Durante todo o outono e o passar do inverno, Waverly Hills via a ala psiquiátrica esvaziar, devido ao grande número de mortes dos tuberculosos. Eles morriam antes mesmo que a doença “afetasse sua saúde mental” e, devido a isso, o hospital passou a aceitar pessoas com transtornos mentais que não fossem tuberculosas. Isso fez com que houvesse um aumento significativo de internos na ala, e o Dr. Hoffman havia ganhado mais pessoas para se divertir com seus

tratamentos desumanos.

Julie às vezes podia ouvir seu nome sendo chamado pelos corredores, mesmo quando não havia ninguém por ali, mas ela logo se distraía com outras coisas. As bolas infláveis que Timmy costumava brincar apareciam em vários locais do hospital, e Julie passou a estranhar aquilo. Sempre as devolvia na ala infantil, mas ninguém parecia sentir falta delas.

Certo dia, perto do Natal, Julie estava com Mary fazendo uma revisão das fichas de pacientes antigos. Deveriam jogar fora o que não seria mais usado e atualizar o necessário. Faziam isso todo final de ano. Mary odiava aquele trabalho, mas nunca reclamou, e Julie se ofereceu para ajudar.

Foi mexendo por entre fichas e mais fichas em meio a caixas empoeiradas e etiquetadas, que Julie pegou uma caixa de fichas relativamente vazia em mãos, com os dizeres “Desaparecidos” sobre ela.

– Mary, o que é isso? – Perguntou, pegando a caixa em mãos e soprando o pó sobre sua tampa.

Mary encostou com cuidado uma de suas mãos no pulso de Julie, como se tentasse impedi-la de abri-la.

– É ali que guardamos as fichas dos pacientes que desaparecem aqui no hospital. – Respondeu Mary, sussurrando baixinho e olhando ao redor. – Você sabe, no bosque.

– Por que está sussurrando?

– Os pacientes não podem saber dessa caixa… tentamos esconder deles os desaparecimentos o máximo possível, para que não fiquem com medo. – Continuou a sussurrar, e em seguida retirou sua mão do pulso de Julie. – Embora às vezes seja difícil ocultar essas informações.

Julie assentiu, compreendendo. Em seguida voltou o olhar à caixa, balançando-a.

– Está leve. Posso abri-la?

– Você não conhecia ninguém. – Disse Mary, como se tentasse desconversar para que Julie largasse aquela caixa.

– É só por curiosidade. – Respondeu Julie. Parecia que ela estava prestes a fazer uma coisa muito errada, como uma criança que encontrou seu presente de natal antes da data e quisesse abri-lo. – Na ala dos doentes não tínhamos uma caixa dessa.

– Isso é porque todos que somem são daqui de cima. – Explicou Mary. – Da ala psiquiátrica.

Aquela informação era um tanto quanto curiosa. Julie estremeceu ao ouvi-la. Ela abriu a caixa contra a vontade de Mary e começou a observar as fichas, que levavam fotos e informações sobre cada paciente. Ela pôde perceber que todas as fichas eram de pacientes mulheres.

– Há uma explicação plausível para serem todas dessa ala? – Perguntou Julie, ainda tremendo.

Mary deu de ombros. Nunca havia pensado nisso.

– Acredito que por serem loucos. – Deu uma risada sem graça. – Beth foi a primeira paciente da ala dos doentes que desapareceu no bosque. Mas bem, você não pode negar que ela estava ficando louca, mesmo. – Fez uma pausa enquanto observava Julie mexendo em todas aquelas fichas. – É por causa dessa quantidade de pessoas desaparecidas que as chaves passaram a ficar com Ralph durante a noite. Agora ele ficou responsável por quem entra e por quem sai dos quartos. O caso de Beth é mesmo uma incógnita. Talvez ele tenha esquecido de trancá-la.

Por um momento Julie estremeceu e passou a prestar atenção nos seus pensamentos somente, e a voz de Mary começou a ficar sem som enquanto ela falava. Julie não prestava mais atenção. Ela pensou no que havia acontecido na última ronda noturna que ela havia feito.

“Ralph o deixou entrar.”

Pensou nos arranhões nos braços de Steve no dia em que Beth foi encontrada no bosque, e como ele tentou escondê-los. Pensou na mesa de Steve, Carter, John e Ralph no almoço. Como riam. Pensou no sorriso sádico de John ao ver os pacientes sofrerem. Pensou no quanto Steve e Carter estavam ficando

parecidos com John, obtendo seu jeito, suas manias irritantes. Pensou nas pegadas grandes juntas às pegadas de Beth, pegadas que pareciam ser masculinas. Pensou no rosto de Joseph Cottons ao retirar a amostra de sêmen do corpo de Beth, e no seu olhar assustado quando disse “ela foi estuprada”. Pensou em Steve culpando-a naquela manhã que estavam à procura de Beth, que Julie havia adormecido em seu posto no turno da noite. Pensou no que Mary havia acabado de dizer, que todos os pacientes desaparecidos eram da ala psiquiátrica, em que eles trabalhavam. Pensou no motivo pelo qual todos os desaparecidos eram mulheres. Todas sem família ou abandonadas. Todas indigentes.

“Ralph o deixou entrar.”

– Não deveria estar mexendo nisso. – Disse Mary por fim, quando Julie voltou a si, quebrando o silêncio na mente de Julie.

Ela se desculpou e largou as fichas colocando-as de volta na caixa. Sentia o medo crescendo dentro de si. Com quem estava lidando, afinal? Tinha dez fichas naquela caixa, e ela observou uma por uma, prestando atenção nas fotos das mulheres, que iam de jovens a idosas.

Era perturbador pensar que dez mulheres com problemas mentais, sendo Beth a décima primeira, teriam se perdido no bosque do hospital durante a noite e nunca mais voltado.

A ficha do topo da pilha levava a foto de uma senhora idosa que chamou a atenção de Julie. Uma senhora de dentes podres e cabelos descabelados, e de olhos azuis tão claros que mal apareciam na foto preto e branco. Julie estremeceu. Era a idosa que ela sempre via no bosque, que a seguiu no túnel, que ela pensou ser algo de sua mente. Mas ela nunca havia visto aquela foto antes.

Naquele instante, antes que Julie pudesse dizer qualquer coisa à Mary que ela não acreditaria, ouviram outro tumulto na ala, e correram para ver o que estava acontecendo. Outro assassinato, outro caso de um paciente que sussurrava uma língua estranha enquanto se coçava.

Ele havia matado seu colega de quarto, sufocando-o com as próprias mãos até a morte. Ele teve o mesmo destino do outro paciente que havia matado

o enfermeiro. Julie tomou a decisão de que iria embora. Mas no inverno, era impossível sair de Waverly Hills. A estrada estava bloqueada e, a não ser que ela pegasse o túnel, ela estaria presa ali até a primavera.

Mary a disse para ter paciência, que as coisas melhorariam, que aquilo era apenas uma fase no hospital. Julie acalmou-se e concordou com Mary. Afinal, ainda estava sustentando sua família.

Julie não pensou mais na foto da idosa que encontrou na caixa de fichas de pessoas desaparecidas. Com tudo que estava passando ali, esse era o menor dos seus problemas.

* * * * * * * * * * * *

Era primavera de 1933 quando Dr. Hoffman entrou na sala dos enfermeiros do quinto andar com um sorriso no rosto. Aquele sorriso sádico e malicioso que Julie conhecia tão bem, e a dava calafrios todas as vezes em que ela o presenciava. John parecia estar feliz, levando diversos papéis em mãos, agrupados entre si. Junto deles, uma pequena caixa de metal que ecoava barulhos metálicos.

Eram itens cirúrgicos novos, Julie pôde notar.

– Bom dia a todos. Gostaria de dar a notícia à vocês em primeira mão. – Disse o médico assim que entrou na sala, aproximando-se de todos.

Julie, Mary, Steve e Carter prestaram atenção no que o Dr. Hoffman estava prestes a dizer. A julgar pela caixa de instrumentos cirúrgicos e por aquele sorriso no rosto de John, Julie sabia que não seria algo bom.

– Uma nova cirurgia no cérebro foi inventada em Portugal. Li a tese do Dr. Moniz, criador da cirurgia, e me parece bastante interessante para tratar casos de loucura aqui de Waverly Hills. – Jogou os papéis sobre uma mesa da sala, em que os enfermeiros estavam sentados perto. – Chama-se lobotomia. – Concluiu.

Julie estremeceu ao ouvir aquelas palavras. O restante dos presentes

olharam para John com uma expressão de dúvida, mas todos estavam fascinados. Parecia que todos ali confiavam no Dr. Hoffman e nos seus métodos, exceto Julie. Ela foi a única que expressou estar assustada, em seu olhar. Não sabia do que consistia aquela cirurgia cerebral, mas, vindo de John, ela temia saber.

– Que interessante, Dr. Hoffman. – Disse Mary, sendo a primeira de todos os enfermeiros a falar alguma coisa quanto àquela novidade. – Ficarei feliz em auxiliá-lo, seja lá como for. – Deu um sorriso sem graça, um pouco infantil, e depois percebeu o quanto estava sendo inconveniente.

Parou de sorrir e levou uma das mãos ao chapéu de enfermeira, preso com grampos em seus cabelos negros e ondulados.

– Obrigado, Mary. – Continuou o doutor, abrindo a caixa que levava em mãos e agora estava sobre a mesa. Tirou de lá diversos utensílios cirúrgicos diferentes, e assustadores. – Essa intervenção cirúrgica no cérebro do paciente consiste em seccionar as vias que ligam as regiões pré-frontais e o tálamo. É feita para curar depressão severa e esquizofrenia.

Julie não podia dizer nada, e apenas balançava a cabeça em sinal negativo. Não podia ser verdade. Não pensou que as coisas seriam capazes de piorar ali. Demitir-se-ia naquele momento, se no dia anterior não tivesse recebido uma carta da mãe a dizendo que ela estava sendo uma grande ajuda para a família.

Julie simplesmente suspirou fundo e começou a prestar atenção nas explicações desumanas do Dr. Hoffman.

* * * * * * * * * * *

Era uma manhã comum de primavera quando Mary acordou se sentindo enjoada, e foi rapidamente ao banheiro, antes de qualquer enfermeira acordar. Correu até o fim do corredor pensando consigo se conseguiria chegar ao sanitário antes de vomitar ali mesmo, pelos corredores.

Entrou na primeira divisória que viu que estava com as portas abertas, agachou-se em frente ao vaso sanitário e vomitou. Aquele sentimento era diferente de qualquer coisa que tivesse sentido antes. Não deveria ser algo que comeu, nem o nervosismo ou a ansiedade. Era um sentimento novo de enjôo.

Tossiu algumas vezes. Fez o que tinha que fazer, puxou a descarga do banheiro e permaneceu ali por algum tempo, ainda apoiada no vaso sanitário, perdida em pensamentos enquanto respirava ofegante. Olhava para baixo com seus olhos azuis expressando nervosismo. Parecia que já sabia o que estava acontecendo, mas não queria admitir.

Levantou-se e apoiou-se na porta fechada de madeira, e levou os dedos à boca, ainda atordoada. Em seguida, levou uma das mãos à barriga. Fazia dois meses que não menstruava, e, olhando para dentro do vaso sanitário naquele momento, agora limpo, Mary teve certeza de uma coisa.

Estava grávida do Dr. Hoffman.

* * * * * * * * * * * *

Naquela manhã, Mary se atrasou um pouco para o trabalho e Julie tomou seu lugar por alguns minutos na ala psiquiátrica. Entrou na sala do Dr. Hoffman por um momento e viu que ele analisava alguns raios X de alguns crânios humanos, possivelmente dos seus pacientes da ala.

– Dr. Hoffman, o senhor sabe de algo a respeito de Mary?

Ele a olhou sério.

– Você é a colega de quarto dela, srta. Hasherfield. Você deveria saber.

– Desculpe doutor. Pensei que ela houvesse dito algo ao senhor…

– Por que ela faria isso? – Perguntou ele, interrompendo-a e encostando-se em sua cadeira, agora deixando os documentos que observava de lado.

Julie por um momento percebeu que havia falado mais do que deveria. Ele não podia saber que Julie sabia do seu caso com Mary, e Julie não conseguiu

pensar em uma resposta rápida e eficaz para a pergunta dele.

– Não me incomode mais com essas perguntas irrelevantes. – Disse ele por fim diante ao silêncio dela, e continuou a analisar os documentos sobre a mesa.

Ela se desculpou e saiu da sala dele. Ela se incomodava que ele não se importava com Mary nem um pouco e aquilo era nítido para todos, exceto para a própria Mary, envolvida e apaixonada demais para perceber.

Julie suspirou de raiva e tristeza, sentimentos que sentia todas as vezes em que olhava fundo nos olhos verdes de John. Talvez ele sabia que ela o desprezava, mas ela realmente não se importava com isso.

No momento em que Julie saía de sua sala, Mary apareceu.

– O que estava fazendo na sala do Dr. Hoffman? – Perguntou Mary de imediato, assim que se aproximou de Julie, sem nem ao menos dizer bom dia.

– Estava perguntando à ele de você. Não te vi hoje de manhã, está tudo bem?

– Claro que está… está tudo ótimo. – Deu uma risada sem graça, olhando para baixo.

– Que bom, eu estava preocupada. – Disse Julie, e em seguida percebeu que Mary estava pálida. – Bem, se houver algo que eu possa fazer… me deixa saber.

Mary assentiu, olhando-a nos olhos e em seguida olhando de novo para o chão. Nem sequer agradeceu, e Julie percebeu que ela, na verdade, não estava bem mas não queria falar sobre isso.

– E não se preocupe com o Dr. Hoffman. – Continuou Julie. – Não me interessaria por ele nem que ele fosse o último homem do mundo.

Julie seguiu seu caminho pelos corredores da ala psiquiátrica e Mary permaneceu ali, pensativa por alguns momentos. Não teve coragem de bater na porta da sala de John, o que havia prometido a si mesma que faria.

Não estava preparada ainda para dizer à ele sobre sua gravidez. Não tinha certeza de como ele iria reagir, mas com certeza não seria boa a sua reação.

Concluiu que não estava em um bom estado emocional para lidar com aquilo naquele momento, e voltou à sua rotina normal.

* * * * * * *
* * * *

Naquela tarde ensolarada de primavera, Julie acompanhou alguns pacientes da ala psiquiátrica no jardim para o banho de sol, com Carter, enquanto Steve e Mary cuidavam dos pacientes que permaneceram no hospital.

Julie estava perdida em pensamentos enquanto observava os internos no jardim. Carter estava dizendo algumas coisas ao seu lado no banco, mas ela nem sequer ouvia. Não sabia por que, mas uma paciente sentada na grama a estava chamando muita a atenção.

Ela brincava sozinha com uma bola inflável de plástico, que provavelmente pertencia à ala infantil. Mas Julie não interviu, deixou-a ficar com a bola naquela tarde. Ela estava sentada na grama, segurando a bola e jogando-a repetidas vezes em direção às árvores, e a bola voltava para ela. Em seguida, ela ria e tornava a jogar a bola, que sempre voltava às suas mãos.

Julie estranhou aquilo. Não podia deixar que ninguém chegasse assim tão perto do bosque, por isso decidiu intervir e ir até lá. Deixou Carter falando sozinho no banco, e aproximou-se da paciente sentada na grama.

Ela era uma nova mulher no setor psiquiátrico e era esquizofrênica. Via coisas que não existiam, e as vezes falava coisas sem sentido. Seu nome era Margot. Mary sempre a medicava e cuidava dela com tudo o que ela precisasse, e Julie nunca teve a chance de conversar com ela realmente. O Dr. Hoffman já havia submetido Margot a diversos tratamenos de hidroterapia, mesmo que ela nunca houvesse apresentado sinais de perigo ou agitação. Era uma mulher doce, que não deveria ter mais do que 40 anos.

Ao se aproximar da paciente, Julie agachou-se ao lado dela.

– Margot, por favor, afaste-se um pouco das árvores e peça para o seu

amigo fazer o mesmo. – Disse Julie, olhando em direção ao bosque.

Mas não havia ninguém lá.

– Com quem estava brincando? – Perguntou Julie à paciente.

– Com um garoto que conheci hoje, ele tem 10 anos, e é um doce.

Julie suspirou. Crianças não deveriam se misturar com pacientes mentalmente debilitados, ainda mais no jardim, perto daquelas árvores.

– Aonde ele está? – Perguntou Julie, ainda olhando em direção ao bosque.

– Ele estava logo ali. – Olhou ao redor. – Mas não está mais.

– Certo. Qual era o nome dele? Vou perguntar na ala infantil se estão sentindo falta de alguma criança.

Julie já ia se levantando.

– É Timmy. – Respondeu ela antes que Julie se levantasse por completo, e a fez parar por um segundo. Julie então estremeceu e sentiu um frio na espinha. Voltou a se agachar. – Ele é um garoto muito tímido e sozinho. Só aceita brincar comigo no meio às árvores. – Continuou Margot.

A paciente se levantou enquanto Julie permanecia agachada no chão, pensativa, calada.

– Ele não está mais aqui. – Suspirou enquanto olhava ao redor, procurando pelo garoto mentalmente. – Não sei aonde ele foi parar. Bem, vou ao meu quarto. – Disse Margot, e em seguida seguiu em direção ao hospital com a bola embaixo do braço.

Carter veio ao encontro de Julie e a perguntou se estava tudo bem. Ela se levantou e com a ajuda dele e disse que sim, desamassando a saia do seu uniforme de enfermeira. Em seguida olhou novamente para o bosque. Não havia nada além de árvores e folhas no chão.

– Venha, vamos entrar. – Chamou ele, e Julie o seguiu, ainda olhando para trás em direção do bosque.

* * * * * * *

* * * *

Era uma tarde comum, quando o Dr. Hoffman chamou a todos os enfermeiros da ala para participar da primeira lobotomia feita em Waverly Hills. O cobaia era um paciente com depressão, sem família para reclamar do procedimento ou processar a instituição se algo desse errado.

Julie duvidava que o Dr. Hoffman tinha permissão médica para fazer aquele tipo de cirurgia, mas não ousou perguntar.

Steve, Carter, Julie e Mary estavam todos ao redor de uma maca. O paciente estava amarrado à ela com cintas, um lençol sobre seu corpo e sedado por um choque forte. O Dr. Hoffman estava sentado perto da cabeça do paciente. Estavam todos na sala de cirurgias do quarto andar, a qual Joseph costumava operar.

– O procedimento é todo muito simples, e acaba muito rápido. – Começou a explicar o Dr. Hoffman. Mary o olhava com um brilho no olhar. Ela o admirava cegamente. – Essa ferramenta é chamada de Orbitoclast. – Mostrou o que parecia ser um quebra-gelo ou uma agulha de tricotar com uma das pontas afiadas e a outra com um formato especial para segurá-la. – Ele é inserido no canal lacrimal do paciente em sentido diagonal, a fim de cortar as ligações com o lobo frontal, e é empurrado com a ajuda desse martelo. – Mostrou um martela cirúrgico a seguir, parecido com a primeira ferramenta.

Julie sentiu vontade de vomitar naquele momento, só de imaginar o procedimento da operação, mas não deveria sair da sala. Levou uma das mãos à boca sem que ninguém percebesse.

– Vou iniciar o procedimento para que vocês entendam. – Disse ele, e começou.

Ele abriu um dos olhos do paciente e fincou a ferramenta em seu canal lacrimal cuidadosamente, como ele disse que faria. Em seguida, achando o ponto correto, com a ajuda do martelo cirúrgico, ele bateu para que a ferramenta penetrasse em seu crânio e no seu cérebro. Em seguida, fez repetidos

movimentos bruscos de frente para o fundo do crânio do paciente, a fim de romper os ligamentos do cérebro.

Julie se afastou naquele momento e vomitou na pia, aonde já havia vomitado antes. Ela não conseguiu segurar o enjôo. John Hoffman a olhou com olhar de reprovação e, depois de alguns minutos, retirou a ferramenta da cabeça do paciente.

– E é só isso. – Concluiu ele. – Nas vezes em que precisarei fazer esse procedimento, somente um de vocês me auxiliando será o necessário, em caso de eu precisar de ajuda. Agora levem o paciente ao seu quarto e deixe-o acordar sozinho.

Todos assentiram. Carter levou a maca para o quarto.

– Isso é desumano. – Falou Julie, por fim, ainda encostada na pia enquanto Carter deixava a sala com o paciente ainda sedado.

John Hoffman levantou-se e foi até ela, olhou-a de cima a baixo com uma expressão de nojo e sorriu maliciosamente. Disso ele sabia. Não tinha a intenção de realmente ajudar seus pacientes, como o Dr. Cottons pretendia. Suas intenções eram muito piores. Seus olhos não tinham emoção quando ele sorria, e ele jamais chorou ou se importou com a perda de um de seus pacientes. Talvez ele estivesse em Waverly Hills por motivos pessoais, afinal. Para satisfazer suas vontades destrutivas, sádicas e sexuais. Pelo poder, pelo triunfo de ser um médico, pelos aplausos das pessoas que o admiravam, e pelo brilho nos olhos de enfermeiras apaixonadas. Ele só queria mostrar seu poder para os outros, mostrar que era capaz de qualquer coisa, e que nada o intimidaria.

Julie o seguiu com o olhar enquanto ele saía da sala, e Mary foi até ela.

– Julie, se quiser continuar aqui, tome cuidado. – Disse ela, tossindo um pouco e levando um dos antebraços à boca.

– Eu realmente não quero continuar aqui. – Respondeu Julie, e em seguida saiu rapidamente da sala.

Correu até o quarto do paciente que havia sido operado, e sentou-se ao lado dele até que ele acordasse. Estava, na verdade, mais preocupada com a

cirurgia em si do que na saúde dele. Queria saber se aquele tipo de operação era mesmo efetiva como Dr. Hoffman dizia que era. Queria saber se ao menos uma vez em sua vida ele seria capaz de se preocupar com a saúde dos enfermos do hospital.

Depois de poucos minutos, o paciente abriu os olhos, ainda fraco. Julie tentou perguntá-lo o que ele estava sentindo, mas ele não falava nada. Apenas olhava para frente com os olhos entreabertos como se estivesse exausto. Depois de alguns minutos, enquanto Julie ainda não obtinha resposta, ele babou. Parecia um bebê. Não respondia a nada que Julie o perguntava, não seguia seu dedo com o olhar e nem mesmo parecia ouvir o que ela dizia. Parecia estar vegetando, para seguir o resto de sua vida como alguém inútil.

Julie estava há uma hora no quarto tentando reanimar o paciente e fazer com que ele respondesse a ela e recuperasse seus sentidos. O Dr. Hoffman apareceu na porta do quarto em determinado momento, observando àquela cena inútil que estava presenciando.

– Creio que esqueci de mencionar, Srta. Hasherfield, que a operação pode ter alguns efeitos colaterais nos pacientes. – Ele disse, e ela olhou para ele. Não tinha percebido que ele estava na porta até começar a falar. – As funções cognitivas podem ser comprometidas, os movimentos, o raciocínio e o planejamento de ações. Nenhuma cirurgia é igual à outra, nenhuma pessoa responde do mesmo modo. Já podemos perceber que a nossa cobaia viverá assim, nesse estado vegetativo, pelo resto da vida.

Julie respirava ofegante enquanto John falava, ainda tentando despertar o paciente. Estalou os dedos em frente dos seus olhos algumas vezes, o que ele nem ao menos pareceu notar. Depois que percebeu que não havia nada que pudesse fazer, Julie voltou seu olhar de ódio ao médico.

– Isso é… isso é horrível. – Disse ela por fim, prestes a começar a chorar. – Quem são vocês para tomar esse tipo de decisão pelas pessoas? Quem são vocês para arruinar a vida delas desse jeito?

– Somos doutores, Srta. Hasherfield. Somos nós quem tomamos as

decisões nesse hospital. Nós mandamos aqui, e os pacientes sabem disso no momento em que se internam em Waverly Hills.

– Mas os pacientes não sabem o quão sádico e desumanos vocês são. – Havia uma raiva na voz dela, ele pôde sentir. O olhar flamejante que ela deu em direção à ele era um olhar que ela nunca havia dado antes, para ninguém.

Ela se levantou de onde estava sentada e saiu da sala, indo em direção às escadas. Em seguida, desceu todos os degraus e foi em direção ao prédio dos funcionários, ao seu quarto. Deitou em sua cama e chorou com o rosto fundo no travesseiro como nunca chorou antes. Ela permaneceu ali até o fim do dia.

* * * * * * * * * * * *

Julie acordou no meio da noite porque não conseguia mais dormir. Seus pesadelos a aterrorizavam. Sonhou com cenas rápidas e flashes de imagens e sons que pareceram ter durado poucos segundos, mas o suficiente para que ela entendesse tudo.

Sonhou com Anne se jogando do telhado e caindo no chão em frente às escadas, com seus olhos abertos olhando para cima, vermelhos e brilhantes.

Sonhou com Beth e Jane, rindo e brincando no jardim, pálidas, sujas, mortas.

Sonhou com Charles Goodwin sendo sufocado por um travesseiro no meio da noite.

Sonhou com uma idosa deitada com seu corpo meio enterrado no chão de terra do bosque, em que somente seu rosto e suas mãos ficavam visíveis em meio à terra, folhas e vermes que a consumiam.

Sonhou com o Rastejador se arrastando pelos corredores de Waverly Hills rapidamente, com seus olhos hipnotizantes, grunindo sons ensurdecedores.

Sonhou com Ralph abrindo uma porta de um quarto no meio da noite, o quarto 418, e um homem com seu rosto oculto pelas sombras tirando Beth de lá.

Sonhou com o Dr. Hoffman rindo maliciosamente enquanto pessoas morriam em sua maca de cirurgias, e como ele tinha um prazer estranho ao presenciar aquilo.

Sonhou com Joseph Cottons perdendo o controle de si, chutando e batendo nas paredes, repetindo coisas sem sentido a respeito da cura da tuberculose.

Sonhou com Timmy jogando bolas de plástico infláveis que voltavam para ele.

E sonhou com Beth repetindo milhares de vezes, olhando-a nos olhos com a garganta sangrando: “Ralph o deixou entrar. Ralph o deixou entrar. Ralph o deixou entrar...”

Atordoada, Julie acordou suando. Levantou-se da cama e saiu do seu quarto por um instante, a fim de respirar ar fresco. Vestia seu roupão enquanto se apoiava no muro de proteção do corredor, olhando para o jardim.

Levou uma das mãos à cabeça enquanto respirava ofegante. Sentia uma dor aguda e aquilo a estava matando aos poucos. Fechou os olhos por alguns segundos, mas imagens perturbadoras dos seus sonhos não saíam da sua cabeça. Olhou então em direção ao jardim de novo.

Uma idosa estava em pé em frente às árvores, observando Julie que estava apoiada no muro de proteção do corredor do prédio dos funcionários. Julie estremeceu, mas não desviou o olhar. Em seguida, a idosa entrou no bosque.

Dessa vez, Julie obteria respostas. Ela era uma das pacientes desaparecidas e Julie sentia que precisava segui-la, para saber ao certo o que estava acontecendo. Estariam aquelas mulheres vivendo no bosque de alguma forma?

Julie desceu as escadas do prédio dos funcionários, do jeito que estava vestida. De pijamas, roupão e descalça. Tinha medo de perder a idosa de vista e foi correndo em direção ao jardim, sem pensar duas vezes.

Sabia do risco que ela estava correndo em se perder ali como havia

acontecido com tantas outras mulheres, mas algo a dizia para continuar. Ouviu seu nome soando ao vento em um som agudo.

– Juuulieee…

E ela entrou no bosque, andando rapidamente em meio às árvores altas enquanto seguia um ponto branco com o olhar, andando em frente à ela, a alguns metros de distância: a idosa.

Julie a seguiu por alguns minutos. Os galhos das árvores caídos no chão a cutucavam e arranhavam seus calcanhares, mas ela não parecia se importar com isso.

– HEY! – Gritava Julie, agora correndo em direção à idosa, ainda a seguindo.

Um cheiro de podre parecia ficar cada vez mais perto.

– HEY! VOCÊ! PARE AÍ, QUERO TE AJUDAR! – Gritava Julie, levando agora o antebraço em frente ao nariz e à boca, tentando não sentir aquele cheiro que estava cada vez mais forte.

Julie não sabia aonde estava, nem por quanto tempo estava andando em linha reta em meio às árvores do bosque, mas não iria voltar agora. Estava tão perto. Precisava chegar às respostas das perguntas que a aterrorizavam em sonhos.

Naquele momento, a idosa parou de andar, e Julie chegou mais perto, tentando tocar-lhe o ombro. Foi naquele momento que ela sumiu, sendo consumida pelo chão de terra sob os seus pés descalços, antes que Julie pudesse tocá-la.

Julie olhou ao redor sem entender o que estava acontecendo, ainda com um dos braços sobre o nariz. O cheiro estava insuportável naquele momento. Perguntou-se se aquilo era apenas mais um sonho.

Deu mais alguns passos quando seus pés tocaram em algo estranho. Julie olhou para baixo e pôde ver ali, iluminado pela luz da lua, um rosto humano para fora da terra, já sem olhos e com a pele cinzenta, pelo tempo que estava ali.

Julie gritou e correu para a direção aonde havia vindo. Sentiu diversas

mãos saindo de dentro da terra do bosque tentando puxá-la pelos seus calcanhares, e ela gritou mais ainda, tentando desviar e se soltar das garras do submundo. Olhava para o chão e podia ver as mãos estendidas para fora da terra pedindo ajuda.

O vento ainda ecoava seu nome em uma voz fina.

– Juuulieee…

Correu o mais rápido que pôde, mas se perdeu devido ao nervosismo. Não sabia mais de onde havia vindo, e, quanto mais olhava ao redor, mais o desespero a consumia. Aquelas árvores pareciam todas iguais. Continuou correndo para qualquer direção até perceber que as mãos saindo da terra haviam cessado. Não era um sonho, afinal. Podia sentir a terra sob seus pés e os arranhões em sua pele.

O cheiro de podre agora estava mais distante. Ela podia saber que estava longe daquele lugar do bosque, pelo cheiro. Continuou a correr até seus pés sangrarem pelos galhos e espinhos que ela encontrava pelo caminho, mas não sentia dor.

Uma mão gelada tocou seu ombro e veio à tona aquele cheiro de podre novamente.

– Ralph o deixou entrar.

Julie então sentiu seus sentidos falharem e desmaiou ali mesmo, antes que pudesse olhar para trás e ver de quem era aquela mão.

* * * * * * * * * * * *

– Julie! Julie!

Julie acordou com uma voz masculina chamando-a e sacudindo-a, ainda no chão, tentando reanimá-la. Ela abriu os olhos lentamente e olhou para o dono daquela voz, que começou com um borrão e em seguida foi tomando forma. Era Carter.

Ela levantou bruscamente, mas ainda estava tonta, e Carter a ajudou a se sentar no chão.

– Tome, beba isso. – Disse ele, estendendo-a uma garrafa d'água.

Ela bebeu, tremendo. Olhou ao redor, sem lembrar exatamente de onde estava ou o que havia acontecido. Já era de dia, e o sol iluminava o bosque ao seu redor. Somente ali percebeu o estado em que ela se encontrava. Seus pés estavam sujos de terra e sangue, e suas roupas estavam imundas.

– Tem sorte de termos te encontrado! – Disse ele. – O que estava fazendo aqui? Você sabe dos perigos desse lugar.

Ele a ajudou a se levantar, e ela não conseguia dizer nada. Ainda estava se recuperando daquela noite e tentava colocar suas memórias em ordem. O que era sonho e o que era realidade?

– Você deve sofrer de algum tipo de sonambulismo, vamos falar com o Dr. Samuels sobre isso. – Dizia Carter, mas a voz dele parecia mais distante do que realmente estava.

Foi naquele instante que ela viu um dos enfermeiros da equipe de busca correndo e chamando os outros, que estavam perto de Julie.

– ENCONTREI ALGUMA COISA AQUI! – Gritou ele, e todos foram ao seu encontro, exceto Carter, que permanceu ajudando Julie a se levantar.

Julie percebeu a expressão preocupada nos olhos escuros de Carter naquele momento, observando os enfermeiros adentrando o bosque, e em seguida ele olhou para ela.

– Venha, vamos sair daqui. Você precisa ser checada. E de um banho.

Ele a puxou pelo pulso em uma direção, que ela entendeu ser a saída do bosque. Julie percebeu que ele sabia muito bem andar por ali em meio às árvores, local em que muitos não sabiam andar e se perdiam, e estranhou aquele fato.

* * * * * * * * * * *

“Caindo com minhas segundas intenções
Cicatrizes me marcam aonde você mais me machuca
Insetos se alimentando do seu lindo rosto
Quando a sua alma nasceu sem um nome.”

Julie havia escrito em seu diário, ainda um pouco atordoada. As palavras surgiam em sua cabeça como um sentimento temporário e instantâneo. Eram sentimentos em forma de palavras escritas.

Mais tarde, naquele dia, depois de se recuperar, fazer alguns exames médicos e tomar um banho, Julie estava olhando para o jardim, apoiada na proteção do corredor do prédio dos funcionários, mesmo local aonde havia avistado a idosa na noite anterior. Observava alguns corpos sendo retirados do bosque sobre macas, cobertos por lençóis. Ela estremeceu. Uma das macas estava deixando cabelos descabelados e grisalhos de um dos corpos à mostra, e Julie achou aquele cabelo bem familiar.

Suspirou, nervosa.

– Dez corpos. – Disse Mary, aproximando-se de Julie e tocando-lhe o ombro enquanto ela observava. – Dez corpos de dez mulheres, mortas em diferentes épocas.

Julie a olhou com os olhos arregalados, e Mary continuou a falar.

– Não sei como você fez isso, ou o que estava fazendo lá no meio da noite, mas se não fosse por você, nunca teriam encontrado os corpos das pacientes da ala psiquiátrica desaparecidas do bosque. Todas enterradas em um só local em meio às árvores.

Julie então sentiu um ar gelado passando por ela, e em seguida, um sentimento bom. Algo que parecia ser satisfação. Olhou para o céu azul sobre ela, e o sol brilhava. Jerry aproximou-se das duas.

– Você está bem, Julie? – Perguntou ele, e em seguida ela o olhou.

– Muito bem, Jerry. Obrigada.

Seu olhar ainda seguia a maca que levava o corpo da idosa que ela havia

seguido na noite anterior. Estava ali por algum motivo, afinal.

Capítulo IV
ANDREW

Um mês havia se passado e Mary podia ver sua barriga crescendo aos poucos, cada vez mais. Tentava esconder aquilo usando faixas na barriga sob o uniforme e não se despia mais na frente das outras enfermeiras. Por algum tempo, Julie percebeu que ela estava mais quieta do que o normal, e começou a se preocupar. Mas todas as vezes que Julie a questionava sobre algo, ela desconversava. Estava um pouco fora de si, e era evidente que havia algo errado.

Mary e Julie estavam então caladas, sentadas na sala dos enfermeiros no quinto andar, quando viram o novo paciente passar, através das janelas. Carter e Steve traziam um novo interno para a ala psiquiátrica.

– Temos um novo paciente. – Concluiu Mary ao vê-lo sendo levado ao quarto.

Julie pôde ver Carter e Steve colocá-lo em um dos quartos em frente à sala que elas estavam, e em seguida fecharam a porta e se afastaram. O Dr. Hoffman entrou na sala dos enfermeiros levando uma ficha em mãos.

– Boa tarde senhoritas. – Jogou a ficha sobre a mesa em que Julie estava sentada em frente. – Andrew Feller, 26 anos, saudável fisicamente, mas mentalmente perturbado. Comecem medicando-o com pílulas e em seguida peçam um raio X da cabeça dele, por favor.

As duas assentiram, sem fazer muitas perguntas. Julie olhou para Mary e em seguida, para John. Percebeu que eles queriam ficar sozinhos por um tempo e Julie saiu dali.

– Pode deixar que eu faço isso. – Disse, e em seguida fechou a porta atrás de si.

Foi até a enfermaria e pegou um dos coquetéis de pílulas que os doentes mentais tomavam todos os dias até ficarem dopados. Não sabia como aquilo iria ajudar os pacientes, pois apenas dava menos trabalho aos médicos e enfermeiros.

Levando uma bandeja, foi em direção ao quarto do novo interno.

Andrew estava sentado em sua cama, encarando a parede ao lado dela. Estava de costas para a porta e Julie só pôde vê-lo daquele ângulo.

– Boa tarde, Sr. Feller. – Disse Julie, ainda com a bandeja em mãos.

Ele nada disse. Nem ao menos olhou para ela. Parecia que não a havia ouvido. Não apresentava sinais de tuberculose. Ela podia notar pelo seu jeito que ele era quieto e recluso. Julie não sabia ao certo o que fazer e se aproximou, repetindo o que havia dito.

– Boa tarde, Sr. Feller. Venho lhe trazer alguns medicamentos.

Ele então finalmente a olhou. Seus cabelos curtos eram negros e seus olhos grandes eram azuis, profundos, perturbados. Julie estremeceu sem saber ao certo o motivo e ofereceu-lhe um copinho plástico com pílulas. Ele o pegou e engoliu-as sem questionar, devolvendo-a o copo plástico. Em seguida, voltou a encarar a parede.

– Obrigada. – Respondeu Julie apenas, e se afastou, saindo do quarto.

Suspirou e pensou que aquele paciente seria difícil de aturar. Da sala dos enfermeiros da ala, ela pôde ouvir gritos de John. Em seguida, ele saiu batendo a porta. Julie foi correndo até a sala e encontrou Mary chorando ali.

– O que houve? – Perguntou.

– Ele ficou bravo porque eu neguei beijá-lo. – Disse Mary, em meio às lágrimas. – Faz tempo que estou negando nosso caso, e ele simplesmente não aceita isso.

Julie nada disse, apenas sentou-se do seu lado.

– Eu sei que sua vontade é dizer “eu te avisei”. – Continuou Mary. – Mas por favor, não diga isso.

Encostou sua cabeça no ombro de Julie e continuou a chorar.

* * * * * * * * * * * *

Mais alguns dias se passaram e o novo paciente continuava a observar a parede do seu quarto, sentado sobre sua cama, dia e noite. Ele não tinha colega de quarto, por isso a cama do seu lado permanecia vazia.

Ele não falava nada, não respondia às perguntas dos enfermeiros, mal comia e não dava passeios pelo jardim, como os outros pacientes. Era estranho, de certo modo, pois não era como os outros. Mas, por outro lado, era obediente e não era violento. Não demonstrava perigo. Parecia algum tipo de máquina que não tinha, ou apenas não demonstrava ter, sentimentos. Ele não tinha amigos ali dentro, como outros pacientes tinham, e, depois de poucos dias, ele começou a mostrar sinais de depressão.

– Mas quem não sofreria, preso em um lugar assim? – Perguntou Carter, enquanto os enfermeiros conversavam sobre isso em um certo dia.

Ele estava certo, Julie pensou. Duvidava que com ela seria diferente.

Curiosos, os enfermeiros descobriram que Andrew Feller havia sido internado contra a sua vontade pelo governo de Kentucky, e que vivia sozinho em sua casa antes disso. Ninguém sabia ao certo o motivo de ele ter sido internado, e aquilo fazia com que a curiosidade de Julie crescesse cada vez mais. Em sua ficha constava apenas que ele era instável, tinha comportamentos estranhos, violentos e “fora do padrão”. Julie não sabia ao certo o que aquilo significava, e perguntas perturbavam o Dr. Hoffman. Portanto, ela não perguntava.

Apesar de tudo, ela sabia que todas as histórias tinham duas ou mais versões, e nada mais justo do que ouvir a versão do paciente. Mas ele nunca falava nada, nem respondia a questionamentos, e Julie nem ao menos sabia como era sua voz.

Sabia apenas o que seus olhos diziam.

No dia em que Andrew estava completando uma semana em Waverly Hills, Julie estava trocando sua roupa de cama enquanto ele sentava no outro leito, olhando para a parede do outro lado do quarto.

Aquela cena parecia cômica. Andrew parecia uma criança. Julie

começou a se questionar mentalmente sobre a situação mental dele, e, perdida em pensamentos, trocando a roupa de cama dele, ela pensou que talvez ele nem ao menos sabia falar.

Quando uma voz masculina ecoou pelo quarto.

– Você sabe, quando você é novo em algum lugar, você pode ser quem quiser.

Foram as primeiras palavras dele, vindas do nada. Julie se assustou e parou de arrumar a cama dele, ficando reta e olhando para ele, com uma das mãos no peito, devido ao susto. Ele ainda encarava a parede em frente à ele, de costas para ela.

Ele nunca havia dito nada e ela olhou ao redor por um momento, questionando-se mentalmente se aquela frase havia mesmo vindo dele.

– Como é? – Ela perguntou, achando que estava ouvindo coisas.

– Quando você é novo. – Repetiu ele. – Como eu sou aqui. Quando as pessoas não te conhecem, você pode ser quem você quiser.

Ela não sabia ao certo o que responder, ou o que ele queria dizer com aquilo. Estaria ele delirando?

– Acredito que sim, Sr. Feller. – Disse ela apenas, e continuou a arrumar a cama dele.

– Você não precisa me chamar assim. Pode me chamar de Andrew.

– Está bem. – Não deu importância, e acabou de arrumar a cama.

Pegou os lençóis sujos e foi saindo do quarto, quando ele a interrompeu.

– Não sei ainda como posso chamar você. – Disse ele, e agora olhou para ela, finalmente.

Aqueles olhos azuis. Tão diferentes dos olhos sem emoção, profundidade ou brilho que Julie via naquele hospital. Aqueles olhos tinham vida, esperança de algum modo. Coisa que os olhos dos outros pacientes não tinha. Naquele momento ela percebeu que não era apenas seu comportamento que era diferente dos outros. Tudo nele era diferente. Ele parecia ser uma pessoa saudável, viva, e talvez algum dia havia sido feliz.

Mas as aparências enganavam e ela pretendia seguir o conselho de Mary em não se apegar a ninguém.

– Pode me chamar de Julie. – Disse ela por fim, sorrindo.

Ele assentiu, e em seguida tornou a olhar para a parede. Ela saiu do quarto fechando a porta atrás de si. Estaria ele interessado em conversar com Julie? Por que ela era a única que os pacientes se sentiam confortáveis para conversar, afinal?

Ela deveria ter uma espécie de inocência e bondade que os pacientes enxergavam e confiavam nela. Ninguém mais parecia ser tão paciente ou cuidadoso com os internos além dela. E ela sabia disso.

Desceu as escadas com uma cesta cheia de lençóis nas mãos, e, quando chegou ao quarto andar, pensou ter ouvido risadas familiares.

Entrou no quarto andar, e a porta do quarto 418 se fechou de repente. Julie suspirou e tornou a descer as escadas. Não se aproximaria daquele quarto novamente.

* * * * * * *
* * * *

Durante os dias seguintes, Julie pôde perceber que, devido ao tédio do Dr. Hoffman, cada vez mais pacientes da ala psiquiátrica eram submetidos a hidroterapias, sedativos, eletroterapia e cirurgias sem necessidade. Até mesmo Andrew Feller, que nunca demonstrou um sinal sequer de contradição, era punido pelo doutor e pelos enfermeiros. Eram punições leves, como hidroterapia e sedativos, mas para Andrew, que era novo ali, era um castigo.

Julie odiava ter que ver aquelas injustiças acontecendo no hospital, apesar de não poder fazer nada para mudar aquilo.

Durante aqueles dias, Julie o dizia o quanto era contra aqueles métodos de Waverly Hills, e ele entendia que ela só seguia ordens ali. Eles trocavam poucas palavras um com o outro, até que Julie finalmente teve a coragem de

perguntá-lo sobre o motivo de ele estar internado ali.

Ela lembrava do sussurro que ele havia dado quando ouviu sua pergunta.

– Você não entenderia se eu te contasse. – Disse ele por fim.

– Tente. – Insistiu ela.

Ele a olhou fundo nos olhos, e em seguida começou a falar.

– O governo me internou aqui. A partir da visão deles, meu comportamento e minha natureza eram vistos como uma ameaça perante à sociedade. Eu me neguei a viver como me era imposto, e agora estou aqui.

Julie não entendeu. Como ele disse que ela não entenderia. Por um momento ela acreditou que ele era mentalmente perturbado, mas insistiu em tentar compreender o que ele queria dizer, mesmo assim.

– O que quer dizer com “viver como lhe era imposto”?

– Bem, eu morava sozinho, certo? Sem pais, sem esposa, sem filhos. Mas da minha maneira. Do jeito que eu me via feliz. E isso só eu podia me fazer... sabe, feliz.

Julie deu de ombros, questionando-se por que aquilo era um motivo para internar alguém.

– E qual é o problema em viver assim?

– O problema, Julie, era que eu me envolvia com as moças da cidade. Com filhas de pessoas importantes, com mulheres de pessoas importantes. E minha intenção nunca foi se casar com ninguém, e nunca falei isso à elas. Acontece que elas nunca aceitaram isso muito bem, nem ninguém daquela cidade. Eu não trabalhava para alguma empresa importante, eu era autônomo e vivia dos serviços que eu prestava, ou das frutas que eu colhia. Não dirijo carros. Eu tinha um estilo de vida que ninguém aceitava muito bem, e olhavam para mim como se eu fosse uma bruxa, um maluco ou algo assim.

Julie engoliu em seco. Não sabia o que dizer. Andrew continuou.

– Por que devemos seguir o que nos é imposto, desde que nascemos? Por que somos obrigados a viver uma vida medíocre? Uma vida cheia de regras. Desde que você nasce, esperam que você deve crescer de uma determinada

maneira, se casar, ter filhos, ter um bom emprego para encher os bolsos dos patrões e pagar impostos para encher o bolso dos políticos corruptos. É assim mesmo que você quer viver a vida, Srta. Hasherfield? Você é realmente feliz?

Julie permanceu em silêncio enquanto olhava para ele, e não soube responder. Nunca havia pensado daquela maneira.

– O governo nos oculta muitas informações. – Continuou ele. Ele falava rapidamente agora. Parecia ser alguém totalmente diferente daquela pessoa que ele era quando entrou em Waverly Hills. Julie achava que eram os tratamentos do hospital fazendo efeito em seu cérebro. – Eles nos vêem como peças, montantes de dinheiro. A cura do câncer não existe porque eles lucram com remédios para a doença. Drogas não são legalizadas porque o dinheiro ilegal os movimenta. Corrupção, mentiras, morte. É disso que estamos cercados e é isso que nos governa. Talvez eles até mesmo saibam a cura para a tuberculose mas não querem nos dizer.

Ele se levantou da cama, aonde estava sentado, e foi em direção à ela com passos lentos, enquanto ela olhava para ele assustada, em pé em frente à porta do quarto.

– Você é louco.

– Sou? Quem é realmente louco nesse mundo? Nós? Ou quem está lá fora em liberdade, seguindo o que outros os falam para seguir, fazendo o que os outros os mandam fazer, sentindo o que os outros os mandam sentir? Quem é a sociedade afinal, para nos dizer o que devemos fazer e como nos comportar todos os dias? Ou loucas são as pessoas lá fora, fazendo exatamente o que o sistema quer que elas façam?

– Ao menos elas estão em liberdade, e você está aqui.

– Se aquilo é liberdade, não quero ser livre. Muito obrigado. – Tornou a se sentar na cama, de costas para ela novamente. A conversa para ele tinha terminado. Julie suspirou e deu de ombros.

– E você prefere ser livre aqui dentro, então? Faça o que achar melhor. – Ela disse, saindo da sala e fechando a porta atrás de si.

Ele havia passado o resto daquele dia sentado em seu quarto, encarando a parede enquanto a raiva crescia dentro dele. Julie achou melhor dá-lo um tempo e não conversar mais com ele durante alguns dias.

O Dr. Hoffman notou o sentimento raivoso dele e o submeteu a mais tratamentos desnecessários, apenas para divertimento próprio.

No fim da segunda semana que Andrew estava ali, depois de uma hidroterapia, o paciente voltou ao quarto e começou a simplesmente perder o controle. Levantou a cama e jogou-a longe, chutou e socou as paredes, quebrou algumas coisas do seu quarto. Quando os enfermeiros foram até ele para impedi-lo, ele agrediu Steve, foi segurado por Carter e em seguida o Dr. Hoffman entrou em seu quarto, dando a ordem para que ele fosse mandado imediatamente à sala de eletroterapia, pois a partir daquele momento, ele era considerado alguém perigoso.

Andrew cuspiu no rosto do Dr. Hoffman naquele momento, e assim, John olhou para Carter e falou para usarem uma potência maior devido àquele incidente. Assim, Andrew foi levado e submetido a eletrochoques enquanto John ria.

De volta ao seu quarto, Julie foi ver como ele estava, visivelmente preocupada, e ficou com ele até que se sentisse melhor. Sentou-se ao seu lado enquanto Dr. Hoffman a dizia que aquilo era perda de tempo, e leu para ele enquanto ele recuperava seus sentidos. O seu livro de Edgar Allan Poe era o único que ela tinha consigo, e ele serviu.

No fim do dia, ela teve que voltar ao seu quarto, mas não antes de ouvir um “obrigado” vindo de Andrew.

Foi o primeiro agradecimento que ela havia ouvido desde que havia começado a trabalhar na ala psiquiátrica.

* * * * * * *

* * * *

Durante as semanas seguintes, Andrew começou a chamar a atenção de Julie pela sua maneira de viver a vida e sua visão e questionamentos a respeito das coisas mais banais. Ele sempre começava um assunto com ela, por mais que ela tentasse evitar. Era como se ela abrisse caminho para isso.

Mas ela não o impedia de demonstrar seu ponto de vista. Apesar de tudo, ele a distraía dos absurdos que aconteciam ali. Ele a fazia pensar nas coisas de diferentes formas, e ela não reclamava disso. Ela gostava de ter outras visões a respeito de tudo.

– O mundo é impírico, Julie. – Havia ele dito uma vez. – Fazemos as coisas de um modo que vemos os nossos antepassados fazendo, mas nunca nos questionamos o motivo disso. Sabe, é como a históriada panela. Minha mãe sempre cortava as bordas da carne antes de colocar dentro da panela. Quando a questionamos o motivo de ela fazer isso, ela disse que fazia porque a mãe dela fazia. E, quando questionamos nossa avó, ela disse que fazia isso porque a panela dela era pequena. Mas minha mãe cresceu a vendo fazendo aquilo e também fez, sem questionar. Temos que começar a questionar, Julie. E quando eu ousei fazer questionamentos sobre diversas coisas, vim parar aqui. Questionei sobre as várias maneiras de viver, e fui visto como um monstro.

Andrew vivia de um jeito estranho contra o sistema político e capitalista, e assim, começou a mudar a visão de Julie a respeito da vida. Depois de alguns dias, ela acabou querendo cuidar dele, criando motivos e desculpas para ir cada vez mais ao seu quarto, pois a cada encontro, era uma nova descoberta.

Certo dia ela o havia convencido a dar uma volta no jardim, para pegar sol, e ele concordou em sair do seu quarto finalmente. Talvez fosse bom ver algo a mais além da parede. Sentados em um dos bancos do jardim, conversavam sobre diversas coisas, e Julie começou a compreendê-lo de um jeito que ninguém mais compreenderia. Falavam sobre as coisas mais absurdas que Julie nunca pensou que teria coragem de falar com alguém. E, ao longo dos dias, Andrew e Julie ficaram amigos.

Ela se lembrou das palavras de Mary, que havia repetido diversas vezes:

“Não se apegue a ninguém.” Mas aquilo parecia ser uma necessidade dela. Parecia que ela não se sentia completa se não conversasse com as pessoas que estava em seu meio.

– Você já parou para pensar que todas as pessoas que passam pelas nossas vidas têm uma história? Pessoas com quem passamos horas conversando ou pessoas que simplesmente trocamos olhares na rua. Pessoas da fila do supermercado. Pessoas que percebemos tomando café em um restaurante ou que conhecemos na fila do banco. Pessoas que te fazem alguma gentileza. Pessoas em que você nunca trocou uma palavra sequer. Cada uma tem uma história por trás do seu sorriso ou dos seus olhos marejados. Essas pessoas talvez possuam filhos, pais, famílias, problemas, segredos. Você nunca sabe o que passa pelas suas mentes, qual é o seu passado. Você apenas as julga com o olhar, ignorando seus motivos. – Ele a havia dito uma vez.

E, mesmo sem perceber, ela concordava com aquilo. Ela nunca havia pensado sobre isso ou traduzido aquele sentimento em palavras, mas era exatamente assim que se sentia. Todos tinham histórias, todos tinham um passado. Todos tinham um motivo para algo. E talvez, saber desses motivos a ajudaria a entender melhor as pessoas.

Entender sobre os pacientes indigentes, que ninguém queria saber, mas que tinham um passado. O Sr. Goodwin era um ótimo exemplo disso. O fato de Mary gostar tanto de homens idiotas tinha a ver com sua necessidade de atenção. O fato do Dr. Hoffman se comportar daquele jeito tinha a ver como o jeito que ele era tratado e visto como um Deus. O fato do Dr. Cottons sempre esteve atrás da cura da tuberculose. O fato de Timmy ser tão tímido e recluso. O fato de Anne ter escolhido cometer suicídio. O fato do seu irmão também. O fato do seu pai ser tão orgulhoso e sua mãe estar aguentando tanta coisa.

Parecia que finalmente ali, conversando com Andrew, a ala psiquiátrica seria algo de bom acontecendo em sua vida. Era uma excitação nova na vida de Julie, o que estava faltando. Começou a se questionar o que era certo e o que era errado perante àquela sociedade e por quê.

Ele a havia explicado sobre sua criação e como seus pais não aceitavam sua maneira de pensar. Ele falou sobre sua infância, suas dúvidas na puberdade e como começou a se questionar a respeito da vida. Ele a falou sobre tudo o que ela queria saber e até mais do que ela o perguntava.

E, naquele dia de sol, sentado em meio ao jardim em um banco de madeira, Andrew a explicou afinal o motivo verdadeiro de estar ali.

– Eu ocultei alguns fatos quando você me perguntou da razão da minha internação.

Julie estremeceu. Por um momento pensou que ele a diria que cometeu algum assassinato ou algo tão sério quanto. Ela o olhou fundo em seus olhos azuis.

– Eu tinha um relacionamento com duas mulheres ao mesmo tempo. E elas viviam comigo. – Ele disse. – Eu não morava sozinho. Apenas ocultaram essa informação para poupar suas identidades.

Julie se aliviou por um momento, mas em seguida questionou-se sobre aquilo.

– O que houve com elas? – Perguntou por fim, sem saber ao certo o que dizer primeiro.

– Uma era filha de um dono de uma grande empresa da cidade e abafaram o caso. Ninguém sabe sobre ela. A outra não teve a mesma sorte e foi enviada para outro hospital psiquiátrico. Não queriam que continuássemos juntos, nem mesmo aqui.

– Oh, lamento. – Disse Julie apenas, e em seguida, olhou para frente, desviando seu olhar do dele. Não sabia ao certo o que pensar sobre aquilo.

Ele continuou olhando-a, e em seguida deu um sorriso tímido.

– Você está me julgando.

– Eu não disse nada, Sr. Feller.

– Mas está pensando. Reconheço esse olhar. O mesmo olhar de muitos.

Julie suspirou e decidiu ceder.

– Desculpe se não consigo controlar minhas emoções. – Disse ela, por

fim. – Mas é que... bem... eu não acho isso normal, entende? Eu não consigo entender como é possível amar a duas pessoas ao mesmo tempo. Não consigo. Não é possível. Sabe, eu sempre achei que, se você ama alguém e em seguida se apaixona por outra pessoa, é porque nunca amou a primeira. Isso não existe.

Ele sorriu de uma maneira simpática. Não achava que ela era ignorante, apenas tinha a mesma visão do que muitas pessoas a respeito da vida porque aquilo havia sido imposto à ela desde que nasceu.

– Só porque isso não acontece com você, não quer dizer que não aconteça com os outros. Não quer dizer que não exista. Só porque você nunca se apaixonou por duas pessoas não quer dizer que isso não tenha acontecido com outros. Só porque você não sente atração por pessoas do mesmo sexo não quer dizer que ninguém sinta. As pessoas devem mesmo ser punidas pelo que elas sentem, pelo que elas acreditam? Devem mesmo ser punidas pela sua natureza, pela sua felicidade? É pedir demais ser livre, afinal? Por que somos tratados como anormais sendo que estamos fazendo apenas o que nos faz feliz? – Suspirou, e olhou para suas mãos. – Por que as pessoas se importam tanto com o que fazemos das nossas vidas? Quem são elas para julgar o que é errado?

Ele tinha razão, e Julie ficou sem palavras por um momento. Pensou naquilo por alguns minutos até perceber que talvez ele estivesse certo. Não tinha resposta ára todas aquelas perguntas.

– Desculpe. – Disse ela por fim. – Você está certo. É como você disse uma vez, o mundo é impírico, certo? Fui criada de uma maneira muito conservadora e pra mim é um pouco difícil... aceitar certas coisas.

– Você começa a entender um dia na sua vida que o mundo é hipócrita. – Continuou ele. – As pessoas que nos julgam são aquelas que gostariam de ter a coragem de fazer o que fazemos, de estar no nosso lugar. Os tradicionais estão lá, apontando os dedos para nós, nos julgando seres humanos horríveis enquanto eles abandonam suas famílias e fogem com amantes. Eles estão lá, espalhando mensagens de ódio contra os homossexuais, mas muitas vezes dão graças a Deus quando suas mulheres vão às compras para que possam vestir as roupas delas.

Naquele momento, Julie pensou em seu pai, e na maneira como ele sempre condenou homossexuais e como aquilo era errado para uma família tradicional. Mas nunca admitiu que errou quando traiu sua mãe. Era como se aquele fosse um direito dele, levando em consideração que era ele quem sustentava a família.

Ás vezes Julie pensava que seu irmão havia cometido suicídio por ser homossexual e ter medo de contar à família ou à sociedade. Talvez o pensamento do seu pai o havia levado àquilo. Mas ela nunca se deixou pensar sobre isso, achando que esse motivo mancharia a sua família.

– Sabe, eu mataria por um cigarro agora. – Disse ele por fim, quebrando o silêncio que ficou entre os dois.

Julie olhou para ele e sorriu sem graça sem mostrar os dentes. Nem ao menos havia entendido o que ele havia dito, mas ele não se importou. Sabia que cigarros eram contra as regras, apenas quis quebrar o silêncio entre eles de alguma forma, e aquilo havia sido a primeira coisa que havia vindo em sua cabeça.

– Srta. Hasherfield, eu vejo que você sabe tanto sobre mim, mas eu não sei nada sobre você.

Julie deu um sorriso sem graça.

– Não sei se vai querer saber sobre mim.

– Oh, não me venha com essa... me diga algo sobre você. De onde vem? Como é sua família? Tem irmãos? Marido? Dinheiro?

Ela sorriu. Se tivesse dinheiro, nem ao menos estaria em Waverly Hills.

Olhou para ele e tentou resumir sua história.

– Bem, eu venho de Ohio. Minha família é incrivelmente tradicional, meu pai perdeu o emprego na crise de 1929 e ainda não conseguiu se reestabelecer. As coisas estavam difíceis, por isso consegui esse emprego e vim para cá. Estou sustentando eles desde então. Não sou casada, Sr. Feller, tenho apenas 19 anos. Completarei 20 este ano, no verão. E quanto aos irmãos... bem, eu tinha um irmão. Ele cometeu suicídio quando eu tinha 12 anos. – Seus olhos

se encheram de lágrimas e sua voz mudou ao pronunciar aquelas palavras.

Andrew entristeceu-se por ela.

– Não fique assim. – Levou uma das mãos à perna dela como em um consolo gentil. – Temos que respeitar seu desejo, certo? Ele deve estar mais feliz agora.

– Meu pai sempre disse que meu irmão foi covarde de ter feito o que fez. De ter desistido da vida antes mesmo de começar. Ele tinha 18 anos, pelo amor de Deus.

Andrew suspirou, olhando para ela enquanto ela chorava. Era a primeira pessoa que não a olhava com pena depois de saber aquela história.

– Eu não acho que o suicídio seja um ato de covardia. Muito pelo contrário, acho que seja um ato de coragem. Ir contra tudo e todos porque continuar nesse mundo não te faz bem. Você não sofre com a sua morte. Quem sofre são os outros. E é neles que se deve pensar.

Julie secou as lágrimas com as mangas da camisa.

– Por isso meu pai diz que suicídio é egoísmo. Quem se mata não pensa nos outros em sua volta.

– Egoísmo da parte de quem? Do suicida? Ou de vocês, por não aceitarem a vontade dele?

Julie ficou calada por um momento. Não sabia ao certo o que responder, mas enfim lembrou do que sua mãe tinha a dizer sobre isso.

– Minha mãe sempre disse que na Bíblia, Deus condena os suicidas.

– A Bíblia é feita de interpretações, e ninguém te ensina como interpretar, apenas te falam a interpretação pronta. Você não percebe? Eles te falam no que acreditar, e te corrompem desde cedo.

– Você e essas histórias... – Disse ela, quase rindo, balançando sua cabeça em sinal negativo.

– Não deveríamos julgar ninguém pelas suas escolhas. Eu posso dizer isso melhor do que ninguém. O mundo seria um lugar melhor se cada um cuidasse do seu próprio espaço individual, não é mesmo?

Ela assentiu, mesmo sem perceber.

– Somos humanos. – Ele continuou. – E qual a definição disso, se cada vez nos tornamos menos humanos?

Ela o olhou com dúvida. Seus olhos se cruzaram por um momento e ele retirou a mão dele de sua perna, com medo de que estivesse sendo inconveniente. Desviou o olhar em seguida, mas ela o continuou observando. Ele tinha razão, tudo o que ele dizia fazia sentido. Tinha medo de que ela tivesse sido corrompida durante toda a sua vida mas nunca havia percebido isso.

O horário do banho de sol havia acabado e eles entraram no hospital, sendo chamados por Carter. Julie acompanhou os pacientes até o quinto andar, e Andrew foi ao seu quarto sem dizer mais nada.

Julie olhou para o bosque do corredor do quinto andar, e lembrou da idosa que sempre via dali. Ela nunca mais apareceu.

* * * * * * * * * * * *

Era verão. A barriga de Mary agora estava difícil de ser escondida, ainda mais de Julie, que dividia o quarto com ela. Ela entrou no quarto em meio da noite, depois de ter ido ao banheiro vomitar. Aquela gravidez estava difícil de suportar.

Julie acordou, ligou o abajur e olhou para Mary, indo para a cama.

– Mary? – Disse Julie, acordando com os olhos pequenos. – O que foi?

– Nada... só fui ao banheiro. – Respondeu ela, indo direto para a cama, sem nem ao menos olhar para Julie.

– Mary, eu sei que algo está acontecendo. – Disse Julie, agora sentada na cama.

Mary sentou-se na cama dela, e suspirou. Enfim tinha que contar para alguém. Precisava de apoio de alguém, saber o que iria fazer. E ninguém melhor para isso do que Julie. Ela compreenderia. E, mesmo se não compreendesse, não

diria nada que piorasse a situação emocional de Mary.

Aquela era a melhor qualidade de Julie. Saber o que dizer na hora certa. Mostrar que compreendia.

– Eu... Eu estou grávida de John. – Disse rapidamente, como se estivesse arrancando um curativo com força. Em seguida, desabou-se a chorar.

Julie ficou boquiaberta por alguns instantes e em seguida saiu da sua cama e foi ao encontro de Mary, oferecando seu ombro para ela chorar. Mary molhava seu pijama enquanto Julie a abraçava e pedia para que ela se acalmasse.

– Há quanto tempo?

– Quatro meses, se contar há quanto tempo eu não mentruo mais. – Respondeu. – E eu não sei o que fazer, Julie. Estou negando continuar com ele para que ele não perceba. Mas as coisas só estão piorando entre nós.

– Ele não sabe?

– Oh não. Jamais terei coragem de contar à ele.

– Mary, você tem que contar.

– Não Julie, por favor. Você conhece o Dr. Hoffman. Tenho medo da atitude dele.

– O que pretende fazer, então? Daqui a pouco será impossível esconder por mais tempo...

– Oh não sei. Estou perdida, meu pai vai me matar se descobrir que eu engravidei sem ter casado. – Exclamava Mary em meio às lágrimas, com uma voz rouca e aguda ao mesmo tempo. Olhou para a amiga com um gesto de desespero. – Julie, o que eu vou fazer?

Agora ela chorava incontrolavelmente, enquanto Julie tentava pensar em alguma saída. Mas estava totalmente sem ter como ajudá-la.

Mary tossiu algumas vezes em meio às lágrimas.

– Acalme-se. Tudo vai ficar bem. – Foi tudo o que pôde dizer, mesmo sem ter certeza disso.

* * * * * * *

* * * *

Julie estava tomando seu café da manhã na manhã seguinte, quando Mary se queixou de enjôos matinais.

– Há remédios para enjôos na enfermaria lá de cima. – Disse Julie. Ela estava sendo superprotetora com a amiga desde que ela contou que estava grávida.

– Oh não quero incomodar, Julie.

– Não é nada. – Disse ela. – Já volto, fique aqui.

Julie então saiu da cozinha e subiu as escadas até o quinto andar. Foi andando em direção à enfermaria, ao lado da sala dos enfermeiros, quando ouviu alguns barulhos estranhos vindos do quarto de Margot.

Eram barulhos de molas de uma cama se movendo e gritos abafados, como se estivessem sendo evitados. Julie correu até o quarto para saber o que estava acontecendo, seguindo o barulho.

Quando parou em frente à porta e olhou para dentro dela através da janelinha de vidro, pôde ver claramente o Dr. Hoffman estuprando a paciente, sobre a cama dela, enquanto ela tentava se soltar dos braços dele, chorando e tentando gritar com uma das mãos dele em frente à boca dela.

Julie não acreditou no que viu. Lembrou imediantamente das palavras de Andrew, “você vai entender que o mundo é hipócrita.” E era mesmo. John era a pessoa mais desprezível que ela já conheceu, que não admitia seus erros, e fazia coisas absurdas mas era visto como um médico exempar, marido bom e bem-sucedido.

Ficou petrificada por um instante e sentiu-se inútil. Não pôde fazer nada para ajudá-la, enquanto observava John com as calças abaixadas sobre o corpo seminu de Margot na cama, tão vulnerável, tão desesperada.

John olhou em direção à porta quando notou a presença de alguém ali. Imediatamente, Julie se abaixou, não ficando mais visível na janela a quem olhasse de dentro do quarto.

Respirava ofegante. John jamais poderia saber que ela havia visto aquilo. Ouviu passos vindos de dentro do quarto em direção à porta e ela não conseguiu pensar em nada a não ser sair dali, e foi correndo em direção à enfermaria, fechando a porta atrás de si.

John Hoffman abriu a porta do quarto de Margot e olhou ao redor no corredor. Não havia ninguém.

– Ralph? – Julie pôde ouvi-lo gritar. – Ainda não acabei, espere sua vez! – E em seguida, ele riu.

“Ralph o deixou entrar”

Então Julie ouviu a porta do quarto se fechando e passos se aproximando. Percebeu que ele estava indo em sua direção. Ela rapidamente procurou o remédio para enjôos, achou-o e pegou-o em mãos. Naquele instante, John abriu a porta da enfermaria.

– Julie? – Ele perguntou um pouco impressionado ao vê-la ali. – O que faz aqui?

– Eu vim... pegar um remédio para Mary, ela está passando mal hoje de manhã. – Respondeu de imediato.

Seu rosto ainda estava com uma expressão assustada.

– Posso ajudá-la com algo?

– Acredito que não, ela só espera o remédio. Estou levando para ela nesse momento...

Julie já ia saindo da sala quando John segurou-a pelo braço. Ela engoliu em seco e olhou para ele.

– Mary lhe falou alguma coisa?

– Alguma coisa?

– É. Alguma coisa... que você não deveria saber.

– Não senhor. – Disse rapidamente.

John continuou a olhá-la fundo nos olhos.

– E por acaso você viu... algo que não deveria ver?

Agora ele apertava o braço dela mais forte, e ela sentia dor.

– Não senhor.

– Ótimo. – Ele disse, soltando-a. – Por que vai preferir não saber mesmo.

Ela saiu rapidamente da enfermaria e foi correndo em direção às escadas sem olhar para trás. Ele permaneceu ali por um momento, até que ela saísse totalmente do seu campo de visão.

Julie ainda estava assustada e um pouco nervosa. Teria sido aquilo uma ameaça?

* * * * * * * * * * * *

Naquela tarde, Andrew pôde perceber claramente que Julie estava nervosa. Suas mãos tremiam e suas pernas ficavam inquietas todas as vezes que ela se sentava. Ela também falava menos do que o necessário, e não mantinha contato visual com quem falava.

Andrew percebeu e foi até ela, que estava sentada na sala dos enfermeiros, lendo um livro de Edgar Allan Poe, ou ao menos tentando ler. As grandes janelas de vidro da sala fazia com que fosse possível ver de fora para dentro e de dentro para fora.

Ela ficou de pé em frente ao vidro e observou-a, sentada em uma cadeira em frente à mesa da sala.

– Enfermeira Hasherfield, pode me acompanhar ao jardim? – Ele perguntou educadamente.

Ela olhou para ele, só assim notando sua presença ali.

– Desculpe Andrew, eu sou a única enfermeira na ala hoje. Mary está no jardim, ela pode te acompanhar. – Respondeu, e em seguida voltou seu olhar ao livro aberto sobre a mesa.

Ele então olhou ao redor, e percebeu que os corredores estavam quase desertos. Assim, entrou na sala dos enfermeiros.

– Sr. Feller, o senhor não pode ficar aqui. – Disse ela de imediato, se levantando.

– Só quero conversar com você. – Ele respondeu, puxando uma cadeira para perto dela e se sentando. – O que há de errado?

– Eu não posso te contar todo o tipo de coisas, você é um paciente.

– É assim que a sociedade me vê, e você faz o mesmo. Não sou tão digno de qualquer coisa por ser diferente, não é mesmo?

– Não é isso. – Disse ela, olhando ao redor. – É que eu sou funcionária aqui, e você é... você sabe. Há coisas que só pessoas autorizadas podem saber.

– Coisas que estão te incomodando a ponto de enlouquecer?

– Andrew, como você...

– Posso ver nos seus olhos, nas suas mãos, nas suas pernas. Posso sentir seu nervosismo do meu quarto. Você não está normal.

Ela suspirou.

– Como... Andrew, nós nos conhecemos há quanto tempo? Três semanas?

– E mesmo assim consigo notar melhor do que qualquer pessoa aqui que há algo de errado.

Julie suspirou. Afinal, ele estava certo. Não havia ninguém ali que ela podia confiar inteiramente. Alguém que a entendesse e não a julgasse. Alguém que não iria entregá-la na primeira oportunidade. Só seu diário fazia isso, mas ele apenas ouvia e aceitava palavras. Ele não respondia ou opinava, que era o que ela precisava naquele momento.

Precisava de alguém.

Julie se levantou e saiu da sala, indo em direção ao quarto de Andrew. Ele sorriu e foi atrás dela. Entraram no quarto e ele sentou-se em uma das camas. Dessa vez, de frente para ela. Ela fechou a porta e olhou através da janelinha de vidro, de um lado para o outro no corredor. Estava tudo tranquilo. A maioria dos pacientes estavam no jardim sendo supervisionados por Mary e Carter, enquanto o Dr. Hoffman e Steve estavam em cirurgia.

– Andrew. – Começou ela a falar, virando-se em direção à ele e indo em direção à outra cama, sentando-se em frente à ele. – O que vou te falar agora deve ser mantido em extremo sigilo. Você entende?

– Claro que sim.

– Estou falando sério. Eu sou a única que sei muitas coisas sobre esse lugar e ninguém acredita em mim. Ou enfim, fingem que não acreditam. E bem, Mary está passando por momentos difíceis e não quero atordoá-la com isso.

– Tudo bem. Pode falar. – Ele não parecia estar nervoso ou ansioso com nada. Falava com uma naturalidade estranha.

– Essa manhã eu subi aqui antes do horário e... bem, é um pouco difícil dizer isso porque não sei como reagir... mas eu vi o Dr. Hoffman tendo relações sexuais com uma das pacientes sem o consentimento dela. Quer dizer, mesmo que fosse com o consentimento dela seria contra as regras. Entende?

Ele não parecia estar impressionado.

– Julie, eu durmo aqui. Eu escuto coisas, desconfio de coisas. Eu vejo coisas.

Ela fez uma expressão de dúvida enquanto olhava para ele.

– Então você sabia disso?

– Todos daqui sabem de certas coisas estranhas que acontecem pelos corredores. Mas não falamos. Somos da ala psiquiátrica, somos tratados como loucos. Quem acreditaria em nós? São nossos superiores que nos fazem mal, as pessoas que deveriam cuidar de nós e nos proteger.

– Você sabe de mais coisas além disso?

Andrew deu de ombros.

– Só o que presencio, infelizmente.

Ela impressionou-se com seu tom de voz sereno. Era como se aquilo não o atingisse de nenhuma forma.

– Você não... como você não... sabe, como você não se preocupa com isso? Como essas coisas ainda te mantém são e calmo?

– Julie, você sabe disso melhor do que eu. As pessoas são ruins. As

pessoas são corrompidas, o poder as transforma.

– Mas... não... isso não está certo...

– A partir do momento que você aceita isso, vai ficar mais fácil de viver. Entende, as pessoas mais inteligentes são as mais tristes. A ignorância os torna felizes. É necessário fechar os olhos para certas coisas para não enlouquecer de verdade.

Era verdade. As pessoas inteligentes que sabiam das coisas eram as mais tristes. Seu irmão era muito inteligente. Seus pais eram ignorantes, e felizes antes de todas as dificuldades.

Ela suspirou ainda não sendo capaz de compreender a natureza humana, a maldade do Dr. Hoffman que não justificava seus atos.

– Mas como eles são capazes de serem tão ruins?

– Os seres humanos vão aprendendo a ser maus de acordo com a vida. A vida ensina isso: para ser melhor que os outros e conseguir ter sucesso na vida, é preciso não se importar com eles. Como você acha que o Dr. Hoffman ainda não enlouqueceu aqui?

– Desconfio que não é só o Dr. Hoffman que faz essas coisas ruins. Desconfio que Steve e Carter estão por trás disso também, assim como Ralph. E você pode me confirmar isso.

– Posso te confirmar o que presenciei. Você acreditar ou não é outra questão.

– Vou acreditar. Eu já desconfio, você apenas vai me confirmar o que eu já penso.

– Eu nunca vi Steve ou Carter fazendo algum mal para as pacientes, mas lhe garanto que os três conversam muito pelos corredores, cochichando. Você sabe, Steve, Carter e o Dr. Hoffman. Ralph apenas faz com que os pacientes estejam mais vulneráveis. Aceita dinheiro em troca das chaves dos quartos.

Julie estremeceu com aquela informação. Agora tudo fazia sentido. A porta de Beth que não havia sido arrombada, as pegadas, a amostra de sêmen em seu corpo e seu apelo desesperado: “Ralph o deixou entrar”.

O fato de que todas as pacientes desaparecidas no bosque eram mulheres da ala psiquiátrica, os arranhões nos braços de Steve, o fato de Carter conhecer tão bem o caminho do bosque. Os três estavam envolvidos naqueles casos de desaparecimentos das pacientes. Elas eram atraídas para o bosque, estupradas e mortas lá mesmo.

Não acreditaria naquela informação se não tivesse presenciado uma das cenas horríveis de estupro. E ninguém acreditaria nela, nem mesmo Mary que estava apaixonada pelo Dr. Hoffman e esperando um filho dele. Ela não tinha como provar.

Julie agora sentia seu sangue pulsando por todo o corpo enquanto ela olhava ao seu redor.

– Isso é caso de polícia, Andrew. Mas o problema é, como provar? Katia me disse que faz tempo que a polícia faz descaso desse lugar.

– Não se impressione com isso. O governo não se preocupa com a ética. Veja o que fizeram comigo.

– Com que eles se preocupam então, a não ser o que devem se preoupar?

– Dinheiro. É a única razão que move o mundo. Ninguém faz nada de graça. O altruísmo está instinto. E, você sabe, não me impressionaria se o Dr. Hoffman oferecesse dinheiro à polícia em troca desse descaso.

Aquilo a atingiu como uma bola de neve gelada em suas costas. Não podia acreditar na gravidade daquela situação.

– Temos que fazer alguma coisa.

– Está longe do nosso alcance. Está longe do seu, imagine do meu.

Julie estremeceu naquele momento. Ele estava certo.

Ouviu a porta do elevador se abrir e olhou pela janela da porta do quarto. Steve e John estavam voltando de uma cirurgia com o paciente na maca, e Julie saiu rapidamente do quarto, correndo em direção à sala dos enfermeiros.

Não percebeu se ela foi notada ou não, mas realmente tinha coisas piores para se preocupar.

* * * * * * *
* * * *

Nos dias seguintes, Julie conversava bastante com Andrew, mais do que deveria. Era sempre da mesma maneira. No jardim ou na ala psiquiátrica, Andrew sempre era capaz de arrancar sorrisos dela em meio a todo aquele sofrimento.

Ela se sentia de alguma forma segura com ele, pois ele falava de diversas coisas sem que parecesse ter medo. Ele parecia não se importar com nada realmente, como se nada o pudesse intimidar ou assustar. Era como se ele já tivesse atingido o fundo do poço mas não se importava com isso.

Ele era uma pessoa interessante e intrigante, e seus olhos azuis penetravam nos dela todas as vezes que ele falava. Era como se ele fosse a pessoa que realmente se importava com ela ali, e ouvir os seus problemas.

Não demorou muito até que ele soubesse de tudo da vida dela, e não a julgava. Assim como ela tentava não julgá-lo. De alguma forma era difícil entender seu estilo de vida, mas ele a ajudava a aceitar e entender. À noite, quando ela ficava sozinha com seus pensamentos, ela pensava nas conversas que eles tinham ao longo do dia, e pensava o quanto ele estava certo em pensar daquela maneira, contra tudo o que lhe era imposto.

Contra o sistema capitalista, contra a anarquia, contra a maneira hipócrita da sociedade em viver a vida.

– O capitalismo é criticado, mas ninguém tem uma idéia melhor. – Ele havia dito, uma vez. – O socialismo é injusto. É como uma sala de aula socialista, entende? Como se tivesse uma prova e os alunos que não estudaram tiraram zero e os alunos que estudaram tiraram dez. Para ser justo com todos, o professor vai dar 5 para todos. Mas isso é injusto com os que estudaram, que tiveram suas notas reduzidas para o bem comum. Na prova seguinte, ninguém vai estudar. Entende? As pessoas têm qualidades e necessidades diferentes. Einstein já dizia que todo mundo é um gênio, mas, se julgarmos um peixe pela

sua capacidade de subir em árvores, ele vai passar o resto da vida pensando que é um imbecil.

Julie olhou para as próprias mãos, ainda pensativa.

– O que seria a salvação do mundo, então? – Perguntou.

– A questão não é essa. A questão é: O que atrasa o mundo? O que nos impede de viver vidas perfeitas? É simples, se pararmos para analisar. Nossos conceitos impíricos, nossos pensamentos errôneos, a falta de capacidade que temos de entender que não precisamos viver da mesma maneira. Não precisamos de regras. A partir do momento em que vivemos da maneira que bem entendermos sem fazer mal para os outros... bem... é isso. Por que somos privados de tudo que nos dá prazer? Por que criticam nossa sexualidade? Drogas, casamento, bebidas, religião. Por que sempre nos condenam pelo prazer? Por que o prazer tem que ser algo ruim? Algo questionável?

– Bem, Andrew... Acredito que seja porque as pessoas pensam de diferentes maneiras.

– Que bom que pensam. Imagine se todos pensassem igual. Imagine um mundo com apenas uma religião, um tipo de governo, um tipo de música, um tipo de tudo que você conhece no mundo. Tudo seria igual. Não haveria questionamentos. Quem bom que as pessoas pensam diferente umas das outras. Mas se não houvesse julgamentos... eu não estaria aqui. O mundo seria um lugar melhor. Minha vida seria diferente.

– Mas, bem... algumas pessoas precisam de ajuda.

– Concordo com isso. Mas é possível perceber os limites entre a saúde e um estilo de vida. Entende? É possível.

Depois daquela conversa, o mundo foi visto com outros olhos por Julie. As pessoas que ela mais admirava antes agora pareciam tão ultrapassadas, tão erradas. O estilo de vida considerado perfeito parecia ser entediante, equivocado. A família tradicional se privava de tantas coisas, apenas porque aprenderam a viver assim, sem questionar. E queria que todos ao seu redor levassem a mesma vida hipócrita e mesquinha que eles levavam. Eles queriam que todos fossem

igualmente infelizes.

Ele a dava exemplos de pessoas que passaram pela sua vida e como o impactaram se alguma forma. Ela o havia falado sobre seu irmão e como ela se lembrava dele. Falava sobre seus pais tradicionais e preconceituosos, e como seu pai não aceitava que ela trabalhasse como enfermeira, mas não teve outra escolha depois das dificuldades.

Depois de dizê-lo tantas coisas, ele segurou seus ombros e olhou fundo em seus olhos.

– Julie, seu maior problema é viver buscando a aprovação dos seus pais para as coisas que você quer fazer. Como você acha que os meus pais lidaram com o fato de eu viver minha vida desse jeito? Nunca mais eu tive contato com eles. E se há algo que eu aprendi ao longo da minha curta vida, é não viver minha vida por outras pessoas. Pessoas que passam as próprias vidas sentadas em um sofá e julgando quem quer que passe por elas. No fim das contas, não importa o que você faça ou como viva sua vida. Você sempre será uma decepção para alguém. Então viva como quiser.

De alguma maneira ele estava certo, e aquilo a fez pensar. Não faria sentido ter uma família satisfeita e uma vida infeliz. Ela entendia o que ele queria dizer. Mesmo que ela seguisse exatamente o que seus pais sempre a disseram para fazer, no fim das contas ela seria uma decepção. Uma decepção por não conseguir ou não querer ter filhos. Uma decepção por não se casar com um homem rico. Uma decepção por não ter educado os filhos corretamente. Uma decepção por sentir atração por algumas pessoas. Uma decepção por ter se divorciado do marido. Uma decepção por ter cometido suicídio, como seu irmão. Qualquer decisão que ela tomasse ou o que quer que acontecesse com ela, ela seria uma decepção.

Ela suspirou.

– Você tem razão. Você não sabe como é meu pai. Ele é difícil de lidar. É impossível conseguir a aprovação dele. Ele faz do tipo durão, entende? Ele é mais racional do que emocional, e sempre criticou quem levava a emoção mais

em conta do que a razão. É como se a emoção não te levasse a nada. É o que ele sempre diz. Talvez as pessoas condenem o prazer, como você diz, porque o prazer não leva a nada.

Ele olhou para frente, protegendo seus olhos do sol.

– A criação dos meninos está incrivelmente errada, que desde cedo foram ensinados a não chorar e engolir seus sentimentos. São esses meninos, que depois viram homens, que sentem inveja e ódio de quem tem a coragem de expor seus sentimentos, de se assumir sentimental. De assumir o que os fazem ter prazer. É daí que surge o preconceito, das pessoas terem coragem de assumir o que você jamais teria coragem. Ninguém quer ser vítima de preconceito, mas todos o praticam da mesma maneira, mesmo sem se dar conta disso. É como sua expressão facial quando eu lhe conto sobre a minha história. Você não quer pensar assim, mas todos os conceitos, ensinamentos e exemplos que você teve desde a infância te fazem pensar assim. Seu pai deve ter sido criado assim, e provavelmente ele tentava criar o seu irmão dessa maneira. Ele deve ter te criado para pensar assim. Como você vê, o mundo é impírico.

Ela suspirou. Lembrou do irmão de novo. Seu corpo sendo retirado do teto, nos braços do pai. Lembrou de como ele era em vida, como era obrigado a engolir o choro todas as vezes que sentia vontade de chorar. “Homens não choram.” “Seja um homem.” “Pare com essas coisas de mulher...” era o que ele sempre ouvia.

Talvez eram essas atitudes que o levaram a fazer o que ele fez. Toda a sua inteligência foi engolida por uma depressão fruto dos padrões e das pressões que ele sofreu ao longo de sua vida.

– Sim. – Ela concordou. – Talvez seja isso que levou meu irmão a fazer o que ele fez. Se pendurar por uma corda pelo pescoço. Ele não deve ter tido noção de como seria as nossas vidas depois daquilo.

– A pessoa chega ao extremo do seu limite quando tira a própria vida. Para ele, deveria estar mais insuportável do que para vocês, agora.

Ela assentiu sem perceber. Disso ela poda ter certeza.

Na manhã seguinte àquela conversa, o Dr. Hoffman estava entediado e mandou Andrew ser submetido a uma hidroterapia. Julie tentou evitar mas não havia nada que ela pudesse fazer. Então, se ofereceu para acompanhá-lo na sala de hidroterapia, e o fez.

Ele estava deitado na banheira, sem reclamar, enquanto Julie fazia anotações em seu diário, que levou consigo para passar o tempo. As sessões de hidroterapia costumavam ser longas e ela já havia lido seu livro algumas vezes ao longo daqueles meses.

“Um sorriso no caos.

Somos impedidos de sonhar em nossas falhas

Rastejando, pés e mãos atadas

Eu não quero começar tudo de novo.”

Ela pensava que ele estava dormindo e não perceberia. Mas ele a olhou por um instante e notou que ela estava concentrada, escrevendo rapidamente com uma caneta.

– O que você está fazendo? – Ele perguntou.

Ela se assustou com a voz dele e olhou-o um pouco sem graça. Ninguém de Waverly Hills sabia que ela escrevia de vez em quando em seu diário secreto. Que idiota ela havia sido em levá-lo para o trabalho aquele dia. Mas sabia que a tarde seria longa quando se ofereceu a acompanhá-lo na hidroterapia, e sentia-se inspirada de alguma forma naquela tarde.

– Eu... escrevo coisas. – Respondeu, sem graça. Não teria tempo ou criatividade para inventar alguma coisa.

– Você escreve coisas? – Ele perguntou, repetindo sua resposta. Disso ele não sabia.

– É. Poemas, esse tipo de coisa… Coisas que vêm na minha cabeça. Sentimentos idiotas. Não tem importância.

Ela fechou o diário, envergonhada. Continuaria a escrever mais tarde.

– Como não tem importância? Não se menospreze assim.

– Não acho que eles sejam tão bons quanto de Edgar Allan Poe ou...

enfim. Não sinto segurança neles.

– Talvez não sejam melhores, mesmo. Mas são melhores do que de outras pessoas que te admiram. Nunca tente ser a melhor. Tente sempre melhorar.

Ela sorriu lentamente em sua direção, apreciando aquelas palavras.

Assim, ele olhou para frente e não disseram mais nada. Foi naquele momento que Julie sentiu algo estranho no peito. Uma vontade quase insuportável de abraçá-lo. Um sentimento que ela não sabia dizer se era bom ou ruim, uma dor ou uma cócega, e ela sentiu borboletas voando em seu estômago.

“Pelo amor de Deus, que não seja amor.” Pensou ela, abrindo seu diário novamente. Sentiu segurança em fazê-lo, e em seguida tornou a escrever.

* * * * * * *
* * * *

Julie estava na sala dos enfermeiros no final do dia, quase indo para seu quarto, quando Steve chegou ao seu encontro. Ela estava arrumando alguns papéis na mesa da sala, quase terminando.

Fazia tempo que Julie não olhava mais para ele da maneira que olhava no começo, e, depois do que descobriu sobre ele, sempre tentou evitar contato visual.

– Hey, Julie. – Disse ele, se aproximando.

Ela apenas sorriu sem graça sem mostrar os dentes, continuando a mexer nos papéis.

– Quer ajuda com isso? – Perguntou ele, em uma tentativa falha de ser gentil.

– Não, obrigada. Pode deixar, estou quase acabando.

Ele assentiu, mas permaneceu ali ao seu lado, como se quisesse falar alguma coisa. Julie olhou para ele.

– O que foi, Steve? – Perguntou ela com um tom de impaciência.

– Eu queria saber... sabe, se você não gostaria de ir até o meu quarto hoje. Carter pode ir fazer outra coisa, e nós podemos ficar sozinhos. Conversar, você sabe.

Ela ainda o olhava sem entender.

– Desculpe, Steve. – Respondeu ela apenas, continuando a mexer nos papéis.

– O que quer dizer?

– Quero dizer não.

Ele fez a expressão facial de quem nunca havia levado um não na vida, e em seguida voltou a falar.

– Mas... Julie, Mary me disse que...

– Mary não tem o direito de falar nada a você a meu respeito. Além do mais, ela não sabe de nada sobre mim que lhe interesse.

– Eu me interesso... – Dizia ele, levando agora suas mãos aos ombros dela.

– Steve, por favor. Não insista. – Ela disse, tirando as mãos dele dos seus ombros.

Ele enraiveceu naquele momento. Julie pôde ver na sua expressão facial.

– Então o que você espera, hein? Espera ficar solteira pelo resto da vida negando ao único que tem interesse em você?

Julie riu.

– Pense o que quiser, Steve. – Terminou de arrumar a mesa e já ia pegando seu casaco perto da porta, quando ele a puxou pelo braço.

– Você deve estar se achando muito superior, não é mesmo?

– Não, eu só não quero sair com você. Me solte.

– Ninguém me diz não.

– Tudo tem sua primeira vez, não é mesmo?

Ela se soltou das mãos dele e saiu rapidamente da sala, se afastando enquanto ele gritava atrás dela.

– Você acha que um doente mental é melhor do que eu? Você realmente

prefere passar seus dias conversando com um lunático do que comigo? Vá se fuder, Julie!

Naquele momento ela entrou nas escadas sem olhar para trás, e ele chutou a porta da sala dos enfermeiros, com raiva.

* * * * * * *
* * * *

Era dia seguinte e Mary tinha tomado uma decisão, sozinha. Estava na sala dos enfermeiros do quinto andar com uma das mãos na barriga, no horário do almoço, e havia chamado John para conversar.

Ele entrou na sala depois de alguns minutos.

– O que aconteceu, Mary?

– Perguntou ele.

Mary foi direto ao assunto.

– Há algo que eu tenho que te contar.

Ele engoliu em seco enquanto olhava nos olhos dela, esperando o que quer que ela quisesse dizer.

– Eu estou grávida. – Disse ela por fim, rapidamente, querendo que tudo aquilo acabasse logo. Talvez houvesse dito aquilo com ainda mais rapidez do que quando contou à Julie.

– O que? Não pode ser verdade. – Ele respondeu sem pensar.

Não era a reação que ela estava esperando. Mesmo assim, ela levantou a camisa do uniforme por um momento, mostrando-lhe sua barriga nua. Era evidente que era verdade. Fez isso para poupar tempo de discussão, pois os enfermeiros já iam subir à ala para trabalhar.

John olhou para sua barriga nua e em seguida olhou em seus olhos.

– Não tenho como saber se é meu.

– Pelo amor de Deus, John. Você sabe que é seu.

Ela começou a chorar silenciosamente, e tornou a arrumar seu uniforme.

– Podemos dar um jeito nisso. – Disse ele, para a surpresa de Mary.

Ela olhou para ele assustada.

– O que quer dizer?

– Você sabe. Nunca fiz isso antes, mas creio que posso tirá-lo.

Ela sentiu como se estivesse sem chão naquele momento. De tudo que ela podia esperar dele, não pensava que ele pudesse dizer aquilo.

– Tirar o meu bebê? Você está louco?

– Tem uma ideia melhor?

– John, eu não vou tirar o meu bebê.

– O que quer fazer então, Mary? Pelo amor de Deus.

Ela respirou fundo. O momento difícil havia chegado.

– É simples. Quero que você se separe da sua esposa. – Respondeu ela. – Como você disse desde o começo que você faria.

– Você está louca?

– Você prometeu.

Ele deu uma risadinha sem graça e sarcástica.

– Ah, e o que espera que eu faça em seguida? Me case com você?

Mary não disse nada. Desviou seu olhar para o chão. Era exatamente isso o que ela queria, e ele pôde perceber em sua expressão. Não podia dizer aos seus pais que estava grávida de um filho bastardo.

John Hoffman começou a rir histericamente, curvando seu corpo.

– Mary, você está louca.

Ela respirou pesado enquanto olhava para ele agora. Estava enfurecida.

– Você vai fazer isso.

– Não vou fazer isso, Mary.

– Você sabe que não tem escolha.

– Claro que tenho! Me recusar. Olhe, estou fazendo isso agora mesmo!

Ela sentiu uma raiva subir em seu sangue que nunca havia sentido antes. Estava sendo ridicularizada pelo pai do seu filho e não viu outra alternativa a não ser ameaçá-lo.

– John. Acredite, você não tem escolha. – Agora olhava para ele com um olhar autoritário. Nunca o havia olhado assim. Ele parou de rir. – Como acha que vai se sentir assim que eu contar a todos que você é o pai? Hein? Posso falar o que quiser, que tínhamos um caso ou que você fez isso contra a minha vontade. Qualquer uma das duas histórias vai arruinar sua carreira e fazer a sua mulher te deixar.

– Isso é ridículo, ninguém vai acreditar.

– Eu tenho a prova bem aqui. – Disse ela, tocando em sua barriga. – Eu tenho testemunhas que me viram com você. Acredite, mais pessoas sabem sobre nós.

Ele engoliu em seco sem desviar o olhar dos olhos dela. Ela, pela primeira vez desde que se conheceram, estava se mostrando no controle da situação. Algo que era sempre ele quem fazia.

– Mary... – Disse ele, olhando ainda mais fundo nos olhos dela. – Não me ameace.

Ela engoliu em seco e saiu da sala, segura de si. Em seguida, andando pelos corredores com uma das mãos ainda na barriga, Mary se desabou em chorar. Foi até as escadas, e, chorando, começou a ter uma crise de tosse, onde se curvou segurando-se no corrimão até que a crise passasse.

Levou uma das mãos à boca e, em seguida, percebeu que sua mão estava suja de sangue.

* * * * * * * * * * * *

Daquele dia Julie se lembrava muito bem. Era final do dia em que todos os pacientes haviam sido levados ao jardim para um banho de sol obrigatório, e ela era a única enfermeira da ala psiquiátrica no jardim acompanhando-os. Era algo estranho de acontecer. Nunca havia ficado sozinha com os pacientes no jardim, e o banho de sol da tarde nunca havia sido algo obrigatório.

Os minutos seguintes se passaram como um lapso no tempo. Não era normal. Lembrava-se que no fim do horário do banho de sol, Steve apareceu para ajudá-la a tomar conta dos pacientes, enquanto John estava na cozinha com outros enfermeiros. Carter chegou logo em seguida. Mary não estava lá, e Julie estremeceu ao pensar nela por algum motivo. Não sabia aonde ela estava.

Algo dentro de Julie a fazia acreditar que tinha algo de errado acontecendo ali. Ela podia sentir. Olhou ao redor lentamente tentando perceber algum detalhe que mostrasse isso, mas não percebeu nada.

Andrew olhou para Julie de longe, e percebeu seu nervosismo. Não demorou muito até que os pacientes foram chamados de volta aos quartos, pois o horário do banho de sol havia acabado.

Todos os internos foram enviados para dentro, subindo as escadas em direção ao quinto andar. Alguns pegaram o elevador, que chegaram alguns segundos antes à ala. E, no momento em que chegaram ao quinto andar, avistaram uma tragédia.

Julie ouviu uma agitação na ala e começou a correr escadas acima, mais rápido. Quando abriu a porta e entrou no quinto andar, viu o motivo do alvoroço e sentiu suas pernas tremerem. Era como se o mundo tivesse parado naquela hora. Câmera lenta.

Mary estava pendurada pelo pescoço por uma corda nos canos do teto da ala psiquiátrica, em frente a um dos quartos. Quarto 502, que estava vazio, sem internos. Ela ainda estava quente e seu corpo balançava de um lado para o outro, com o barulho da corda ecoando pelos ouvidos de Julie como se fosse o único som ali. Os outros barulhos que a envolviam estavam abafados como se Julie estivesse debaixo d’água. Reviveu a cena de ter visto seu irmão enforcado mais uma vez.

A cabeça de Mary estava levemente arroxeada e seu corpo estava repleto de sangue da barriga para baixo, que pingava no chão em uma poça relativamente grande.

Os pacientes gritavam e olhavam assustados, sem saber ao certo o que

fazer. Steve e Carter foram em direção à Mary rapidamente e tiraram o corpo dela dali, tentando reanimá-la. Mas ela já estava morta, e não havia nada que pudessem fazer. O chão estava com uma poça de sangue, e, ao lado dela, mais afastado dali, estava a cadeira caída no chão que ela havia usado para subir e se pendurar na corda.

Julie chorou incontrolavelmente naquele momento, quando voltou a si e percebeu a realidade e seriedade da situação. Aproximou-se do corpo de Mary e se ajoelhou ali mesmo, ao lado dela, enquanto deixava as lágrimas desesperadas escorrerem pelo rosto pálido. Os pacientes foram contidos aos poucos, sendo levados aos seus quartos, e o Dr. Hoffman foi chamado. Aquilo tudo aconteceu tão rápido que Julie podia apenas se lembrar da mão amiga de Andrew em seu ombro.

– Lembre-se sobre o que falamos, Julie. Lembre-se do que falamos sobre suicídio. Estava mais insuportável para ela do que para você agora. Respeite o pedido dela. Não seja egoísta.

Depois de ter pronunciado aquelas palavras, Steve o obrigou a ir ao seu quarto, e ele o fez sem reclamar.

Julie permanceu por muito tempo ali, ajoelhada sobre o sangue de Mary ao lado do seu corpo, enquanto olhava dentro dos seus olhos abertos. Ela só conseguia se perguntar “Por que?” em meio às lágrimas desesperadas.

Quando o Dr. Hoffman finalmente chegou e viu o corpo de Mary, ele apenas suspirou e mandou levarem-na para o necrotério, para limparem o corpo e ligarem para a família.

Ele havia feito tanto descaso daquilo que deixou Julie enjoada. Aquela era a mulher que tinha um caso com ele há mais de um ano, que estava completamente apaixonada por ele e esperava um filho dele. Julie não sabia se John sabia disso, mas não tinha importância. A falta de interesse dele a fez entender o quanto Mary estava sofrendo de fato. Ela só não conseguia suportar que Mary havia acabado com a própria vida por causa daquele monstro.

Vendo o sangue que manchava suas pernas e suas roupas, Julie entendeu

o que Mary havia feito antes de se enforcar. Ela havia abortado seu bebê, e, provavelmente devido ao trauma, cometeu suicídio na hora do desespero, quase sem pensar.

Steve e Carter trouxeram uma maca para perto do corpo e colocaram Mary sobre ela, enquanto Julie ainda chorava. John a mandou ficar em seu quarto, pois não estava ajudando nada fazendo aquele escândalo.

Jerry passou por ali para saber o que estava acontecendo, e, quando viu a corda com um nó de forca presa nos canos do teto pendurada e o corpo de Mary na maca, ligou os fatos. Tirou o chapéu e segurou-o contra o peito, em sinal de respeito. Em seguida, foi até Julie ajoelhada no chão, chorando. Ajudou-a a se levantar e guiou-a até as escadas, ajudando-a a descer.

Era como se o hospital inteiro conseguisse ouvir os gritos e choros desesperados de Julie, e aos poucos todos foram sabendo o que tinha acontecido. Todos ficaram incrédulos. Mary era uma enfermeira muito querida e amiga de todos. Todos sentiram um pouco da mágoa de Julie e ficaram em silêncio por muito tempo como em sinal de luto.

Naquele mesmo dia, Julie viu Jerry levando o corpo de Mary pelo túnel em direção ao carro funerário no fim da colina.

“Listras de sangue estão escorrendo pelas paredes

Luzes negras não me guiam, então estou perdida.”

E chorou ainda mais.

* * * * * * * * * * * *

Era perto das três da manhã quando Julie desistiu de tentar dormir. Ainda estava vestida com seu uniforme, e aquele dia havia sido o pior dia de Waverly Hills. Ela levantou de sua cama sem pensar e foi correndo em direção ao hospital no meio da noite.

Tirou seus sapatos para que eles não fizessem barulho no corredor.

Espiou o primeiro andar. Ralph estava dormindo em sua sala e a enfermeira encarregada do turno da noite estava possivelmente fazendo uma ronda pelo hospital.

Julie subiu as escadas, passou pelo primeiro andar e em seguida pelo segundo, em silêncio. Quando estava quase chegando ao terceiro, ouviu passos da enfermeira descendo as escadas. Julie logo desceu rapidamente até o segundo andar, entrou nele por um instante e observou através da janela da porta a enfermeira descer as escadas direto, sem notar a presença de Julie ali, atrás da porta, observando-a se afastar. Provavelmente havia acabado de fazer a ronda do quinto andar e estava voltando à sua sala.

Julie esperou-a desaparecer em meio às escadas e subiu rapidamente, sem fazer barulho.

Chegou ao quinto andar. Estava tudo escuro, iluminado apenas pela luz da lua que tocava os corredores. Ela foi em direção ao quarto de Andrew, sem saber ao certo o motivo, e parou em frente à porta dele, olhando-o pela janela da porta.

Ele acordou de repente e viu-a ali, em silêncio, olhando para ele. Seu rosto estava vermelho e um pouco inchado devido ao choro pela morte de Mary. Ele a reconheceu, levantou da cama e foi até ela.

Um estava em frente ao outro e uma porta de metal os separava.

– O que foi? – Ele foi o primeiro a quebrar o silêncio.

– Eu não sei. – Respondeu ela, chorando.

Aquela cena partiu o coração dele. Era capaz de entendê-la apenas com o olhar. Sabia o que ela estava passando, naquele hospital. Ela era obrigada a sofrer daquela maneira para sustentar sua família e aquilo era demais pra ela. Ela se recusava a ser igual a todos ali. Ela era humana, sensível, ingênua. Diferente de todos ali e, ver-se sem opção naquele lugar repleto de mortes e tristeza a estava matando por dentro.

E ela não precisava dizer nenhuma palavra para que ele a entendesse.

– Me dê um grampo do seu cabelo. – Disse ele por fim, enquanto ela o

olhava.

– O que?

– Me dê um grampo do seu cabelo. – Repetiu.

Ela estranhou aquele pedido, mas, sem perguntar mais nada, pegou um dos grampos que segurava seu chapeuzinho de enfermeira e tirou-o do seu cabelo, deixando cair uma mecha do seu cabelo castanho claro sobre seu olho direito.

Ela passou o grampo para ele por debaixo da porta, e ele tentou abrir a porta com o grampo. Era como a cena de um filme. Parecia patético.

– Esqueça, não vai dar certo. – Disse ela, afastando-se da porta. – Desculpe. Foi uma ideia idiota vir aqui...

Ela nem conseguiu terminar a frase quando a porta se abriu. Ela olhou para ele e ele sorriu, talvez um pouco impressionado de ter conseguido fazer aquilo. Ela sorriu de volta e entrou no quarto. Andrew fechou a porta, e Julie foi diretamente em direção à cama dele, sentando-se ali.

– Não consegui dormir.

– Reparei nisso. – Respondeu ele, colocando o grampo sobre a mesinha ao lado da cama, e em seguida sentou-se ao lado dela. – Eu também não consegui.

– Coisas terríveis acontecem aqui. – Continuou ela. – Esse não foi o primeiro suicídio que eu vi acontecer em Waverly Hills, e não será o último. Eu estou muito assustada, Andrew. – Chorava agora ainda mais. – E você é o único com quem eu posso falar essas coisas. Você é o único que talvez me entenda.

– Tudo bem... acalme-se. – Ele tentava acalmá-la enquanto ela chorava agora sobre seu ombro.

– E o pior de tudo é que... eu acho que sei por que ela fez isso, eu não vi os sinais que a levariam a tomar essa decisão e eu não pude fazer nada pra evitar.

– As pessoas raramente conseguem evitar coisas assim. Não se culpe.

– Não é isso, você não entende. Ela não estava passando por um depressão ou nada do tipo. Era diferente. – Ela olhou para Andrew. – Ela estava

perdidamente apaixonada pelo Dr. Hoffman, e estava esperando um filho dele. Ela me contou isso, e eu... bem, eu não sei se agi certo...

– Pare de se culpar. – Repetiu. – É passado. É recente, mas já passou. Não há como mudar.

Julie balançava a cabeça negativamente. Não aceitava o que aconteceu. Estava à beira de um colapso.

– Acho que... bem, ao que eu percebi ela deve ter feito um aborto mal sucedido e decidiu se enforcar. Mas por quê? Por que assim, por que aqui?

Andrew não parcia surpreso enquanto Julie chorava.

– Isso só faz ser ainda mais triste. – Concluiu Julie, agora olhando para o chão em sua frente.

– Por que é ainda mais triste? O que ela fez de errado?

Julie o olhou questionando aquela pergunta.

– Como assim o que ela fez de errado? É uma vida, pelo amor de Deus! É uma criança! Ela tirou a vida dos dois! Ela não pensou nisso?

– É sim uma vida, uma criança a mais no mundo. – Disse ele. – Mas e a vida da mãe? E aonde a criança sobreviveria? Aqui, com as crianças doentes? Sem pai, sendo julgada pela sociedade tradicional? Com os avós, então?

Julie suspirou.

– Os pais de Mary não permitiriam. Jamais permitiriam. Não aceitariam um neto bastardo. Ela me disse isso.

– Em um orfanato, então?

Julie deu de ombros.

– Possivelmente. – Respondeu por fim.

– E como você acha que a vida dessa criança seria, então? Um orfanato não é lugar de criança passar a sua infância e, depois de crescida, vivenciando todos esses traumas de abandono, pararia aqui, talvez. Ou em qualquer hospital psiquiático do país. Ou seria alguém pior, talvez. Eu vejo o que vocês fazem com vidas aqui. Eu sou uma vida, Julie. E olhe como a sociedade me vê. Eu preferia ter sido abortado antes mesmo de saber que eu era uma vida do que viver assim.

– Não diga isso. Não seria assim.

– Como você pode tanto saber? Vocês apenas são a favor da vida antes dela nascer. Depois que nascem, vocês as julgam. Criticam. Humilham. Dizem que lugar de anormais é no hospício, caso não vivam da maneira que são impostos. Fazem descaso dessas vidas como se fossem descartáveis. Como o Dr. Hoffman faz descaso de todos aqui.

Ela chorava ainda mais.

– Olhe para mim. – Continuou ele. – Você realmente acha que essa é a vida que eu gostaria de ter?

Julie não disse mais nada, com seu rosto afundado nas mãos, apoiadas pelos cotovelos em seus joelhos.

– Não sei o que pensar, não sei o que fazer.

Andrew se sentiu completamente culpado naquele momento, e voltou a si. Falou mais do que deveria. Ela estava passando por um momento difícil e ele não deveria ter sido tão duro com ela.

– Venha, está tudo bem. Me desculpe. Você não precisa disso agora.

Ele a abraçou, e ficaram assim por alguns momentos no escuro, naquele quarto iluminado apenas pela luz da lua. Ela se acalmou e parou de chorar.

– Eu deveria ter seguido os conselhos do meu pai, afinal. Não deveria querer ser independente e passar por todo esse inferno. Deveria ter me casado com um homem rico e evitar esses problemas pelo resto da vida.

Andrew segurou-a pelo rosto e fez com que ela olhasse para ele gentilmente.

– Por favor Julie, me prometa que você não vai se casar com um homem rico que a faça submissa. Nunca deixe que um homem domine sua liberdade. Nunca abaixe sua cabeça sem questionar. Jamais deixe que ele te bata ou a traia. Permita-se escolher o que quer para si, não só o que os outros a dizem para fazer.

Ela limpou suas lágrimas com as mangas, enquanto dava de ombros.

– Por trás de um grande homem há sempre uma grande mulher, não é mesmo?

– Não. – Ele disse, ainda olhando-a nos olhos. – Ao lado de um grande homem há sempre uma grande mulher. Mulheres podem tanto quanto os homens, mas por que sempre são ofuscadas pela história? Por que sempre entregam suas ideias aos seus maridos achando que eles são seus superiores? Eles não são.

Julie assentiu. Não havia nada que ele dissesse que ela contradizia. Não que não quisesse, mas não conseguia.

– Era assim que tratava as suas duas esposas?

Ele sorriu sem graça.

– Eu as tratava como elas mereciam ser tratadas. Assim como eu trato você.

– Você me trata bem. – Disse ela, olhando-o nos olhos. – Obrigada por isso.

– Não deve agradecer. Não faço mais do que a minha obrigação como ser humano.

Ela sorriu. Pensou que talvez se o Dr. Hoffman tratasse Mary de uma maneira parecida, talvez ela nunca tivesse passado pelo que passou.

Sem pensar, ela o beijou. Estava tão confusa com seus sentimentos que achou que aquilo fosse o certo a fazer. Ele retribuiu o beijo, e a abraçou. Passaram o resto da noite juntos.

* * * * * * * * * * *

Era de manhã, e Julie acordou em um pulo, assustada. Olhou ao redor tentando se lembrar de onde estava, e Andrew, deitado ao lado dela, acordou também com o susto.

– Que horas são? – Perguntou ela, assustada. Foi até a porta e olhou para fora da janelinha. Conseguiu ver o relógio de parede da sala dos enfermeiros. Eram seis e trinta e cinco. Naquela hora da manhã, estavam todos tomando café

na cozinha.

– Oh meu Deus, eu tenho que ir antes que alguém me veja aqui!

Ela vestiu-se rapidamente enquanto Andrew fazia o mesmo. Notou um pouco de sangue escorrendo por suas pernas.

– Vá. Eu me tranco de novo por dentro. – Ele disse.

– Tudo bem. – Disse ela, beijando-o na boca e saindo do quarto. – Nos vemos depois.

Ela correu em direção às escadas e cruzou com Ralph, entrando no quinto andar.

– Oh bom dia. – Disse ela, arrumando seus cabelos com as mãos trêmulas, em uma tentativa de distraí-lo. – Estava só... estava na sala dos enfermeiros arrumando algumas coisas.

Ele não respondeu, e ela desceu as escadas correndo. Foi em direção ao prédio dos funcionários tomar um banho. Naquela hora não haveria ninguém lá, estavam todos no café. Se Julie se atrasasse, tinha a desculpa de dizer que ainda estava sofrendo pela morte de Mary. O que não deixava de ser verdade.

Entrou no chuveiro e deixou a água escorrer pelo seu corpo, molhando seus cabelos. O sangue entre suas pernas escorreu ralo abaixo, e ela sorriu de leve. Afinal aquele sentimento era amor, mesmo.

Perdida em pensamentos, ela se permitiu sentir amor.

De repente, as luzes piscaram por alguns instantes, e Julie sentiu frio. Desligou o chuveiro, saiu do compartimento e foi até em frente do espelho se secar. O espelho estava embaçado devido ao vapor do chuveiro e ela não conseguia ver seu reflexo. Vestiu sua lingerie simples de algodão e secou seus cabelos, quando as luzes piscaram de novo.

– Juuulieee... – Uma voz fina sussurrou ali. Julie olhou assustada ao redor. Mas não havia ninguém por perto.

Julie suspirou e olhou para o espelho em sua frente. Passou uma das mãos nele para desembaçá-lo e poder ver a si, mas, quando o fez, viu Mary atrás dela.

Julie gritou de susto e olhou para trás de imediato, apoiando-se na pia, mas não viu nada. Olhou ao redor para ter certeza. Estava sozinha no banheiro. Ela suspirou de alívio e começou a pensar que sua mente estava pregando peças nela novamente.

“O cansaço está te consumindo de novo”, pensou ela para si.

Quando Julie ia se virar em direção ao espelho novamente, ela escutou um barulho estranho de choro de bebê, que parecia vir dali. Julie seguiu o som com o olhar até um dos chuveiros, onde a cortina estava fechada. Ela então pôde ver claramente a silhueta de uma mulher dentro do chuveiro, por trás da cortina. Ela segurava e balançava um bebê em seus braços, de onde vinha o som.

Agora Julie pôde ver sangue escorrendo por debaixo da cortina, onde os pés da mulher ficavam à mostra. Vestia meia calça e sapatos brancos de enfermeira, por onde o sangue escorria.

Julie ficou petrificada naquele momento, sem conseguir se mexer direito. Não pôde falar nada, nem sequer gritar.

O sangue vinha em direção à ela, enquanto o bebê chorava e Julie ouviu seu nome ecoar pelo grande banheiro daquele prédio.

– Juuulieee...

Ela finalmente conseguiu gritar, pegou suas coisas e saiu correndo do banheiro assim que a silhueta da mulher começou a abrir a cortina do chuveiro, com suas mãos ensanguentadas.

Julie correu até seu quarto sem olhar para trás, trancou-se lá e apoiou suas costas na porta, respirando ofegante. Estava vestida apenas de lingerie e estava descalça. Sentia frio e por isso tremia. Suas roupas estavam em suas mãos, e logo Julie as vestiu.

– É só coisas da sua cabeça. – Repetia ela para si mesma.

No fim das contas, ela não queria aceitar sua natureza. Talvez estivesse ficando louca, mas de maneira alguma queria ser internada em Waverly Hills. E era isso que aconteceria se ela ousasse contar a alguém o que via ali.

Saiu do seu quarto olhando de um lado para o outro no corredor. Estava

livre, e ela foi andando em direção ao hospital. Por um instante, Julie achou ter ouvido risadas de Beth e Jane vindas do jardim. Mas o jardim estava deserto.

Deveria ser só impressão de novo.

* * * * * * *
* * * *

Já era de tarde quando Jerry estava pegando água no poço do hospital, um pouco afastado do jardim. Fumava um cigarro enquanto subia um dos baldes. Era o único momento do dia em que ele podia fumar e ninguém o poderia ver.

Ele terminou e fumar, jogou o resto do cigarro no chão e pisou sobre ele. Em seguida, o balde chegou à boca do poço e Jerry pegou-o em mãos com pouca dificuldade. Ele começou a pensar que já estava velho demais para aquele tipo de trabalho pesado.

Levou dois baldes cheios d'água em direção ao hospital, enquanto andava em meio ao caminho de terra em meio às árvores. Parou na metade do caminho para descansar. Seus braços doíam pelo peso dos baldes cheios de água. Largou-os por um momento e mexeu os braços. Em seguida, quando foi pegar os baldes de novo, algo boiando em um deles o chamou a atenção.

Jerry pegou o que parecia ser um feto na água, de mais ou menos 15 cm de altura, e, com uma análise amadora, ele pôde perceber que era um bebê de verdade.

Assustou-se por um momento e largou o feto, deixando-o cair no chão de terra. Em seguida secou suas mãos na camisa, sem desviar o olhar do que havia encontrado. Sua respiração estava pesada, e, quando ele conseguiu voltar a si, olhou ao redor. Não podia deixar aquilo ali.

Abaixou-se e pegou-o de volta em mãos. Guardou o feto no bolso de seu casaco com um pouco de remorso e ligou os fatos. Lembrou do corpo de Mary sobre uma maca, ensanguentado da cintura para baixo.

Ele então pegou os baldes em mãos novamente, correndo em direção ao

hospital. O peso deles não o incomodava mais.

* * * * * * *
* * * *

Era fim do dia quando Julie aproximou-se de Jerry no cemitério. Ele estava em pé em frente a uma pequena cova, com uma pá em mãos apoiada no chão, olhando diretamente para o buraco em sua frente.

Julie surgiu vindo de trás e parou ao seu lado.

– Por que me chamou com tanta urgência?

Ele nada respondeu, apenas permaneceu olhando em direção à cova aberta em sua frente. Julie não gostava de ver esse tipo de coisas, e evitava ao máximo olhar para Jerry enterrando algum paciente. Mas naquele momento ela entendeu que o que ele queria mostrá-la estava ali.

Ela seguiu o seu olhar e viu um pequeno pano deitado no centro da cova. Não sabia ao certo o que estava enrolado no pano, mas pelo tamanho deveria ser algum animal.

Ela engoliu em seco, em seguida olhou para Jerry de novo. Seus olhos estavam marejados. Ela não quis fazer mais perguntas e se ajoelhou na beirada da cova lentamente, mexendo no pano para ver o que havia ali.

Sentiu um pouco de medo naquele momento, e a julgar pelo céu cinza de fim de tarde, parecendo que ia chover, ela se sentiu como se estivesse em um sonho. Como se ali, enrolado no pano, houvesse algo fora do comum.

Abriu um pouco o pano enrolado e olhou para dentro dele. Ao ver o feto, Julie soltou um barulho de susto, largou o pano e logo se levantou. Levou uma das mãos à boca e seus olhos estavam lacrimejando também.

– Mary. – Disse Julie apenas. – É o bebê de Mary.

– Encontrei-o no poço. – Respondeu Jerry, ainda segurando a pá na vertical, encostando sua outra extremidade no chão. – Descartado como lixo. Logo pensei em Mary, no corpo ensanguentado dela sobre uma maca. Eu nem ao

menos sabia que ela estava esperando um bebê. Ela deveria estar desesperada para fazer o que fez. Pobre Mary.

Julie suspirou ainda olhando a cova aberta. Concordava com Jerry. Pobre Mary.

Ela então olhou para ele, ainda observando a cova aberta. Podia notar que ele estava nervoso, sentindo pena.

– Jerry, você teve uma atitude muito nobre de enterrá-lo. – Disse Julie, em uma tentativa de confortá-lo. As lágrimas agora caíam pelo seu rosto. – Obrigada por me fazer parte disso.

Ele assentiu e em seguida começou a jogar terra sobre o bebê com a pá.

* * * * * * * * * * * *

O verão estava passando rapidamente e já era possível sentir a brisa fria de outono se aproximando. Quanto mais o tempo passava, mais Julie se via perdidamente apaixonada por Andrew. Ela nunca o havia dito isso, mas ele podia perceber. Ele tinha um jeito incomum de demonstrar sentimentos, mas ela não se importava. Era isso o que ele a ensinava, afinal. Eles conversavam todos os dias e passavam tempo juntos, o que estava começando a chamar a atenção de Steve e Carter, e em seguida, de John.

Era extremamente necessário que Julie mantesse aquela relação em segredo. Ás vezes ela ia ao quarto dele e passava a noite lá, enquanto todos dormiam, e tentavam ser o mais discretos possíveis.

Aquilo era uma excitação nova na vida de Julie, algo fora dos padrões que ela nunca havia vivenciado antes. Para alguém que sempre viveu dentro das regras da sociedade, ela se sentia livre finalmente.

Sempre que dormia no quarto de Andrew, Julie voltava ao seu quarto antes que todos percebessem que ela havia saído no meio da noite, e ela permanecia presenciando coisas estranhas.

Certa noite, quando Julie saiu do quarto de Andrew e foi andando em direção às escadas para sair do hospital, Julie estremeceu ao ver uma enfermeira muito parecida com ela, observando-a de longe, parada no fim do corredor. Como se estivesse hipnotizada, Julie foi andando em direção à ela, olhando fundo em seus olhos. Ao chegar mais perto, viu que eram exatamente iguais. Era como se Julie estivesse olhando para o seu reflexo em um espelho. Estremeceu ao perceber isso.

Quando Julie chegou mais perto, a sua sósia começou a andar para o lado, desaparecendo na esquina do corredor, e Julie a seguiu, agora andando mais rápido. Quando chegou à esquina, viu a enfermeira parada em frente ao quarto 502, olhando para dentro dele, que estava com a porta aberta. Ralph não costumava trancar quartos vagos. Ela estava parada no local em que Mary havia sido encontrada enforcada.

O chão ainda levava uma marca da mancha de sangue de Mary, e agora aquela enfermeira que mais parecia o reflexo de Julie estava parada sobre aquela mancha.

Julie não sabia o que pensar. Apenas era atraída naquela direção como se fosse um ímã.

A moça entrou no quarto 502 e Julie correu atrás dela, parando em frente da porta do quarto e olhando para dentro.

A mulher estava em pé sobre a janela, de costas para Julie. Ela iria pular. Deu uma última olhada para trás, em direção à Julie, parada na porta, olhando-a incrédula e respirando ofegante. Seus olhares se cruzaram. Estavam mais perto do que nunca. Julie pôde ver a si mesma ali, olhando para trás. Eram exatamente a mesma pessoa. Os mesmos traços, o mesmo jeito, os mesmos olhos.

Em seguida, a moça retornou a olhar para frente e se jogou da janela, atravessando o vidro como se fosse um fantasma. Julie estremeceu e gritou para que ela não fizesse aquilo, e em seguida correu até a janela para olhar para baixo.

O vidro da janela a impediu de ter total visão lá de baixo, mas não

parecia haver nada no chão. Ela não quis abrir a janela, e se afastou lentamente.

Julie respirava fundo tentando se acalmar, e deu dois tapas no seu próprio rosto. Deveria ser o cansaço. Uma bola de plástico inflável tocou seus pés, vindo do lado de fora do quarto, passando pela porta. Julie notou aquele estranho acontecimento e em seguida ignorou-a, saindo do quarto e indo em direção às escadas.

* * * * * * *
* * * *

Era uma tarde de outono e Julie estava completando dois anos de trabalho em Waverly Hills. Ela podia se lembrar muito bem daquele dia pois havia recebido uma carta dos seus pais, que dizia exatamente o que ela esperava desde que entrou naquele hospital.

“[...] Estou muito feliz em dizê-la, querida, que seu pai conseguiu um emprego ótimo. Ele ganha o suficiente para nos sustentar como antes, e, apesar de sermos extremamente gratos com toda a ajuda que recebemos de você, queremos que você volte para casa, para que possamos recomeçar nossas vida. Espero que você esteja feliz. Mamãe.”

Ela sorriu em ler aquela carta e gargalhou de felicidade por um momento. Não podia acreditar que enfim estava livre e poderia ir para casa. Porém, no momento seguinte, seu sorriso desapareceu de seu rosto. Pensou em Andrew e que, se voltasse para casa em Ohio, talvez nunca mais o visse novamente.

Julie ficou preocupada em ter que contar isso à ele, pois sabia que ele insistiria que ela fosse. Ele sempre a dizia para jamais tomar suas decisões importantes na vida por causa de um homem. E isso incluía ele mesmo. Ela deveria ser independente e fazer o que a fizesse feliz, e ele sabia mais do que ninguém o quanto ela sonhava em sair de Waverly Hills.

Devido a isso, Julie decidiu manter aquela carta em segredo. Era como

se nunca a tivesse recebido. Não falaria a ninguém que não dependia mais daquele emprego. Não ainda.

Sentada em sua cama, em seu quarto, Julie começou a pensar que teria que tentar ao máximo fazer com que Andrew saísse de Waverly Hills. Daria o seu melhor para fazer isso e sentia que conseguiria. Podia tentar colocar na cabeça do Dr. Hoffman que ele estava tendo melhoras significativas e ele não precisaria mais ficar ali. Quanto aos problemas dele com o governo, bem, ele podia se mudar para outro estado. Com ela. Poderiam se casar e fingir que levavam uma vida normal perante aos outros. Isso tornaria a sociedade satisfeita, e os dois felizes.

Perdida em pensamentos quanto ao seu futuro, Julie tornou a sorrir, agora deitada na cama. Não demorou muito até que pegasse no sono, com a carta de seus pais ainda em mãos.

* * * * * * *
* * * *

Julie acordou no meio da noite com um sussurro ao vento, pronunciando seu nome.

– Juuulieee...

Ela acordou em um pulo e sentiu uma presença ali, em seu quarto. Acendeu a luz do abajur ao lado de sua cama e sentou-se, quando ouviu passos vindos em direção à luz.

Era Mary.

Ela usava uma roupa de enfermeira e estava repleta de sangue da cintura para baixo, assim como estava quando morreu. Ela estava pálida com olheiras e lábios roxos, e seus cabelos estavam oleosos devido ao suor. Seu pescoço tinha fortes marcas de cordas avermelhadas, e parou ao lado da cama, olhando para Julie.

Julie estava respirando pesado, pensando que aquilo não passava de um

sonho.

– Eu não fiz isso, Julie. John chutou a cadeira. John fez isso comigo. Ele me obrigou a abrir mão do meu bebê. – Disse Mary com uma voz rouca, e depois tossiu algumas vezes, e sangue escorreu pela sua boca em direção ao queixo. Ela não pareceu se importar.

Julie só pôde agarrar-se em seu cobertor que cobria seu corpo, sem saber se tinha coragem de fechar os olhos.

– Não confie em ninguém aqui. Saia o quanto antes. Olhe o que fizeram comigo. Olhe o que eles fizeram comigo... Eles o ajudaram...

Mary tossiu ainda mais forte e curvou-se com uma das mãos no peito, ajoelhando-se no chão. Muito sangue escorreu de sua boca e sujou o chão ao lado de Julie, enquanto ela permanecia petrificada sem saber ao certo o que dizer.

A luz do abajur começou a piscar de acordo com as tossidas violentas e pesadas de Mary, e, na última piscada da luz, Mary desapareceu. Julie olhou ao redor para se certificar disso. Ela não estava mais ali, e a luz permaneceu estável. Julie deu mais dois tapas em seu rosto. Não aguentava mais aqueles sonhos incrivelmente reais. Deixou a luz do abajur acesa e se escondeu sob os cobertores, até de manhã.

* * * * * * *
* * * *

– Acredite em mim, Dr. Hoffman. Andrew está tendo uma melhora incrível. Ele não... ele não parece mais ser uma ameaça e não fala mais coisas sem sentido. O senhor sabe, percebe pelo comportamento dele que ele não é perigoso. Ele não merece estar aqui.

Estavam Julie e John na sala dele. Ele estava sentado em sua mesa enquanto ela falava com ele em sua frente, em pé, enquanto ele a escutava, sem nem sequer olhar em sua direção. Olhava para alguns raios X ao invés disso.

Nem ao menos parecia estar prestando atenção.

Quando ela terminou de falar, ele suspirou e respondeu-a com uma pergunta, sem tirar os olhos dos exames em suas mãos.

– Seria esse o motivo, Srta. Hasherfield, de você estar passando tanto tempo com ele? Para diagnosticá-lo?

Ela estremeceu ao ouvir aquelas palavras vindas de John.

– O que o senhor quer dizer?

– Você realmente acha que pode decidir quem fica ou quem sai de Waverly Hills melhor do que eu? Acha que pode decidir esse tipo de coisas por mim?

Ela engoliu em seco. Ele olhou para ela, esperando que ela o respondesse.

– Não é isso que eu quis dizer...

– Senhorita, você está indo contra a ética do hospital. – Interrompeu. – Não sei o que vocês conversaram ou o que vocês pretendem, mas não quero mais vocês passando todo esse tempo juntos. Não é profissional.

– Mas e quanto...

– Estou claro? – Interrompeu de novo.

Ela ficou um tempo em silêncio, um pouco envergonhada. Mesmo que ela não tivesse muito respeito por ele, ele conseguia intimidá-la como ninguém.

– Sim, Dr. Hoffman... perdoe-me pelo meu abuso.

Julie pigarreou tentando recuperar a voz, que estava trêmula. Ela deu meia volta e já ia saindo da sala, quando ele a fez parar.

– E não quero mais saber de você se intrometendo nos meus assuntos. Quem toma as decisões aqui sou eu.

Ela assentiu, ainda de costas para ele, e saiu da sala. Já sabia o quão difícil era convencer John Hoffman de alguma coisa, mas seria mais difícil do que ela pensou que seria.

Ele voltou o olhar para os exames que observava desde o início do dia.

* * * * * * *
* * * *

Julie estava no quarto de Andrew no meio da noite, andando de um lado para o outro. Estava nervosa e suas mãos tremiam. Ele estava deitado na cama observando-a, entendo sua aflição mas não demonstrava sequer um sentimento de nervosismo.

– Eu não sei o que fazer, Andrew. – Dizia ela, ainda de um lado para o outro em frente à porta. – Eles estão começando a desconfiar de nós.

– Não fique assim. Podemos disfarçar melhor, não podemos? – Disse ele, levantando-se da cama e indo em direção à ela.

Ele segurou-a pelos ombros e ela parou de andar, acalmando-se um pouco.

– Eu só... sinto que algo muito ruim vai acontecer. Eu só queria livrar você disso.

– Eu sei, Julie, mas está fora do seu alcance. Obrigado pelo que tentou fazer por mim, mas não quero que se arrisque por minha causa.

Ela suspirou, levando suas mãos às mãos dele, que estavam sobre seus ombros.

– Eu quero que você saia daqui. Comigo. – Disse ela, olhando fundo em seus olhos. – Eu quero que possamos viver nossa vida.

– Acalme-se. Estamos aqui, não estamos? Estamos juntos, vivendo esse momento. Não se preocupe com o futuro.

– Mas eu não quero ficar aqui para sempre. Quero ir embora. Quero viver minha vida, e esse lugar... eu não preciso mais ficar aqui. Só estou aqui por você.

Andrew retirou as mãos dos ombros dela.

– Não faça algo idiota desse jeito. Faça da sua vida o que você tem que fazer.

– Eu estou fazendo. Tenho que ficar com você.

– Não quero que você dependa de mim, Julie. Por favor, não estrague sua vida por causa de um insano que vai passar o resto dos seus dias preso em um sanatório. Por favor.

Julie sentiu seus olhos encherem-se de lágrimas.

– Você não quer que eu fique aqui com você? Não vai querer sair daqui e ter uma vida comigo?

– Claro que eu quero, Julie, mas é complicado. Você sabe da minha história, o que eu passei, a maneira com que eu vivo a minha vida, um dia de cada vez, sem me preocupar o que será do meu futuro. Você sabe que eu não me apego ao jeito que todos estão vivendo suas vidas.

Ela suspirou.

– Entendo. – Disse apenas, e em seguida saiu do quarto, correndo pelos corredores em direção às escadas.

Ela estava muito triste com aquelas palavras, e mal pôde ouvir os pedidos de Andrew ecoando pelos corredores para que ela voltasse.

Enquanto Julie descia as escadas, pôde ver abaixo dela uma silhueta de um homem vestindo um jaleco branco entrando no quarto andar. Ela estremeceu por um instante. Médicos não fazem rondas noturnas, e então ela o seguiu, entrando no quarto andar também.

Ela o viu entrar na sala de cirurgias e acender a luz. Julie foi lentamente em direção àquela sala, tentando não fazer barulho para que ele não percebesse a presença dela ali.

Julie ficou em frente à janela de vidro da porta da sala de cirurgias e olhou para dentro. O médico estava andando de um lado para o outro na sala, chutando as macas e paredes, um pouco irritado. E ela reconheceria aquele jaleco sujo e aqueles cabelos descabelados em qualquer lugar.

Era Joseph Cottons.

Ela entrou na sala sem pensar. Por um momento ficou feliz em vê-lo.

– Dr. Cottons. – Disse ela por fim, enquanto ainda o observava. – Pensei que o senhor estivesse morto.

Ele olhou para ela com aqueles grandes olhos castanhos com olheiras profundas e se aproximou, tocando-lhe os ombros. Suas mãos estavam geladas e brancas como de um cadáver.

– Julie. Não temos tempo a perder, precisamos achar a cura.

– Dr. Cottons, é quase meia noite...

– A cura, a pneumonia, a peste branca. A tuberculose e suas vítimas. – Ele falava rápido enquanto tremia e olhava fundo nos olhos dela. Em seguida, virou-se em direção à maca. – Eu não consigo achar a cura.

Ele voltou a andar de um lado para o outro na sala de cirurgias rapidamente, enquanto as luzes piscavam. Julie sentiu um arrepio nos pelos dos seus braços.

– Eu não consigo achar a cura. A cura. Costelas comprimidas. Dor. Sangue. Vidas perdidas. Peste branca. A cura. O túnel. Lembranças. Eu não consigo achar a cura. Costelas serradas. Infecctados. Eu não consigo achar...

Julie começou a respirar pesadamente e já ia se afastando dele, quando o viu perder o controle, chutar as mesas e macas, gritar como um louco enquanto socava as paredes e jogava papéis e instrumentos no ar. Julie gritou e saiu da sala, confusa, com medo.

Joseph Cottons estava morto. Ela tinha que se convencer disso. Ele havia morrido em seus braços.

Correu pelos corredores do quarto andar em direção às escadas, quando ouviu risadas de Beth e Jane vindas do quarto delas. Julie olhou em direção ao quarto 418. Elas estavam lá, brincando e rindo. Julie gritou novamente e correu ainda mais em direção às escadas. Não se importava mais quem a visse ali.

Entrou nas escadas e escutou passos subindo. Julie olhou para cima. Uma enfermeira subindo em direção ao quinto andar. Era Anne, Julie podia sentir, mesmo não conseguindo ver seu rosto.

Ouviu frases em latim, cada vez mais longe, acompanhando o corpo de Anne subindo as escadas. Era uma voz rouca e leve, quase sussurros masculinos, que não pareciam pertencer à Anne. Em seguida, pôde ouvir alguns grunidos e

um barulho de alguém rastejando ao seu encontro.

Ela continuou a correr escadas abaixo, quando Katia surgiu nas escadas com uma lanterna.

– Julie? – Foi tudo o que pôde perguntar, e assim Julie a abraçou chorando. – O que aconteceu? O que está fazendo aqui?

– Apenas me tire daqui, está bem? Por favor, me acompanhe até a saída. – Respondeu Julie, agora puxando-a pelo braço.

Katia não teve tempo de respondê-la ou ao menos pensar em alguma resposta. Podia notar que Julie suava e suas mãos tremiam, além de sua respiração estar pesada e rápida. Ela a levou até seu quarto, sem questionar, aonde Julie pareceu se acalmar.

Katia sentou-se na cama que era de Mary enquanto Julie permaneceu sentada na sua.

– Julie, preciso saber o que você estava fazendo lá. Sabe que deveria estar dormindo. Sabe que não deveria estar lá no meio da noite, você não faz mais rondas noturnas. – Suspirou. Julie encarava a parede em sua frente perdida em pensamentos, e em seguida se levantou de sua cama. – Você está envolvida em muitas coisas estranhas às vezes. – Continuou Katia, vendo que Julie mal ouviu o que ela estava dizendo.

Julie tremia enquanto trocava de roupa e deitava em sua cama novamente.

– Julie, por favor me respond...

– Katia, coisas muito estranhas acontecem aqui. – Interrompeu. Foi tudo o que pôde dizer. Se fosse explicar tudo o que via, não saberia por onde começar.

Katia suspirou. Não sabia o que fazer. Não era a primeira pessoa que a dizia isso e ela não duvidava. Também já havia presenciado muitas coisas ruins em Waverly Hills que ela se questionava ser real.

– Eu sei, Julie. Eu sei.

– Por favor. Não me deixe dormindo sozinha.

Katia olhou para Julie na cama, tão nova, tão inocente. Entendeu seu

pedido. Depois de tantos suicídios, casos de assassinatos, pacientes morrendo, cirurgias desumanas e doenças faziam com que ela a compreendesse.

Katia então ficou com Julie até que ela pegasse no sono, o que deve ter demorado algumas horas.

* * * * * * * * * * * *

Era a hora do café da manhã e Julie não conseguia comer nada, sentada à mesa com algumas enfermeiras, sem prestar atenção no que falavam ao seu redor. Tinha olheiras profundas de alguém que não dormia há muito tempo. Na noite anterior, ela adormeceu por poucas horas até precisar acordar. Katia estava ao seu lado, comendo alguma coisa antes de tirar o dia de folga. Estava tomando conta de Julie mesmo sem precisar.

Um pouco afastado dela, John Hoffman a observava, sentado em outra mesa com Ralph, Steve e Carter.

– Ralph? – Ele disse, sem tirar os olhos de Julie na mesa em sua frente.

– Sim, Dr. Hoffman?

– Não sei se você percebeu que a Srta. Hasherfield está se comportando muito estranho ultimamente.

– Percebi sim, senhor.

– Quero que você fique de olho nela para mim, por favor. Nela e naquele esquisitão do paciente Feller da ala psiquiátrica. Você é o único que eu confio para isso. Tenho minhas desconfianças mas nada posso provar. Acredito que você possa descobrir o que está ocorrendo de fato na minha ala.

– Sim, senhor. – Respondeu Ralph, com a boca cheia. Havia entendido o que John o havia pedido.

– Você é um bom entendedor, por isso gosto de você. Nossos casos permancem discretos dessa maneira. – Voltou seu olhar para Ralph, desviando-o de Julie finalmente. – Falando nisso, aqui está a chave do quarto daquela

paciente do quarto 504, diagnosticada com demência, que você me emprestou ontem.

John entregou uma chave para Ralph discretamente por baixo da mesa.

– Quando quiser, doutor. – Respondeu Ralph, e John sorriu, voltando a olhar para Julie.

* * * * * * * * * * * *

Julie estava sentada em um dos bancos do jardim quando Andrew sentou ao seu lado. Ela estava com olheiras profundas, pálida e um pouco mais magra do que o de costume. Achava que estava prestes a entrar em depressão, e talvez Andrew estivesse certo. Talvez ela deveria voltar para casa, mesmo.

– Você está péssima. – Ele disse quando se sentou ao lado dela sem que fosse convidado.

– Diga algo que eu não sei. – Respondeu ela, olhando para frente, sem nem ao menos olhar para os olhos azuis dele.

– Espero que não seja pelo que eu falei ontem. Não quero que me entenda mal.

Julie assentiu. Por mais que fosse difícil entender, ela entendia. Ele só queria o bem dela, e ela não ficaria bem em Waverly Hills. Ela olhou para ele finalmente. Seus olhos estavam inchados como se ela estivesse passado a noite chorando.

– Julie. Vá. Se você for, eu prometo que terei um motivo para sair daqui, e você será a primeira a saber de mim. Está bem? Eu prometo que irei te visitar na sua casa em Ohio e seremos muito felizes. Eu prometo.

Naquele momento ele segurou a mão dela e ela chorou. Se era isso que ela tinha que fazer, era isso que faria.

– Se você demorar, eu venho te buscar. – Disse ela, sorrindo em meio às lágrimas. Então, Andrew também sorriu.

Ralph os observava de longe, em pé sobre as escadas do hospital enquanto Andrew e Julie se abraçavam no banco do jardim. Ele sorriu maliciosamente, e em seguida entrou no prédio.

* * * * * * *
* * * *

Julie havia tomado a decisão de pedir demissão no dia seguinte, com a ajuda de Andrew. No fim das contas, percebeu que ele estava certo. Na sua última noite em Waverly Hills, ela passou no quarto dele.

Ela estava com uma expressão facial muito melhor e já tinha recuperado a cor em seu rosto e o brilho em seus olhos. Ali, com Andrew, conversaram a noite inteira, se tornaram mais próximos e apaixonados do que nunca, e a conexão entre eles ficou evidente para os dois.

Fizeram amor duas vezes naquela noite, e trocaram palavras carinhosas pela primeira vez. Andrew a disse que a amava e ela disse o mesmo. Estavam tão felizes juntos que nem ao menos notaram Ralph observando-os pela janela da quarto com um sorriso malicioso no rosto, pensando o quanto John Hoffman ia gostar daquela informação.

* * * * * * *
* * * *

Julie estava confiante e segura de si naquela manhã de outono quando bateu na porta da sala de John. Levava um sorriso no rosto e uma excitação nos olhos. Finalmente veria e novo sua família e teria sua antiga vida de volta.

– Pode entrar. – Julie ouviu John dizer de dentro da sala.

Ela entrou e fechou a porta atrás de si.

– Bom dia Dr. Hoffman. – Disse ela, e ele a olhou.

John Hoffman a observava com um sorriso malicioso no rosto e certeza

em seus olhos verdes, como se estivesse esperando que ela fosse vê-lo naquela hora da manhã.

– Bom dia, Julie. – Respondeu como se estivesse com bom humor. Ela nunca o havia visto daquele jeito.

– Eu vim para...

– Não diga nada. – Interrompeu ele, levantando-se de sua cadeira e indo em sua direção. – Há algo que gostaria que testemunhasse.

– Mas...

– O que quer que vá me dizer, pode esperar alguns minutos. Venha comigo.

Ele a levou pelo braço com delicadeza, gentilmente para fora da sala. Ela então o seguiu pelos corredores, até perceber que ele a levava para a sala de eletrochoques.

Ela recuou por algum tempo, quando percebeu do que se tratava. Deveria ter imaginado que seria algo desumano, vindo de John. Tentou parar de andar mas ele a puxou com mais força pelo braço, empurrando-a para frente dele e agora levando-a pelos ombros.

– Eu realmente não gostaria de testemunhar mais nada dos tratamentos de choque, Dr. Hoffman.

– Mas Julie, esse é especial. Tenho certeza que você gostaria de ver esse.

Ela tentava parar, mas ele a empurrava com violência. Quando eles finalmente entraram na sala de eletrochoques, Steve e Carter já estavam lá, um de cada lado da maca, que levava um paciente já amarrado à ela com o mordedor na boca e o equipamento já colocado em suas têmporas.

Naquele momento, Julie entendeu do que se tratava. O Dr. Hoffman era ainda mais sádico e desumano do que ela pensava que ele fosse. Ela o havia subestimado. Ele fazia questão que ela presenciasse o tratamento de Andrew porque talvez sabia do seu envolvimento com ele.

– Oh Deus, Dr. Hoffman. – Exclamou ela ao ver o terror nos olhos azuis

de Andrew na maca. – O que foi que ele fez? Por que está fazendo isso?

– Acredito que você sabe, Julie, o porquê de eu estar fazendo isso. – Respondeu ele, segurando-a pelos ombros enquanto ela tentava se soltar de suas mãos fortes. – Agora olhe atentamente ao seu sofrimento.

Steve ligou o equipamento e Andrew levou um forte choque nas têmporas, soltando um grito abafado pelo mordedor.

– NÃO! – Gritava Julie. – NÃO FAÇAM ISSO, POR FAVOR, PAREM!

O choque se estendeu por longos segundos. Steve desligou a máquina por um momento, e Andrew parou de agonizar por um tempo, respirando pesado.

Aquele olhar que Steve deu à Julie naquele momento ela nunca iria esquecer. Um olhar que a dizia, sem que ele precisasse dizer uma palavra, que ele estava se vingando do “não” que havia recebido dela. Um sorriso no canto da boca sem mostrar os dentes acompanhava aquele olhar em uma expressão perfeita de ódio.

– Tudo bem. – Disse Julie. – Ele teve o que merece, vocês provaram seu ponto, agora deixe-o ir.

Os três homens ali em pé riram daquelas palavras.

– Julie, isso está apenas começando. – Respondeu John, e naquele momento Carter se aproximou para ajudá-lo a segurá-la.

Steve então aumentou a frequência do choque e ligou a máquina novamente, e Andrew de novo começou a agonizar, contorcendo o corpo amarrado à maca com os olhos fechados e um grito abafado soando pela sala.

Aquilo era horrível de presenciar, e Julie fechou os olhos enquanto tentava se soltar das mãos de John e Carter, que a obrigavam a ficar ali.

– Parem, por favor... – Agora ela chorava.

Steve desligou a máquina mais uma vez. O corpo de Andrew relaxou por um momento enquanto os olhos continuavam fechados tentando se recuperar daquilo.

Os enfermeiros riram da situação. Estavam se divertindo. Julie abriu os olhos.

– Vai ficar tudo bem, Andrew. Está bem? Vou cuidar de você quando sair daqui, eles vão ter o que merecem.

John gargalhou.

– Julie, sua ingenuidade me diverte. – Ele disse, e trocou olhares com Steve.

Naquele momento, Steve colocou a máquina na potência máxima. Os olhos de Julie arregalaram-se e ela se debateu o máximo que podia para se soltar da força de John e Carter, mas era inútil.

– PAREM! PAREM, NINGUÉM NUNCA RESISTIU A ESSA POT...

Steve ligou a máquina e o corpo de Andrew agora tremia violentamente, como se ele estivesse tendo uma convulsão. Sua boca espumava, e escorria por de trás do mordedor. Seus olhos azuis agora não estavam mais fechados, e sim arregalados e virados para cima, quase que completamente brancos.

Julie implorava cada vez mais, com o rosto vermelho banhado em lágrimas, e agora John e Carter a seguravam acima do chão, enquanto ela chutava o ar inutilmente.

Aquilo pareceu ter durado uma eternidade.

– VOCÊS VÃO MATÁ-LO! VOCÊS...

Steve desligou a máquina, e Andrew permaneceu deitado na maca com os olhos arregalados e virados para cima. Os instrumentos colados às suas têmporas foram removidos, deixando enorme marcas vermelhas em sua pele. O mordedor também foi retirado de sua boca, de onde ainda escorria espuma. Ele não respirava mais. Andrew Feller estava morto.

Eles largaram Julie e ela caiu no chão de joelhos, enquanto chorava desesperadamente.

– Por que vocês fizeram isso? Por que são pessoas tão horríveis? – Ela perguntou em meio a lágrimas e soluços, com uma voz estridente e rouca ao mesmo tempo. Afundou o rosto em suas mãos, ainda não acreditando no que

havia acabado de testemunhar.

Os três se entreolharam, e os enfermeiros retiravam os cintos que prendiam o corpo à maca.

– JÁ CHEGA, EU VOU EMBORA DAQUI! VOCÊS VÃO PAGAR POR ISSO NEM QUE SEJA A ÚLTIMA COISA QUE EU FAÇA, ESPERO QUE VOCÊS QUEIMEM NO INFERNO! – Gritou ela o mais alto que pôde, enquanto se levantava do chão. Estava completamente fora de si, enlouquecida e incrédula.

John riu ainda mais.

– Isso é ridículo, Srta. Hasherfield. – Disse ele, calmamente, levando uma das mãos ao seu ombro e mostrando-lhe um pedaço de papel que parecia ser uma ficha de um paciente. Mas a ficha também levava uma foto. Uma foto de Julie. – Quem acreditaria em uma paciente da ala psiquiátrica completamente fora da sua saúde mental?

Julie olhou para a ficha nas mãos de John. Levava o seu nome em letras manuscritas e sua foto vestida de enfermeira, que havia tirado pouco depois de ter entrado em Waverly Hills.

– Isso é ridículo, vocês não podem me internar. – Disse ela, tentando sair pela porta da sala, mas ele a impediu.

– Já cuidamos da sua ficha, Srta. Hasherfield. Como você pode ver aqui. Assinada pelo governo de Kentucky. Motivo: Ninfomania e histeria. Sabe, o seu comportamento foi indevido para uma enfermeira do hospital. Envolver-se com um paciente é contra as regras daqui e mal visto pela sociedade lá fora. Vergonhoso ter que terminar assim, Julie.

Sua expressão facial continuava característica dele. Olhos que esbanjavam segurança, um sorriso malicioso sem mostrar os dentes e uma personalidade sádica e sombria. Quase monstruosa.

– Não tenho tempo para as suas idiotices, John. Vou falar com meus pais, isso não vai acabar assim.

– Lamento que terá que ser internada imediatamente, Julie. – Disse John,

enquanto Steve e Carter a seguravam pelos braços com força.

– O quê? Vocês estão falando sério? Me soltem! Agora!

Ela tentava se soltar inutilmente, enquanto eles a levavam para fora da sala.

– Leve-a para o quarto 502. – Ordenou John aos enfermeiros. – O quarto que ela ficará para o resto dos seus dias. Troquem-na e mediquem-na para que ela não seja um problema, e, se for, levem-na para a hidroterapia.

Steve e Carter a levavam enquanto ela gritava e tentava se soltar, debatendo-se no ar.

– É inútil resistir, Julie. – Disse Carter enquanto a segurava.

– E avisem a família! – Disse John em um tom de voz alto antes de saírem da sala.

Julie percebeu que aquilo estava mesmo acontecendo, e eles eram capazes de tudo para conseguirem o que queriam, apenas porque podiam. Estavam falando sério, e agora ela era mesmo uma interna. Sentiu que os piores dias de sua vida ainda estavam por vir, e que sair de Waverly Hills seria mesmo impossível.

Capítulo V
PURGATÓRIO

Julie estava sentada na cama do quarto 502, vestida com roupas de paciente do hospital. Roupas que viu tantas pessoas usarem ao longo dos anos que trabalhou ali, que representava o sofrimento dos internos, e agora representava o seu.

Ela não tinha colega de quarto e passava os dias olhando para a parede, trancada no quarto, assim como Andrew fazia nos seus primeiros dias ali. Agora ela o entendia.

Sentia-se dopada e fraca o tempo todo. Era diariamente medicada com pílulas fortes e mal tratada pelos enfermeiros. Enfermeiros que antes eram seus colegas e agora tiravam vantagem dela. Não havia nada que pudesse fazer. Convivia com os olhares de pena. Agora todos ali viam-na apenas como uma paciente insana, sem levar em consideração sua história ou a pessoa que um dia conheceram. Levaram em consideração apenas seu diagnóstico falho.

“O mundo é hipócrita”.

Sua porta tinha diversas marcas de unhas do lado de dentro, feitas por Julie nos primeiros dias que passou ali. Não aguentava mais, e, mesmo que tivesse mesmo problemas mentais, aquele lugar apenas pioraria sua situação.

Estava ali há uma semana e estava um inferno. Aquele quarto era o quarto que Mary havia morrido em frente, e John sabia disso antes de colocá-la ali. Durante a noite Julie ouvia barulhos de corda balançando, como se segurasse algo pesado. O barulho do corpo de Mary indo de um lado para o outro.

Julie estava muito mais magra do que de costume e os ossos do seu peito estavam muito visíveis. Ela mal comia ou falava. Achava que estava entrando em depressão. Mas tinha fé dentro de si que seus pais a salvariam daquela situação.

Era fim do dia quando Jerry aproximou-se de sua porta. Ela não o via

desde que haviam enterrado o bebê de Mary em segredo.

– Eu lamento muito, Julie. – Disse ele apenas, e ela olhou em sua direção.

Ela estava com olheiras profundas e pálida, como se fosse uma viciada passando pelo processo de desintoxicação. Não tomava banho há dias.

Jerry se aproximou de sua cama, onde ela estava sentada sem nem ao menos olhar para ele. Ela sentia vergonha de si mesma, e ele entendia isso.

Ele pigarreou e pegou uma carta de dentro do seu casaco.

– Eu sei que não deveria estar fazendo isso, mas pela nossa amizade acho que te devo uma ajuda. – Entregou a carta à ela. – É dos seus pais.

Ela finalmente olhou para ele, pegando a carta em mãos em um gesto quase bruto. Abriu a carta rapidamente, jogando o envelope no chão, com as mãos tremendo. Um pingo de esperança tomou conta do seu coração.

– Julie. – Ela disse, lendo a carta em voz alta. – É com um grande pesar no coração que seu pai e eu a dizemos que estamos decepcionados e envergonhados devido à sua posição no hospital. Nunca pensamos que você pudesse nos decepcionar mais do que seu irmão o fez. Estamos incrédulos em pensar o quanto falhamos como pais, como nossos dois únicos filhos, que sempre tiveram tudo, puderam acabar dessa maneira. Esperamos que você melhore, mas não nos procure. Ficaremos melhores sem precisar viver com essa humilhação. Mamãe e Papai.

Julie sentiu perder o chão naquele momento. Deixou a carta cair por entre os dedos. Jerry estava boquiaberto ao ouvir aquelas palavras, e sentiu-se culpado por um longo período de tempo, até que teve coragem de falar alguma coisa.

– Oh Julie, eu lamento muito. Sou um velho idiota, eu deveria ter lido a carta antes de trazê-la aqui. Seu eu soubesse que escreveriam isso, eu jamais teria lhe entregado. Me desculpe. Por favor, me desculpe.

Ele tremia, enquanto ela permanecia observando a parede em sua frente. Ela não disse mais nada ao longo do dia.

Jerry pigarreou mais uma vez. Estava nervoso e sentindo-se mal por ela. Jamais se livraria daquela culpa de tê-la entregado a carta dos pais, mas talvez pudesse se redimir. Pegou mais uma coisa em seu paletó e a entregou.

– Peguei isso para você, também. – Estendeu o diário dela em sua direção. Ela o olhou e pegou-o de suas mãos, com os olhos cheios d'água. – Mas não se preocupe, eu não o li. Eu o peguei enquanto ajudava Katia a arrumar o seu quarto e guardar os seus pertences. Ela não viu que eu o peguei. Pensei que viria a precisar dele, agora ainda mais do que nunca.

Julie assentiu, e ele percebeu um agradecimento em seus olhos molhados. Entregou-lhe também uma caneta, pois os internos não tinham acesso a esse tipo de coisas sem supervisão. Ela sabia que deveria deixar aquilo em segredo. Era um gesto simples, mas extremamente gentil. Mais gentil do que qualquer outra pessoa ali dentro.

Jerry vestiu seu chapéu e saiu do quarto.

Agora ela estava sozinha, inteiramente. Havia sido abandonada pelos próprios pais que ajudou ao longo de tanto tempo, suportando mais do que aguentava colocando-os sempre a frente de si. Seu grande amor havia morrido. Sua amiga e colega de quarto havia sido encontrada morta pendurada em frente ao quarto que Julie agora dormia. Ela realmente não sabia o que fazer e perdeu totalmente as esperanças de poder sair dali.

"Minha vida se foi, mas sou paciente.

Meu cérebro não é inteligente o suficiente para saber

Caindo com os meus pensamentos

Cordas esperando para que eu me enforque nelas."

Lembrou do que Mary a havia dito no seu primeiro dia.

"Uma vez que uma pessoa é destinada a Waverly Hills, ela nunca mais sai." E nenhuma das duas saiu.

* * * * * * * * * * * *

Durante anos que passou naquele quarto, Julie vivenciou diversas coisas. Coisas que nem ao menos sabia se eram reais.

Ela via a si mesma jogando-se da janela todas as noites, repetidas vezes, usando roupas de enfermeira.

Ela escutava grunidos vindos de fora do quarto e via uma sombra negra passando pelos corredores, por debaixo de sua porta.

Ela ouvia os barulhos de chaves de Ralph andando pelos corredores que a assustavam mais do que qualquer coisa. Tinha medo de que ele deixasse alguém entrar no seu quarto no meio da noite, como havia acontecido com tantas mulheres ao longo dos anos de funcionamento do hospital.

Ela ouvia o som de uma corda balançando de fora do seu quarto, e às vezes podia ver o corpo de Mary enforcado em frente à porta através da janela de vidro.

Ela via Beth e Jane olhando-a na cama do seu quarto, apontando o dedo e rindo dela, com aquelas risadas tão características.

Ela via bolas de plástico infláveis vindo em direção à ela no quarto, mesmo sem ter a explicação de como aquelas bolas iam parar ali.

Algumas vezes podia ouvir socos e chutes vindos do andar de baixo, da sala de cirurgias, e poucas vezes via a silhueta de um médico com cabelos descabelados vestindo um jaleco branco e sujo andando de um lado para o outro no corredor.

Julie havia chegado a um certo ponto que não aguentou mais, e acabou ficando agressiva e histérica por diversos motivos. Gritava todas as noites devido ao que via e ouvia, com medo do seu próprio quarto de hospital, e ninguém vinha salvá-la ou tirá-la dali. Não sabia se deveria temer mais sua mente ou os enfermeiros do hospital. Negava-se a cooperar com Steve e Carter. Com razão. Não confiava neles e eles eram o motivo de ela estar ali, sofrendo.

Certo dia, Julie mordeu Steve na mão quando ele tentou tocá-la. John então ordenou que ela fosse enviada para a hidroterapia pela primeira vez. Por

ironia, isso ocorreu no seu aniversário de 22 anos. Ela lembrava disso muito bem porque John havia comentado algo dizendo que aquele seria o seu presente.

Aquilo a acalmou, mas a deixou levemente resfriada e ela temeu ter sido infecctada pela tuberculose. Mas depois de um tempo parou de tossir e viu que não estava seriamente doente. Era apenas um efeito colateral do tratamento.

No Natal daquele ano, 1935, a ala infantil havia recebido mais um menino, de 8 anos, chamado Drake Olive, mais um menino sem família. Seus pais haviam morrido em um acidente e ele viveu sozinho por um ano até contrair tuberculose e ser enviado pelo governo para Waverly Hills. Julie nunca havia falado com ele, devido à tentativa de não mistrarem pacientes adultos com crianças, mas ás vezes ela o via de longe brincando com as bolas de Timmy, o que ela achou estranhamente bonito. Enquanto Drake esteve em Waverly Hills, as bolas não foram mais lançadas em direção à Julie. Mas a estadia do menino ali não durou muito, e Drake morreu no verão de 1936, perto do aniversário de Julie. Depois de sua morte, as bolas voltaram a aparecer nos lugares mais estranhos e desertos do hospital.

* * * * * * *

* * * *

E assim os anos se passaram, parecendo uma eternidade. Ela permaneceu internada em Waverly Hills por mais tempo do que trabalhou ali, e, apesar de saber que jamais sairia dali, não tinha coragem para levar a cabo seus pensamentos suicidas.

Julie estava em uma banheira de água fria na hidroterapia em um dia frio de 1940, enquanto Carter a acompanhava. Um paciente estava na banheira ao lado de Julie, pálido, com os lábios roxos de frio. Ele não falava nada e seus olhos estavam fixados na parede em frente à eles, semicerrados, parecidos com os olhos de Jane quando ela morreu.

Não demorou muito até que Julie notasse que ele estava morto. Naquele

momento, Julie viu Beth e Jane brincando ao redor dele por alguns segundos, e depois elas desapareceram.

– Carter... Carter, ele está morto. – Disse Julie apenas com a voz rouca, com poucas forças dentro de si, como se estivesse congelando.

Carter olhou para o paciente e viu que ela estava certa. Examinou-o lentamente e confirmou a dúvida. Foi tirando-o da banheira e colocou-o em uma maca, tirando-o da sala. Julie ficou sozinha por alguns minutos.

Sentiu fraqueza naquele momento, como se estivesse passando mal, e mais frio do que já estava sentindo. Sentiu uma tontura e começou a cogitar que seria a próxima a morrer.

Sua visão embaçada e turva viu a silhueta de uma idosa parada na porta, olhando-a. Em seguida, ouviu as risadas características de Beth e Jane.

– Juuulieee... – Ouviu um eco ao vento lá fora.

– Venha ficar com a gente.

– A cura. Peste branca. Não consigo achar a cura.

– Ralph o deixou entrar.

– John fez isso. Não confie em ninguém. Deveria ter ido embora quando eu avisei.

– Juuulieee...

Um cheiro de podre.

– Venha ficar com a gente.

Palavras em latim.

– Que raios de hospital é esse?

– Preciso achar a cura.

– Onde está minha mãe? Não encontro minha mãe.

– Aonde eu estou?

– Ficaremos aqui para sempre.

– Tenho que matar a todos. Você não entende.

– A cura. Costelas serradas. Pulmões infecctados.

Um choro de bebê.

– Juuulieee...

As vozes diversas pareciam estar mais perto agora, falando ao mesmo tempo coisas que agora não estava mais claro para ela. Ela não conseguia mais entender. Sua cabeça doía e ela não podia levar as mãos à cabeça pois estava presa à banheira com seu corpo todo submerso em água gelada.

Estava quase desmaiando, quando sentiu algo a puxando para baixo, de dentro da água, como se houvesse mais alguém ali na banheira com ela. Como se fossem aquelas mãos surgindo de baixo da terra do bosque.

Julie começou a se debater tentando fugir daquelas garras que a puxavam para baixo, e sua cabeça estava acomeçando a afundar na água.

– Venha ficar com a gente.

Julie gritou com todas as forças que encontrou dentro de si enquanto se debatia, e não conseguia sair da banheira. Estava presa. Seu corpo era puxado cada vez mais para baixo, como se a banheira não tivesse fundo.

Carter entrou correndo na sala de hidroterapia, perguntando-se o que estava acontecendo. John apareceu logo em seguida, atrás de Carter. Julie não sentiu mais nada a puxando e parou de gritar.

– Mas o que está acontecendo aqui? – Perguntou John em um tom autoritário.

– Desculpe doutor, fui levar o corpo do paciente que não resistiu ao necrotério e deixei-a sozinha por alguns minutos.

– Mas isso é um absurdo, ela está completamente fora de si. Leve-a para a sala de eletrochoques.

– NÃO! – Gritava Julie, agora ainda mais alto. – NÃO!

Ela nunca havia levado eletrochoques antes, e aquele dia seria sua primeira vez. Carter a retirou da banheira com dificuldades, com a ajuda de Steve, e amarraram-na na maca, levando-a à sala de eletrochoques.

Naquele momento, Julie temeu por sua vida. Temeu que fariam com ela o mesmo que fizeram com Andrew. Mas talvez fosse melhor assim, sofrer apenas alguns minutos antes de morrer seria melhor do que sofrer durante a vida

inteira.

Ela gritou até levarem-na até a sala e colocarem o mordedor em sua boca. Em seguida sentiu algo gelado em suas têmporas e sabia o que iria sofrer. John entrou na sala. Jamais poderia perder aquela cena de horror.

O aparelho foi ligado e Julie sentiu um forte choque percorrer todo o seu corpo, enquanto tentava aguentar aquela agonia. Pôde ouvir John rindo logo em seguida que o aparelho foi desligado, e sentiu como se seu cérebro tivesse amolecido.

Nenhum medicamente seria capaz de dopá-la daquele jeito. Duvidou que um dia voltaria ao normal. Não sabia ao certo quantas sessões de choque levou, pois depois de um tempo, parou de senti-las. Sentiu por fim a maca sendo movida em direção ao seu quarto enquanto ela não conseguia se mexer. Foi colocada na cama e ali ficou deitada até a noite, olhando para o teto enquanto o tempo passava, que para ela, durou segundos. Mas já havia anoitecido e ela ainda não havia conseguido se mexer.

Sentiu um cheiro de urina e um líquido molhar seu colchão abaixo de sua virilha. Em seguida, tudo o que se lembrou foi de Ralph destrancando a porta, e em seguida Steve entrou no quarto. Deitou-se sobre Julie retirando sua calcinha molhada e estuprou-a sem que ela pudesse reagir. Apenas algumas lágrimas escorreram pelo seu rosto.

Em seguida, ela desmaiou, e só acordou no dia seguinte.

* * * * * * * * * * * *

Um ano havia se passado desde sua primeira sessão de eletrochoques e Julie estava pior do que já esteve em qualquer dia em sua vida. Sua beleza não existia mais. Seus olhos nunca mais voltaram a brilhar e ela estava tão magra e abalada que jamais voltaria a olhar para si da mesma maneira que olhava antes.

Seu quarto estava totalmente rabiscado, das paredes ao teto, com frases e

palavras aleatórias que ela havia escrito ao longo dos anos que passou ali, naquele quarto 502, vendo coisas e sofrendo dos mais diversos abusos. Havia encontrado um pedaço de carvão um dia na cozinha e levou-o ao seu quarto. Parecia que ficava em um quarto abandonado. Ninguém dava importância àquilo.

“O mundo é hipócrita” “A cura” “Ralph o deixou entrar” “John chutou a cadeira” “O mundo me fez assim” “Quem são os verdadeiros loucos nesse mundo?” “Todos devem morrer” “Fugir é inútil” eram algumas das frases que se encontravam na parede que eram legíveis. Seu diário levava mais frases e diversos pensamentos de agonia. Escrever o que ouvia todos os dias através das vozes que ecoavam por aquele quarto a trazia certo sentimento de paz de alguma maneira, e a confortavam. Mas jamais preencheriam o vazio que ela sentia dentro de si.

Ao longo do tempo, ela começou a perceber que o hospital foi esvaziando, e pessoas estavam saindo dali de outra maneira além do túnel. Saíam dali curadas. Saíam felizes e saudáveis, e voltavam para as suas famílias aos montes.

Julie podia ver tudo através da janela, e cogitou que talvez finalmente houvessem encontrado a cura que Joseph tanto tentava buscar.

Jerry parou em frente à porta do seu quarto, agora ainda mais velho do que era no início. Usava um terno e um chapéu social. Não usava suas roupas de trabalho. Parecia que ele iria viajar.

– Vim me despedir, Julie. – Disse ele.

– Aonde vai?

– Meus trabalhos aqui não são mais necessários. O hospital está perdendo internos.

– Estou percebendo. Você sabe o motivo disso?

– Antibióticos. – Respondeu ele. – Descobriram a cura, Julie.

Ela o olhou fundo nos olhos como nunca o havia olhado antes. Deixou que algumas lágrimas caíssem pelo seu rosto. Talvez lágrimas de esperança,

alegria. Lágrimas de uma mulher que um dia trabalhou tentando ajudar aquelas pessoas que agora finalmente tinham esperança de conseguir se curar.

– O que? – Pensou não ter ouvido direito.

– Pílulas que matam as bactérias. Estão enviando medicamentos para cá, e não vai demorar muito até que todos saiam daqui e Waverly Hills feche as portas. Por um lado é uma ótima notícia, não é mesmo?

Julie estremeceu ao ouvir aquelas palavras. Tudo fazia sentido. Jerry, que era o responsável por cavar covas, drenar e transportar corpos e cuidar das correspondências não teria mais muito trabalho a fazer. Seu emprego dependia do sofrimento dos internos e, por mais que ele não se orgulhasse disso, era o seu sustento.

O túnel havia sido automatizado e agora os carrinhos chegavam atém a base da colina e voltavam sozinhos. Havia facilitado o trabalho de Jerry, mas àquela altura o túnel não era mais usado com tanta frequência.

– Bem, eu não tenho do que reclamar. Vou me aposentar em breve, e o mundo está em guerra. Estou ficando velho e pretendo passar o resto dos meus dias com a minha família.

Julie engoliu o choro naquele instante. Ela jamais poderia dizer o mesmo.

– Espero que você seja muito feliz, Jerry. Obrigada por tudo.

– Oh minha pequena Julie. – Ele se aproximou dela e ela se levantou da cama, abraçando-o por um longo tempo. – Eu lamento muito que as coisas tenham acabado assim para você. Mas pode ter certeza. Eles vão ter o que merecem. Talvez não hoje, não amanhã, não em dez anos. Mas eles vão sofrer tudo o que te fizeram sofrer. – Seria a última coisa que ele havia dito à ela. Limpou as lágrimas do rosto dela com o polegar em um gesto gentil, quase paternal.

Ela assentiu e o agradeceu, em vão.

Em seguida, se afastou e saiu do quarto, indo embora de Waverly Hills para sempre.

* * * * * * *
* * * *

Naquela noite, Julie dormia em um sono profundo que há anos não conseguia dormir. Sonhou que presenciava a morte de Mary. Era como se ela estivesse lá. O choro, as luzes, o hospital deserto.

Mary Hillenburg morreu em um dia em que todos do hospital foram obrigados a passear no jardim para um banho de sol. Exceto por ela mesma, Steve, John, Ralph e Carter. Como Julie havia sido tola em não perceber aquele detalhe.

Viu Mary chorando deitada sobre uma maca da sala cirúrgica do quarto andar, enquanto seus berros eram sufocados por um pano amarrado em sua boca. Steve e Carter a seguravam enquanto John mexia por entre suas pernas abertas e suspensas, amarradas a equipamentos cirúrgicos.

Sangue escorria por entre as pernas enquanto John retirava de lá partes de um feto de 15 cm. Mary chorava ainda mais de dor, agonia e tristeza. O médico jogou o feto na pia como se não fosse nada de mais, e em seguida tentou conter o sangramento. Mas era possível perceber que estava fora de controle.

Mary estava com uma hemorragia e não havia nada que pudesse ser feito. Estava pálida e suada, com seus cabelos negros colados ao rosto molhado.

– Ela vai morrer. – Havia dito Carter enquanto a segurava.

John Hoffman soltou um suspiro. Carter estava certo. Ele precisava agir rápido, antes que alguém os visse ali.

– Não podemos deixar que ninguém saiba o que houve aqui. – Disse John, olhando para os demais presentes.

Assim, levaram Mary dali, que já estava fraca e sem forças o suficientes para tentar gritar ou se defender. Levaram-na para o quinto andar, em frente ao quarto 502. Ralph estava fazendo o nó da forca, pendurando a corda nos panos enquanto Mary apenas esperava seu destino.

– Não temos muito tempo. – Havia dito Steve, e em seguida posicionou o corpo de Mary com a forca em seu pescoço, segurando-a sobre uma cadeira.

– Não... – Era tudo o que Mary conseguia dizer com uma voz fraca e lenta.

O sangue não parava de escorrer. Seu rosto estava branco como de um fantasma, assim como seus lábios que um dia foram vermelhos como sangue.

Julie pôde ver Ralph, Steve e Carter ficarem de costas para Mary enquanto ela se apoiava na corda, em uma tentativa falha de retirá-la do seu pescoço. John chutou a cadeira com raiva, com aquele olhar e sorriso malicioso no rosto. Como se ele tivesse gostado de fazer aquilo. O corpo de Mary caiu, ficando pendurado a poucos centímetros do chão, onde o sangue que escorria do seu corpo pingava.

O corpo de Mary agonizou por alguns minutos antes de ficar imóvel, enquanto a corda balançava lentamente de um lado para o outro, fazendo aquele barulho inconfundível. Eles a ouviram morrer, mas não quiseram olhar. Apenas John a observou morrendo, como se estivesse gostando daquilo. Ele quis ter certeza de que ela não o iria incomodar novamente, ameaçando-o de estragar sua carreira.

Carter jogou o bebê no poço assim que pôde, enquanto John, Steve e Ralph limpavam a sala de cirurgias.

Julie acordou naquela noite em um pulo, respirando ofegante e suando. Ainda podia ouvir a corda balançando do lado de fora do seu quarto.

* * * * * * *
* * * *

John entrou no quarto de Julie no dia seguinte, a primeira coisa que fez naquela manhã. Ela estava mais quieta do que de costume, depois daquele sonho terrível que ela teve à noite.

Depois daquilo, ela percebeu o quão terríveis eram as coisas que

aconteciam em Waverly Hills. Era como se fosse um tapa na cara, um aviso que a deveria fazer acordar e perceber o que realmente acontecia ao seu redor. E talvez o verdadeiro terror de Waverly Hills não fossem os fantasmas ou a Peste Branca, afinal. O verdadeiro terror ali eram as pessoas corrompidas, desumanas e más. Pessoas que deveriam estar ali para ajudar, e não para tornar as coisas ainda mais insuportáveis.

John olhou-a por alguns segundos enquanto ela encarava a parede do quarto, sentada na cama. Ela lembrava muito Andrew Feller, que agora estava enterrado no cemitério do hospital.

– Levem-na para a hidroterapia. – Ordenou John Hoffman, e em seguida Carter e Steve entraram no quarto.

Ela olhou para ele em um pulo.

– O que? Por quê? O que foi que eu fiz?

– Você me irrita, Srta. Hasherfield, e hoje estou entediado. – Respondeu ele, rindo. – Talvez seja engraçado vê-la entrar em pânico de novo, naquela banheira de água gelada.

Steve e Carter aproximaram-se dela e pegaram-na pelos braços. Ela se debatia, tentando se soltar.

– Vocês são loucos, vocês que deveriam estar no meu lugar!

Ela ia sendo levada para fora do quarto, quando percebeu a mancha de sangue no chão de concreto em frente à sua porta. Desde que Mary havia morrido, aquela mancha no chão nunca havia saído dali, por mais que tentassem limpá-la.

– Grite o quanto quiser, Julie. Assim eu só te deixo mais tempo lá para se acalmar.

Ele se afastava lendo algumas fichas em uma das mãos, quando um grito dela o fez parar.

– EU SEI O QUE ACONTECEU COM MARY!

Os três pararam naquele instante, e John virou-se em sua direção.

– O que disse?

– Eu sei o que aconteceu com ela. – Repetiu.

– Eu também sei, Julie. Todos nós sabemos. Ela se enforcou aqui.

– Não se faça de idiota, Dr. Hoffman. Eu sei o que realmente aconteceu com ela.

Steve e Carter olharam para ela pronunciando aquelas palavras, e depois olharam para John, como se perguntassem o que deveriam fazer em seguida. O médico ainda a olhava profundamente nos olhos.

– Eu temo não estar entendendo o que você quer dizer.

– Ah, você sabe. Você sabe o que a obrigou a fazer. Você sabe que fez um aborto nela contra a sua vontade e as coisas fugiram do controle. Ela ia morrer. E como ninguém podia saber e você não podia correr o risco que os outros soubesse, forjou o enforcamento dela. Você e esses seus cúmplices.

John deu uma risada irônica, como se quisesse dizer com aquele gesto que ela estava fora de si.

– E eu também sei das mulheres desaparecidas. – Continuou Julie, ainda sendo contida pelos enfermeiros. – O que vocês fizeram com elas ao longo dos anos e o que vocês fizeram com Beth. Eu sei o que vocês fazem com as pacientes aqui.

John balançou a cabeça negativamente.

– E como você acha que sabe disso? Dessa alegação tão absurda? Julie, olhe para você. Olhe o seu estado e olhe aonde você está. Você está internada em um sanatório. Tem problemas mentais. Basta olhar em sua ficha para saber dos seus problemas. Quem acreditaria em você?

Ela olhava fundo em seus olhos verdes, com raiva em sua expressão facial. Tudo o que pôde fazer sem pensar foi cuspir em seu rosto.

– Por Mary. – Disse ela, enquanto os enfermeiros ainda a seguravam.

John limpou seu rosto com um lenço que levava em seu bolso, e em seguida olhou para Steve e Carter.

– Eletrochoques. – Disse ele apenas, e em seguida olhou para Julie. – Pode ter certeza que incluirei na sua ficha um tópico de distúrbios de

esquizofrenia. Você é louca, e sempre será tratada como tal. Ninguém nunca vai te dar ouvidos. Agora vá.

Os enfermeiros a levaram para sala de eletrochoques enquanto ela gritava. A silhueta de John Hoffman sumiu em meio aos corredores, e Julie foi subemtida novamente àquele tratamento sádico sem necessidade.

* * * * * * *
* * * *

Julie acordou do seu transe no meio da noite. Havia passado o efeito dos eletrochoques finalmente, e ela pôde voltar a si.

Olhou ao redor. Vozes, risadas, palavras em latim, barulho de corda balançando. Viu a si mesma na janela, pulando em direção à morte. Repetidas vezes. A enfermeira subia na janela, jogava-se e em seguida reaparecia, subindo de novo na janela. Subia, jogava-se, reaparecia.

Julie percebeu então que era o fim. Há muito tempo ela não tinha mais propósito para viver e estava apenas adiando o inevitável.

Ela pegou em mãos seu diário e a caneta que escondia embaixo do colchão, que Jerry a havia entregado quando ele veio visitá-la pela primeira vez. Ela suspirou e começou a escrever nas últimas páginas do diário.

Escreveu sobre o que sabia sobre Mary, sobre o Dr. Hoffman, sobre Ralph e os enfermeiros. Escreveu sobre o que via e ouvia ali todas as noites, sobre as vozes, a sombra, as pessoas que haviam morrido ali.

Em seguida, suspirou em pensar que aquelas seriam suas últimas palavras.

Precisava se despedir de alguma forma, tirar o peso do seu peito que a atormentava. Talvez nunca ninguém leria o que ela tinha a dizer. Talvez John encontrasse seu diário e mandasse destruí-lo, mas era algo que ela tinha que fazer, arriscar. Comunicar-se de alguma forma, tirar tudo o que tinha em sua cabeça antes de morrer, já que estava sozinha e não tinha ninguém para

conversar.

“Minha mente pertence a outro alguém

Estou com medo que meu corpo obedeça

Minha pele está sangrando

Toda essa loucura é sempre desperdiçada”

Passou algum tempo escrevendo tudo o que havia na mente, e, em seguida, fechou o diário e colocou-o de qualquer jeito sob o colchão de sua cama. Suspirou e olhou ao redor. Aquela seria a última lambrança que teria de sua vida.

Levantou-se e seguiu a si mesma, subindo na janela. Abriu-a e sentiu o vento gelado entrar no quarto. Olhou para baixo. Estava a cinco andares de distância do chão.

Começou a ouvir de novo as vozes que a atormentavam.

– Ralph o deixou entrar.

– A cura. Costelas. Pílulas.

– O mundo é hipócrita.

Risadas.

– Tenho que matar a todos.

– Ralph o deixou entrar.

– Você não entende.

– Venha ficar com a gente.

– John chutou a cadeira.

Frases em latim.

– O mundo me fez assim.

– Onde está minha mãe?

– Aonde eu estou?

– A Peste Branca. Costelas serradas. A cura. Por que não consigo achar a cura?

– Que raios de hospital é esse?

Choro de bebê.

E então Julie fechou os olhos e sentiu seu corpo ceder, spermitindo-se cair em direção ao chão.

* * * * * * *
* * * *

– Veja esse lugar, parece abandonado. – Disse John, olhando ao redor.

– Ela estava perdida, Dr. Hoffman. – Havia respondido Carter.

– Quer que mandemos limpar esse local? Pintá-lo? Melhorá-lo? – Perguntou Steve.

– Não. – Respondeu o médico. – É perda de tempo e dinheiro. Com a eficácia dos antibióticos, o hospital está falindo. O governo não nos manda mais tanto dinheiro para esses fins desnecessários. Ralph, tranque esse local e jogue a chave fora. Esse quarto será esquecido no tempo, assim como ela.

Ralph assentiu, e em seguida todos saíram do quarto, aonde Ralph o trancou em seguida.

– O que faremos com o corpo? – Perguntou Carter finalmente.

– Enterrem-no no cemitério. O que mais faríamos com o corpo de uma indigente? Vamos, vocês sabem todo o procedimento daqui. Trabalham aqui há tanto tempo quanto eu. – Suspirou. – Vamos ao menos fazer algo de gentil por essa garota, enterrem-na ao lado de Andrew.

– Sim, senhor.

E ali, para trás, foi deixado o quarto com as paredes rabiscadas de carvão e um diário velho, esquecido embaixo do colchão, com uma ponta para fora.

Capítulo VI
1961

Dois jornalistas ignoraram o aviso de “Não entre” na porta principal de Waverly Hills e entraram no hospital com suas câmeras fotográficas e cadernos de anotações em mãos. O local estava deserto e abandonado.

Depois da descoberta dos antibióticos, a epidemia de tuberculose acabou, e os serviços de Waverly Hills não foram mais necessários. Os poucos pacientes que ainda permaneciam ali foram mandados para outro hospital, e Waverly Hills fechou suas portas em 1961.

Agora o local estava ainda intacto, mas com algumas janelas quebradas, chão e paredes sujos e algumas macas e cadeiras de rodas esquecidas pelos corredores. Era como se tivessem abandonado o local do jeito que estava.

Bill e Gary olharam atentamente ao redor, com suas câmeras em mãos, um pouco assustados.

– Não deveríamos estar aqui, Bill.

– Você quer ter um emprego, não quer? Venha, o que de errado pode acontecer?

Gary engoliu em seco e seguiu-o pelos corredores.

– Você sente cheiro de panquecas?

– Cale-se. – Ordenou Bill.

Eles tiraram algumas fotos dos arredores rapidamente, sentindo arrepios. Os longos corredores, as salas e quartos vazios, as escadas. Tiraram fotos das placas que levavam os nomes das salas e os números dos quartos. Fotografaram as macas de cerâmica do necrotério, as mesas da cozinha, os utensílios cirúrgicos.

Viram as fichas esquecidas de pacientes na sala dos enfermeiros do primeiro andar, e em seguida exploraram todos os andares do prédio, até anoitecer. Precisavam escrever uma matéria perfeita sobre Waverly Hills, e pretendiam absorver o máximo que podiam naquele dia para que não

precisassem voltar em outro momento.

Entraram então na sala de enfermeiros do quinto andar, na ala psiquiátrica. Era como se tivesse sido esquecida no tempo. Ainda haviam raios X sobre a mesa, papéis, fichas de pacientes e algumas fotos.

Gary deixou a curiosidade levá-lo a explorar as poucas fichas que haviam ali.

– Hey, Bill. Veja só os motivos de internação da psiquiatria há 30 anos atrás. Demência, esquizofrenia, depressão, histeria, ninfomania... – Citou ao ler os tópicos diversos das fichas.

– Não mexa nisso. – Disse Bill. – Não podemos interferir nos fatos.

– Acalme-se, ninguém vai saber. – Pegou uma das fichas em mãos, em que a foto da paciente o chamou a atenção. – Veja, é uma foto de enfermeira. – Disse, e leu o nome dela. – Julienne Hasherfield. Admissão na ala: 1933. Morte: 1941. Ninfomania, histeria e esquizofrenia. Envolvimento com paciente da ala psiquiátrica e internada.

– Que horror, Gary, largue isso.

– Veja, ficou no quarto 502.

– E o que isso tem a ver conosco?

– Vamos olhar.

– Já fotografamos centenas de quartos, Gary, mais um não é interessante.

– Oh, vamos lá, ao menos, se estamos invadindo, vamos levar uma história interessante para o jornal.

E Gary saiu da sala, indo em direção ao quarto 502. Bill foi atrás dele suspirando, quase impaciente.

– Já temos material o suficiente, apenas vamos embora daqui. – Pedia Bill.

Gary parou em frente ao quarto 502 e olhou pela janela da porta.

– Uau... – Exclamou. – Bill, veja isso!

E Bill olhou para dentro também. O quarto abandonado por 20 anos o fez estremecer de excitação. As anotações nas paredes, a cama enferrujada com

um colchão velho e sujo sobre ela, a janela quebrada com as cortinas rasgadas voando. Aquilo daria uma boa foto.

Bill tentou entrar no quarto, mas estava trancado. Era o único quarto trancado em todo o hospital.

– Venha, ajude-me a arrombá-la. – Disse Bill, e Gary largou a câmera fotográfica por algum momento, colocando-a no chão.

Chutaram a porta por umas cinco vezes, com todas as forças, até que ela se abriu violentamente para dentro, levantando alguma poeira do chão. Bill tossiu algumas vezes levando o braço à boca.

– Olhe o que fizemos. Estamos destruindo esse patrimônio.

– Vão ter que fazer alguns ajustes na estrutura de qualquer jeito se quiserem mesmo transformar isso em um asilo. Venha. – Disse Gary, entrando no quarto.

Soltaram uma exclamação assim que entraram, e fotografaram tudo ao redor. As palavras nas paredes se entrelaçavam e algumas eram difíceis de ler, também levando em consideração o tempo que foram escritas.

Ao fotografar a cama, Gary percebeu uma ponta de caderno para fora, debaixo do colchão. Ele pegou o caderninho sem pensar e o abriu, vendo que se tratava de um diário. Ao ler as escritas e poemas que compunham suas páginas, Gary percebeu que era o diário de Julie, a paciente da ficha que o chamou a atenção. Isso confirmava que Julie havia sido a última paciente a ficar naquele quarto. As palavras e fontes usadas para escrever nele eram as mesmas das paredes, escritas em carvão.

E aquele quarto havia sido mantido intocado por 20 anos.

Gary folheou o diário com uma excitação dentro de si, lendo os testemunhos e poemas de Julie, enquanto sentia um frio na espinha a cada página que lia. Arrepiava-se em pensar que tudo aquilo havia mesmo ocorrido em Waverly Hills.

– Bill... Acho que encontramos nossa matéria.

Gary encontrou então as anotações de Julie das últimas páginas, escritas

às pressas, que mais pareciam um testamento ou uma carta de despedida. Leu rapidamente com uma expressão atordoada. Ele entregou então o diário à Bill, aberto nas últimas páginas, as páginas do suposto testamento, e Bill começou a ler.

“Meu nome é Julie Hasherfield e, se alguém está lendo isso, é porque já estou morta. Não me importo realmente se alguém vai ler, apenas me sinto na obrigação de me explicar, a alguém que realmente vai acreditar em mim, o que aconteceu comigo em Waverly Hills.

Dediquei dois anos da minha vida a esse hospital como enfermeira. Vi e vivi coisas abomináveis, inexplicáveis. Vi colegas de trabalho e pacientes queridos morrerem sem que eu pudesse fazer nada do que estava ao meu alcance para salvá-los. Vi tratamentos dos mais desumanos acontecerem aqui, sem nenhum remorso. Vi pessoas sofrerem apenas por divertimento dos meus superiores. Vi corpos sendo transportados aos montes por aquele túnel escuro. Não é assim que as pessoas deveriam ser tratadas depois de sua morte. São pessoas, são seres humanos tratados com descaso como pedaços de carne. E eu também serei tratada assim. Durante meus anos como paciente fui tratada assim, então por que depois da minha morte seria diferente?

Vi crianças serem enterradas como indigentes. Vi e ouvi coisas que não existem. Vi a mim mesma cometer meu próprio suicídio, milhares de vezes, da própria janela do meu quarto. Vi enfermeiras enlouquecerem, tirarem a própria vida e vi minha melhor amiga abortar seu bebê contra a sua vontade e sendo assassinada. Vi o grande amor da minha vida morrer apenas para divertir os miseráveis que trabalham aqui. Vi pessoas me guiarem às suas covas. Vi pacientes matarem outros.

Mas apesar de todo o sofrimento que passei aqui, também fiz amigos e encontrei o verdadeiro amor. Aprendi mais sobre a vida do que qualquer um pode imaginar. Acredito que tudo isso não tenha valido a pena, afinal. Porque o sofrimento, o abuso e a humilhação foram maiores do que as partes boas. Esse lugar no qual eu dediquei minha vida me traiu, e fui internada aqui como louca

contra a minha vontade, assim como a maioria dos outros internos.

A vida foi ingrata comigo. Mas aprendi que as pessoas são hipócritas. O mundo é hipócrita. As pessoas que me julgaram e me feriram são pessoas muito piores do que eu, e elas vivem em liberdade.

Minha família me abandonou para que eu pudesse apodrecer aqui. Nunca saberei o que ganhei em troca de ser boa, de me colocar no lugar dos outros. Se eu tivesse sido ruim ou fria, teria sofrido muito menos. Se eu não tivesse sido tão humana, talvez eu não tivesse passado por nada disso e minha vida seria normalizada agora. Talvez agora, devido a isso, eu entenda a frieza dos outros médicos e enfermeiros.

O hospital foi perdendo pacientes ao longo do tempo, e a epidemia de tuberculose foi diminuindo devido ao descobrimento dos antibióticos. Em troca disso, os médicos não tinham mais muitas pessoas para torturar, por isso faziam isso repetidas vezes com os internos que aqui permaneceram.

Mas, uma vez que uma pessoa é destinada a Waverly Hills, ela nunca mais sai. E essa maldição caiu sobre mim, afinal. Fui vítima da minha própria loucura, eu acho, e o destino que eu deveria ter seguido desde o início.

A janela do quarto 502 será a minha cova, e Waverly Hills, meu purgatório.

Me despeço inutilmente a quem quiser ouvir as últimas coisas que uma paciente da ala psiquiátrica, esquecida por todos e deixada para morrer às traças, tem a dizer. Adeus, mundo que deu as costas a alguém que nunca fez o mesmo por você.

1941”

Bill sentiu calafrios ao terminar de ler aquilo. Em seguida, olhou para Gary.

– Leve a ficha e a foto dela. Ela iria querer que publicássemos isso.

O quarto pareceu mais frio, e eles ouviram um barulho de chaves se aproximando.

– Tem alguém aqui? – Perguntou Gary, e em seguida Bill olhou para fora do quarto.

Os corredores estavam desertos.

– Vamos sair daqui. – Disse Bill.

Gary o seguiu até a saída do hospital.

– Você não sente cheiro de panquecas? – Foi Bill quem perguntou dessa vez.

Saíram de Waverly Hills em direção ao carro de Bill que os aguardava em frente à porta da frente. Deram partida e desapareceram pelo caminho da colina, em meio às árvores do grande bosque que rodeava Waverly Hills, iluminadas pela luz da lua.

Da janela do quarto 502, Julie os observava se afastando. Respirou fundo sentindo o vento gelado daquela noite tocar-lhe o rosto pálido, e em seguida deixou seu corpo cair em direção ao chão. Depois de alguns segundos, reapareceu no quarto, subiu na janela novamente, e deixou o corpo cair.

E era assim que Julie passaria a aternidade, escutando um barulho de corda balançando atrás de si.